anxa
91-B
22376

Memoria

Sobre

os

Vasos Murrhinos

1842

MEMORIA

SOBRE OS VASOS MURRHINOS.

POR

Joaquim José da Costa de Macedo,

Do Conselho de Sua Magestade, Commendador da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, e Official da Ordem Imperial do Cruzeiro:

Secretario perpetuo da Academia Real das Sciencias de Lisboa, e Socio de muitas outras Academias e Sociedades Scientificas e Litterarias da Europa e da America.

LISBOA

NA TYPOGRAFIA DA MESMA ACADEMIA.

1842.

Digitized by the Internet Archive
in 2016

https://archive.org/details/memoriasobreosva00mace

EMENDAS E ADDIÇÕES.

Erros	*Correcções*
Pag. 3 nota, l. 2 — ou	on
—— 9 nota, l. 11 — four	tour
—— 12 nota, l. 1 — la	sa
—— 19 l. 1 — de louça	forno de louça
—— 23 l. 1 — vermelho	n'hum vermelho
—— 25 nota, l. 1 — roit	droit
—— 26 l. 11 — a	á
—— 28 nota, l. 1 — toute	tout
—— 30 nota, l. 10 — á	à
—— ib. » » — toute	tout
—— 34 nota, l. 8 — a	à
—— 42 l. 15 — do mesmo	do mesmo modo
—— 46 l. 4 — Juriscousulto	Jurisconsulto
—— ib. l. 10 — a que se dava o nome de *lapilli*	a que se dava o nome de *gemmae*, e outras pedras a que se dava o nome de *lapilli*
—— 51 nota, l. 10 — ressemblence	tessemblance
—— 52 l. 1 — analysou	se analysou
—— 55 l. 1 — Lingoa	á Lingoa
—— ib. nota, l. 3 — á	à
—— 56 l. 1 — attribuir	ver attribuir
—— 70 l. 18 — comprehende	comprehendo
—— 71 l. 4 — Guthe Ueber	Güthe-Ueber
—— 75 not. 66, l. 4 — Guthe	Güthe
—— 79 nota, l. 1 — ét	et
—— 83 l. 20 — *iudicadã*	*indicada*
—— 95 nota, l. 4 — L. 37.	L. 37,
—— 99 nota 114, — Nesta Memoria p. 83	Estas palavras pertencem á nota 115, depois de 141.
—— 112 notas, l. 1 — p. 4	p. 41.
—— 116 notas, l. 19 — Intpp	Intpp.

—— 117 Na lingua China chama-se á Myrrha *Mo-yo*, ou *Mu-yo*; e como os Chins não podem pronunciar os — rr —, vem Mo-yo, ou Mu-yo (em Francez *Mou-yo*) a ser o mesmo que *Morryo*, ou *Murryo*. Mr. le Chevalier Paravey — *Dissertation sur les Amazones dont le souvenir est conservé en Chine. Extrait du N.* 1, 3.e *série des Annales de Philosophie Chrétienne.* Paris 1840, p. 10 e 15.

Morryo, ou *Murryo* bem se assemelhão ao nome que tem a Myrrha nas Lingoas Semiticas.

Pag. 113. A côr da Myrrha da melhor qualidade, que se encontra ainda hoje no commercio, he amarella, e mesmo d'hum amarello dourado; e he produzida pelo *Balsamodendron Myrrha* do Sñr. Nees von Esenbeck *Plantae Officinales.* Dusseldorf 1828, T. 1, p. 357, e Tom. 2., Tab. 357, citado pelo Sñr. Dr. Jacob Corinaldi nas suas observações sobre a Myrrha, que vem na Parte primeira das *Memorie Valdarnesi.* Pisa 1835, p. 68 a 72.

Pag. 126 notas, l. ultima	— 177	197
—— 129 nota, l. 14	— ιαρνισσίτην	υαρνισσίτην
—— 139 notas, l. 7	— *nullum*	*nullum*
—— ibid. —— l. 9	— *Wetier*	*Weiter*
—— 145 notas, l. 8	— *mansit*	*mansit*:
—— ibid. ——, l. 10	— e 148	v. 148

MEMORIA

SOBRE OS VASOS MURRHINOS

LIDA NA SESSÃO DE 21 DE MARÇO DE 1838.

POR

JOAQUIM JOSE DA COSTA DE MACEDO.

Os vasos murrhinos, hum dos artigos que figurou em primeiro logar na lista dos objectos do luxo mais exquisito dos Romanos, forão por muito tempo as delicias do Povo mais poderoso da antiguidade; e forão, depois da destruição do Imperio do Occidente, o tormento de todos os que procurárão conhecer e explicar a materia de que erão formados.

Tão variadas e tão oppostas tem sido as opiniões a este respeito que seria mui longo e enfadonho enumeralas todas. Succedendo-se humas a outras, e ás vezes reproduzindo-se debaixo de forma differente, ou com maior apparato de erudição e de argumentos especiosos, tiverão a sorte de todas as hypotheses que não assentão em bases seguras; forão combatidas e não poderão sustentar-se.

Huma destas opiniões he a do Snr. Cavalleiro Bossi

que nas suas observações sobre o vaso que se conservava em Genova com o nome de *Sacro catino* (1) pertende provar que os vasos murrhinos erão de vidro. A reputação do Snr. Bossi, conhecido por muitas obras em que brilha huma erudição profunda, poderia dar á sua hypothese a força que resulta d'huma authoridade respeitavel; e por isso me proponho mostrar que não tem fundamento solido; e applicando ao Snr. Bossi o mesmo que elle diz relativamente a Mr. Hager, e que adiante se verá, sujeitarei a sua opinião a hum exame rigoroso mas imparcial, e explicarei depois o que penso ácerca da materia dos vasos murrhinos.

Porêm como o Snr. Bossi expende e combate as opiniões dos que precedentemente tratárão deste assumpto, para dar huma idea geral delle, em logar de repetir com palavras minhas o que outros referirão, transcreverei o que diz o Snr. Bossi, e continuarei apresentando a sua doutrina com as suas mesmas palavras (2).

» Exporei aqui algumas das minhas observações e » conjecturas sobre os vasos *Murrhinos*, já que huma » digressão que sobre este objecto tinha inserido na mi- » nha dissertação *de Malluvio*, &c. não seria propria » deste lugar, e se tornaria mui longa no texto.

» De tudo o que *Plinio* escreveo a respeito destes » vasos que provavelmente vinhão tanto do Egypto, co- » mo do Paiz dos Parthos (posto que Mr. *Pauw* perten-

(1) Observations sur le vase que l'on conservait à Gênes sous le nom de *Sacro catino*, et sur la note publiée sur ce vase par Mr. Millin. &. Par Monsieur le Chevallier Bossi..... *Turin* 1807. *De l'imprimerie de Jean Giossi* — 8vo.

(2) Je me permettrai ici d'exposer quelques unes de mes observations, et de mes conjectures sur les vases *Murrhins;* attendu qu'une digression sur cet objet, que j'avais insérée dans ma dissertation *de Malluvio* &. serait ici déplacée, et me menerait trop loin dans le texte.

De tout ce que *Pline* a écrit au sujet de ces vases, qui apparemment venaient autant de l'Egypte, que du pays des Parthes, et que

» da que os Egypcios os fazião só espurios) unicamente
» podem colher-se os dados seguintes: 1.° que os *mur-*
» *rhinos* apparecerão pela primeira vez em Roma na oc-
» casião do terceiro triunfo de Pompeo: 2.° que fo-
» rão, desde logo, procurados com afinco, e compra-
» dos por grande preço pelos particulares: 3.° que se
» deo por huma taça, ou por hum copo desta especie,
» o preço exorbitante de 80 sestercios, que montão,
» pouco mais ou menos, a 1:280$000: 4.° que no tem-
» po de *Nero* se conservavão como raridade os fragmen-
» tos d'huma destas taças que se tinha quebrado: 5.°
» que o Consul *Petronio*, quando estava para morrer,
» quebrou hum prato *murrhino*, que tinha custado 300
» sestercios, para que não passasse para a mesa do Im-
» perador, mas que esta perda fora reparada por *Nero*
» que comprou logo outro pelo mesmo preço de 300
» sestercios, convertidos equivocadamente em talentos
» pelo P. Hardouin: 6.° que os vasos *murrhinos* vinhão
» do Oriente do Reino dos Parthos, e sobre tudo da
» Carmania, hoje Kerman: 7.° que de ordinario erão da
» capacidade e da grossura d'hum copo para beber: 8.°

---

cependant *Mr. Pauw* a prétendu n'avoir été que contrefaits par les Egyptiens; on ne peut recueillir, que les données suivantes: 1.° que les *Murrhins* parurent à Rome pour la première fois à l'occasion du troisième triomphe de *Pompée:* 2.° qu'ils furent aussitôt recherchés, et achetés à grand prix par les particuliers: 3.° que l'on paya d'une coupe, ou d'un gobelet de cette espèce, le prix exorbitant de 80 sexterces, ce qui revient à peu-près à 3:000 francs: 4.° que l'on gardait, comme un objet de rareté du temps de *Néron*, les fragments d'une de ces coupes, qui avait été cassée: 5.° que le Consul *Pétrone* en mourant, cassa un bassin *murrhin*, qui avait couté 300 sexterces, pour qu'il ne pût passer à la table de l'Empereur, ce qui pourtant fut réparé par *Néron*, qui en acheta aussitôt une autre pièce pour le même prix de 300 sexterces, que le P. *Hardouin* n'a eu garde de changer en talens: 6.° que les vases *murrhins* venaient de l'Orient, du Royaume des Parthes, et sur-tout de la Carmanie, aujourd'hui *Kerman:* 7.° qu'ils étaient ordinairement de la capacité, et de l'épaisseur d'un verre à boire: 8.° qu'ils avaient

» que tinhão huma especie de esplendor sem brilho, ou
» lustro e limpidez mais propriamente do que esplen-
» dor: 9.° que erão estimados pela variedade das côres,
» humas vezes com manchas brancas e purpureas, outras
» com chamas de fogo, outras com reflexos de luz e
» côres como as do arco celeste: 10.° e que em fim ti-
» nhão pequenas protuberancias á flor da superficie, e
» até algum cheiro agradavel.

» Em tudo isto não ha, como he claro, huma só
» palavra concernente á substancia de que erão feitos
» estes vasos, donde nasceo a multiplicidade de questões
» e d'opiniões differentes em que até agora se tem di-
» vidido os sabios, e que distribuiremos rapidamente
» em tres classes distinctas. A 1.ª comprehende os que
» julgarão, como le *Blond*, que os vasos *murrhinos* erão
» de sardonix cortada transversalmente, e não no sen-
» tido das camadas. Mr. *Millin*, que no seu Diccionario
» só disse huma palavra sobre estes famosos vasos, pare-
» ce abraçar esta opinião; e accrescenta que o gabinete
» d'Antiguidades da Bibliotheca Imperial possue muitos
» vasos bellos de sardonix. A segunda he dos que julgá-

---

une sorte de splendeur sans éclat, ou de la netteté, et de la limpidité plutôt, que de la splendeur: 9.° qu'ils etaient estimés par la variété des couleurs, tantôt avec des taches blanches, et pourprées tantôt avec des flammes couleur de feu, tantôt avec des reflets de lumière, et de couleurs, comme ceux de l'arc en ciel: 10.° Enfin qu'ils avaient des légères protubérances à fleur de la surface, et même quelque odeur agréable.

Dans tout cela, comme on le voit, il n'y a pas un seul mot concernant la substance, dont ces vases étaient composés. De-là le nombre de questions, et d'opinions différentes, qui ont divisé jusqu'ici les Sçavans. Nous les rangerons rapidement en trois classes distinguées. La première comprend ceux, qui ont cru, comme le *Blond*, que les vases *murrhins* étaient de sardonyx taillée transversalement, et non en suivant les couches. Mr. *Millin*, qui n'a dit qu'un mot sur ces fameux vases dans son Dictionnaire, semble partager cette opinion; et il ajoute, que le cabinet des Antiques de la Bibliothèque Impériale posséde plusieurs beaux vases de sardonyx.

» rão, como *Mariette*, que os vasos *murrhinos* erão por-
» celana da China. Esta era tambem a opinião de *Car-*
» *dano*, de *Scaliger*, e de *Bayfius*. A terceira classe com-
» põe-se dos que tendo á frente *Christius*, que publicou
» huma obra particular só *de murrhinis veterum*, impres-
» sa em Leipsick em 1743, sustentarão que estes vasos
» erão feitos d'huma pedra, talvez calcarea, ou gypso-
» sa que se aproximava do genero da alabastrite e da
» onychite. Poderia formar-se huma quarta classe dos que
» pertenderão que esta pedra, para converter-se em sub-
» stancia *murrhina*, se preparava e modificava por meio
» da introducção d'huma materia colorante, e endureci-
» da depois ao fogo n'hum forno; e huma quinta dos
» que distinguirão, como Mr. de *Pauw*, os verdadeiros
» *murrhinos* da Carmania, feitos d'alabastrite, e os *mur-*
» *rhinos* espurios do Egypto adulterados com alguma com-
» posição de vidro córado. Mas he mui facil demonstrar
» immediatamente a falsidade de todas estas opiniões, e
» dos raciocinios em que as apoiarão.

» Começando pela primeira que suppoem a sardonix

La seconde est de ceux, qui ont cru, comme *Mariette*, que les vases *murrhins* n'étaient, que des porcelaines de la Chine. C'était aussi l'opinion de *Cardan*, de *Scaliger*, et de *Bayfius*. La troisième classe se compose de ceux, qui avec *Christius* à la tête, qui a publié un ouvrage détaillé *de murrhinis veterum*, imprimé à Leipzick en 1743, ont soutenu, que ces vases étaient formés d'une pierre, probablement calcaire, ou gypseuse, qui approchait du genre de l'alabastrite, et de l'onychite. On pourrait faire une quatrième classe de ceux, qui ont prétendu, que cette pierre, pour devenir une substance *murrhine*, avait été préparée, et modifiée par l'introduction de quelque matière colorante, et ensuite durcie au feu dans un fourneau; et une cinquième de ceux, qui ont distingué, comme Mr. de *Pauw*, entre les véritables *murrhins* de la Carmanie, formés avec l'alabastrite, et les *murrhins* spuries de l'Egypte, adultérés avec quelque pâte de verre coloré. Mais il est très-aisé au premier coup de démontrer la fausseté de toutes ces opinions, et même des raisonnemens, dont on les a appuyées.

A commencer par la première, qui suppose le sardonyx indi-

» indicada pelo nome de *murrhino*; vê-se pelo texto de
» *Plinio* que os *murrhinos* apparecerão em Roma no 3.°
» triunfo de *Pompeo*; e os Gregos estavão havia muito
» tempo, no uso de trabalhar, e até de esculpir, ou
» gravar vasos em pedra, e até em pedras finas, e em
» sardonix de que terião passado alguns para Roma com
» as mercadorias ou com os despojos da Grecia, antes da
» época em que Pompeo triunfou dos Reis e dos pi-
» ratas Asiaticos. Vê-se pelo mesmo texto que os *mur-*
» *rhinos* vinhão do Oriente, e do Reino dos Parthos;
» e esta não era a patria da sardonix, nem o paiz das
» artes em que podessem fabricar-se vasos de semelhan-
» te pedra. A sardonix tambem não admitte as man-
» chas purpureas, nem as chamas, nem as cores do arco
» celeste de que *Plinio* faz menção descrevendo os *murrhi-*
» *nos*. Mas o que he ainda mais decisivo he que, se-
» gundo o testemunho de alguns Classicos, e sobre tu-
» do de *Propercio*, estes vasos erão cosidos no forno no
» Paiz dos Parthos, o que não aconteceria a vasos de
» sardonix. He verdade que *Propercio* falla n'outro logar

---

qué par le nom de *murrhin*; l'on voit par le texte de *Pline*, que les *murrhins* ne parurent à Rome, que lors du troisième triomphe de *Pompée*; et que les Grecs étaient depuis long temps dans l'habitude de travailler, et même de sculpter, ou graver des vases en pierre, et même en pierres fines, et en sardonix, dont quelques-uns auront passé à Rome, avant l'époque du triomphe de Pompée sur les Rois, et les pirates Asiatiques, avec les marchandises, ou avec les dépouilles de la Grèce. L'on voit par le même texte, que les *murrhins* venaient de l'Orient, et du Royaume des Parthes: or ce n'était pas là la patrie de la sardonyx, ni le pays des arts, où l'ont pût travailler des vases de cette pierre. La sardonyx n'admet pas non plus les taches pourprées, ni les flammes, ni les couleurs de l'arc en ciel dont *Pline* fait mention en décrivant les *murrhins*. Mais ce qui est encore plus frappant, c'est, que d'après le témoignage de quelques Classiques, et sur-tout de *Properce*, ces vases étaient cuits dans le four chez les Parthes, ce qui ne serait jamais arrivé des vases de sardonyx. Il est vrai que *Properce* parle ailleurs de *l'onyx murrhin*;

» do *onix murrhino*, mas isto pode entender-se ou do va-
» so d'onix que cheirava a myrrha, ou d'alguma seme-
» lhança com as chamas, esplendor, preço e estimação
» da onix, em logar de que no primeiro passo se falla
» precisamente n'hum processo sobre que nenhuma duvi-
» da pode recahir.

» A opinião que tende a identificar os vasos *mur-*
» *rhinos* com as porcelanas da China, já refutada por
» *Winckelmann*, cahe por si mesma, reflectindo-se que
» nenhum motivo havia para conhecelas em Roma pela
» primeira vez na época do terceiro triunfo de Pom-
» peo; que se diz que vinhão do Oriente, do Paiz dos
» Parthos, sobre tudo da Carmania, e não de alguma
» terra incognita, como era então a China; que os *mur-*
» *rhinos* não erão pintados ou matizados de cores com
» o pincel, como a maior parte e mesmo todas as an-
» tigas porcelanas da China; que a porcelana da Asia,
» que hoje tem hum preço mui baixo, nunca poderia
» ter chegado a hum preço prodigiosamente caro na an-
» tiguidade, sobre tudo quando os Romanos commer-

---

mais cela peut s'entendre, ou du vase d'onyx, qui sentait la myrrhe, ou quelque ressemblance avec les flammes, la splendeur, le prix, et le mérite de l'onyx; au lieu, que dans le premier passage l'on parle avec toute précision d'un procédé, sur le quel il ne peut tomber aucun doute.

L'opinion, qui tend a identifier les vases murrhins avec les porcelaines de la Chine, déjà refutée par *Winckelmann;* tombe d'elle même, si l'on remarque, qu'il n'y avait aucun motif de les connaître à Rome pour la première fois à l'époque du troisième triomphe de Pompée; qu'il est dit, qu'ils venaient de l'Orient; du pays des Parthes, sur tout de la Carmanie, et non de quelque terre inconnue, telle que la Chine l'étoit à cette époque; que les *murrhins* n'étaient pas peints, ou diâprés avec le pinceau, comme la plus-part, et même toutes les anciennes porcelaines de la Chine; que la porcelaine d'Asie, qui est actuellement à un prix très-bas, n'aurait jamais pu s'élever à un prix prodigieusement cher dans l'antiquité, sur-tout lorsque les Romains commerçaient en droiture avec les In-

„ ciavão directamente com a India pelo mar Erythreo;
„ e mandavão navios até ao Ganges, e ao Golfo de
„ Cambaia, donde poderião ter trazido carregações mui
„ ricas das mercadorias da China; e que finalmente as
„ porcelanas não tem veios, ou manchas, nem chamas,
„ ou a cor de fogo, nem o aspecto d'Iris, ou opali-
„ no de que *Plinio* faz menção. Recorreo-se á porcelana
„ que tem o nome de *estalada*, em que se vê huma in-
„ finidade de pequenas linhas que se cruzão em todos os
„ sentidos e que dão aos vasos a apparencia de serem
„ rachados por toda a parte. Porêm não he esta a es-
„ sencia do *murrhino*. O mesmo succede a respeito da
„ porcelana venturina de que fallou Mr. de *Pauw*, pos-
„ to que supponha que nunca foi vista na Europa, e
„ que se chama na China *Yao-pien*, isto he transmuta-
„ ção. Esta porcelana que não teria com os vasos *mur-*
„ *rhinos* nenhuma outra relação mais do que alguma se-
„ melhança com a agatha, que tambem não era mate-
„ ria *murrhina*, he effeito do acaso, e procede para as-
„ sim dizer, d'hum capricho do forno, sem que para
„ isso concorrão os fabricantes, e contra sua vontade.

---

des par la mer Erythrée, et envoyaient des vaisseaux jusque sur le Gange, et dans le Golfe de Cambaie, d'où ils auraient pu rapporter des cargaisons très riches des marchandises de la Chine; qu'enfin les porcelaines n'ont pas de veines, ou de taches, ni les flammes, ou la couleur de feu, ni l'aspect iridé, ou opalisant, dont *Pline* fait mention. On a eu recours à la porcelaine, que l'on appelle *craquelée*, où l'on voit une infinité de petites lignes, qui se croisent en tout sens, et qui donnent aux vases l'apparence d'être fendus de tout coté. Mais ce n'est pas là l'essence du *murrhin*. Il en est de même de la porcelaine aventurine, dont Mr. de *Pauw* a parlé, quoiqu'il suppose qu'on ne l'ait jamais vue en Europe, et qu'on appelle à la Chine *Yao-pien*, c. a. d. transmutation. Cette porcelaine, qui n'aurait d'autre raport avec les vases *murrhins*, qu'un peu de ressemblance avec l'agathe, qui n'étoit pas non plus une matière *murrhine*; n'est qu'un produit du hasard, qui arrive pour ainsi dire par un caprice du fourneau, à l'insçu, et contre le gré des ouvriers. Il est

» Deveria por tanto examinar-se se este accidente a-
» conteceo n'huma época mui antiga; e quando tudo isto
» se demonstrasse, ainda não seria verdadeiro *murrhino*.

» Os *murrhinos* tambem não erão d'alabastrite, ou
» d'onichite, como supposerão *Christius* e outros Sabios;
» porque 1.° a materia não era tão rara que fizesse su-
» bir estes vasos a hum preço exorbitante, tal como o
» que *Plinio* annunciou: 2.° poderião fazer-se desta ma-
» teria vasos do maior diametro, sem se limitarem ordi-
» nariamente a taças ou copos: 3.° esta materia nunca
» teria reflectido as côres do arco celeste: 4.° trabalhan-
» do-se no forno nunca poderia offerecer á superficie as
» pequenas protuberancias que *Plinio* descreveo: 5.° igual-
» mente não poderia conservar, por muito tempo, o
» seu lustro sem se embaciar, nem teria nunca hum
» gráo sufficiente de solidez por ser de natureza calca-
» rea, ou gypsosa, ou mediastina, conforme a expres-
» são de alguns Naturalistas: 6.° finalmente não a co-
» zerião os Parthos no forno de cozer louça de barro,
» como indica *Propercio*. O mesmo acontece a respeito

---

donc à voir, si cet accident est arrivé à une époque bien ancienne; et lorsque tout cela serait démontré, ce ne serait pas encore du véritable *murrhin*.

Les *murrhins* n'étaient non plus de l'alabastrite, ou de l'onychite, comme *Christius*, et d'autres Sçavants ont supposé; parce que 1.° la matière n'était pas si rare à faire monter ces vases à un prix exorbitant tel que celui, que *Pline* a annoncé: 2.° on aurait pu faire de cette matière des vases du plus grand diamètre, sans se borner à l'ordinaire à des tasses, ou des gobelets: 3.° cette matière n'aurait jamais réfléchi les couleurs de l'arc en ciel: 4.° elle n'aurait pu, étant travaillée au four, offrir à sa surface ces protubérances légères, que *Pline* a décrit: 5.° elle n'aurait pas non plus conservé long-temps son poliment sans se ternir, et n'aurait jamais eu un dégré suffisant de solidité, étant de sa nature calcaire, ou gypseuse, ou médiastine, suivant l'expression de quelques naturalistes: 6.° enfin elle n'aurait pas été cuite au four de poterie par les Parthes, comme il est indiqué par *Properce*. Il en est de même de l'opinion de

» da opinião de Mr. *Mongez* que julga que a materia
» *murrhina* era o *cacholong*, pedra provavelmente desco-
» nhecida dos antigos, e que não apresentaria nenhuma
» das propriedades assignadas por *Plinio* aos *murrhinos*,
» nem alguns dos caracteres annunciados por outros Clas-
» sicos. Por isto he que Mr. *Millin* na sua *introducção*
» *ao estudo das pedras gravadas*, observou judiciosamente
» que a these de Mr. *Mongez* não estava demonstrada.
» Outro tanto pode dizer-se da opinião de Mr. de *Vel-*
» *theim* que pertende que os vasos *murrhinos* erão feitos
» do talco glafico dos Chins, e da do Principe de *Bis-*
» *cari*, que assegura que a opala era a materia destes
» vasos. Huma especie de steatite mui branda, e que
» não he nem nobre, nem rara, nem preciosa, não po-
» deria interessar o luxo mais caprichoso dos Romanos,
» sem entrar em linha de conta que não preenche os cara-
» cteres assignados aos vasos murrhinos por *Plinio*, *Propercio*,
» *Marcial*, e pelos outros Classicos. Quanto á opala sou
» de parecer, e até já o demonstrei n'outra parte, que
» a opala de *Plinio* não era a nossa opala que se acha
» na Ungria; e que os antigos não conhecerão a opala

M. *Mongez*, qui croit, que la matière *murrhine* étoit le *cacholong*, pierre probablement inconnue aux anciens, et qui ne présenterait aucune des propriétés assignées par *Pline* aux *murrhins*, ni aucun des caracteres annoncés par d'autres Classiques. C'est à cause de cela, que M. *Millin* dans son *introduction à l'étude des pierres gravées*, a observé judicieusement que la thèse de M. *Mongez* n'était nullement démontrée. On pourroit en dire autant de l'assertion de M. de *Veltheim*, qui prétend, que les vases *murrhins* étaient faits de pierre de lard Chinoise; et de celle du Prince de *Biscari*, qui a avancé, que l'opale étoit la matière de ces vases. Une espèce de stéatite très molle, et qui n'est ni noble, ni rare, ni précieuse, n'aurait pas pu intéresser le luxe le plus capricieux des Romains; sans compter, qu'elle ne remplit pas du tout les caractères assignés aux vases *murrhins* par *Pline*, *Properce*, *Martial*, et les autres Classiques. Quant à l'opale, je suis d'avis, et je l'ai même démontré ailleurs, que l'opale de *Pline* n'était pas l'opale de nos jours, que l'on trouve en Hongrie; et que les anciens n'ont point connu cette opale changeante,

» cambiante e acatasolada de que nunca se achou jazigo
» no Oriente, o que fez dizer a Mr. *Brogniart* que os
» ourives chamão impropriamente opala *oriental* á da Un-
» gria, cuja mina visitei em 1790. A mesma opala que
» Mr. *Hasselquist* achou no Egypto, e que suppoz orien-
» tal, era segundo a sua descripção, huma opala d'Un-
» gria, cujas cores, reflexos, apparencias e accidentes va-
» rião infinitamente; e tanto basta para demonstrar que
» os *murrhinos* não erão d'opala; ao que poderia accres-
» centar-se que nunca se vio opala tamanha de que po-
» desse tirar-se não digo hum prato de mesa, mas nem
» sequer o mais pequeno copo para beber, sendo até
» da natureza da formação desta pedra não poder appa-
» recer, com todas as propriedades que a tornão de pre-
» ço, em dimensão hum pouco consideravel.

» Devo demorar-me hum instante com a opinião
» de Mr. *Hager*, que ponho na 3.ª classe, que faz con-
» sistir os vasos *murrhinos*, ou a materia *murrhina*, na pe-
» dra Chineza chamada *Yu*. He a these que estabeleceo,
» com muita erudição, no cap. 17 da sua *Numismatica*

---

et iridée, dont on n'a jamais trouvé le gisement en Orient; ce qui a fait dire à Mr. *Brogniart*, que c'est l'opale de Hongrie, dont j'ai visité la mine en 1790, que les joailliers appellent improprement *orientale*. Cette opale même, que M. *Hasselquist* a trouvé en Egypte, et qu'il a soupçonné orientale, n'était, d'après sa description, qu'une opale de Hongrie, dont les couleurs, les reflets, les apparences, les accidents, varient à l'infini. Cela suffit pour démontrer, que les *murrhins* n'étaient pas d'opale; à quoi l'on pourrait ajouter, que l'on n'a jamais vu d'opale si grande, d'où l'on pût tirer non pas un bassin, mais pas même un verre à boire le plus petit, cela étant même dans la nature de la formation de la pierre, qu'elle ne peut jamais paraître avec toutes les propriétés, qui en constituent le prix, sous une dimension tant soit peu considérable.

Je dois m'arrêter un instant à l'opinion de M. *Hager*, que je range sous la troisième classe, et qui fait consister les vases *murrhins*, ou la matière *murrhine* dans la pierre Chinoise, appellée *Yu*. C'est la thèse, qu'il a posé avec beaucoup d'érudition dans le chap. XVII

» *Chineza*, e que resumio no cap. 9 do seu *Panthéon*
» *Chinez*. Sinto muito não poder concordar com o pare-
» cer deste Sabio que me honra com a sua amizade, e
» que acaba de ser nomeado Professor de Lingoas Orien-
» taes na Universidade de Pavia. Primeiramente parece-
» me que nem seguio, nem citou bem exactamente o
» texto de *Plinio*, que frequentemente interpretou a seu
» sabor, creando algumas vezes caracteres para aproxi-
» mar á sua pedra Chineza os *murrhinos*. Não suscitarei
» difficuldade sobre a extraordinaria dureza das pedras
» de *Yu*; mas onde foi a dureza annunciada como hum
» dos caracteres dos vasos *murrhinos*? Convenho em que
» ha pedras de *Yu* de todas as côres: porêm ha no mes-
» mo pedaço desta pedra a passagem rapida da côr da
» purpura para a branca, desta para huma terceira côr
» brilhante como o fogo, do branco de leite para o
» vermelho mais fechado, para os reflexos de luz, e pa-
» ra as côres do arco celeste, que *Plinio* nos descreve?
» Nunca Mr. *Hager* poderá provalo. Ha pedras de *Yu*
» com manchas; porêm muitas pedras tem manchas, e

---

de la *Numismatique Chinoise*, et qu'il a résumé dans le chap. IX de son *Panthéon Chinois*. Je suis faché de ne pouvoir pas me ranger de l'avis de ce Sçavant, qui m'honore de son amitié, et qui vient d'être nommé Professeur de Langues Orientales dans l'Université de Pavie. D'abord il ne parâit pas, qu'il ait suivi, ni cité bien exactement le texte de *Pline*, qu'il a souvent interprété à son gré; et il a quelques fois créé des caractères, pour rapprocher des *murrhins* sa pierre Chinoise. Je n'éleverai pas de difficulté sur la dureté extraordinaire des pierres de *Yu*; mais où est-ce que le caractère de la dureté a eté annoncé dans les vases *murrhins*? Il y a des pierres de *Yu* de toutes les couleurs: j'en conviens: mais y a-t-il dans un même morceau de cette pierre ce passage rapide du couleur de la pourpre au blanc, de celle-ci à une troisième couleur éclatante comme du feu, du blanc de lait au rouge le plus foncé, aux reflets de lumière, et aux couleurs de l'arc en ciel, que *Pline* nous décrit? C'est ce que M. *Hager* ne pourra jamais nous prouver. Il y a des pierres de *Yu* avec des taches; mais bien de pierres ont des taches, que cepen-

» comtudo nunca poderão ser consideradas como mate-
» ria dos *murrhinos*. Os bellos *Yu*, diz Mr. *Hager*, cuja
» côr he uniforme, são os mais estimados dos Chinos e
» serião os menos apreciados pelos Romanos. O *macio*
» e o *verniz* de que Mr. *Hager* faz menção, e que refe-
» re ao *nitor verius quam splendor* dos *murrhinos* de *Plinio*,
» não he hum caracter tão particular, tão precisamente
» descripto, nem tão notavel que possa estabelecer hum
» ponto de semelhança entre as duas especies de substan-
» cias. O vaso de *Yu* da Bibliotheca Imperial, pintado
» em papel, que fez gravar em frente da pag. 168 da
» sua *Numismatica Chineza*, está carregado d'ornatos de
» que nunca se lembrão os Classicos que fallão dos
» *murrhinos*. Estes ornatos sempre salientes devem tor-
» nar desigual a superficie, se o desenho he exacto, e
» os *murrhinos* de *Plinio* só tinhão pequenas protuberan-
» cias ou manchas em relevo em fórma de bolhinhas
» que *Plinio* indica pela expressão *verrucae non eminen-*
» *tes*, pouco mais ou menos como as variolites do Pó,
» e da Durance. O peso he, pelo que dizem, hum dos

---

dant l'on ne fera pas passer pour la matière des *murrhins*. Les beaux *Yu*, dit encore Mr. *Hager*, dont la teinte est unie, sont les plus estimés des Chinois. Ils auraient été les moins prisés des Romains. Leur *douceur*, et leur *vernis*, dont Mr. *Hager* fait mention, et qu'il rapporte au *nitor verius quam splendor* des *murrhins* de *Pline*; n'est pas un caractère assez particulier, assez précisement décrit, ni assez frappant, pour établir un point de ressemblance entre les deux espèces de matières. Le vase de *Yu* peint sur papier de la Bibliothèque Impériale, qu'il a fait graver vis-à-vis la page 168 de sa *Numismatique Chinoise*, est chargé d'ornemens, dont il n'est jamais question dans les Classiques, qui parlent des *murrhins*: ces ornemens saillans par tout, doivent rendre sa surface raboteuse, si le dessein est exacte; et les *murrhins* de *Pline* n'avaient que des petites protubérances, ou des taches relevées en bosse, en forme de vesicules, que *Pline* indique par le mot *verrucae non eminentes*, à-peu-près comme les variolites du Pô, et de la Durance. La pesanteur, à ce que l'on dit, est un des caractères distinctifs de la pierre de *Yu*: mais

» caracteres distinctivos da pedra de *Yu*; porem não o
» encontro entre os caracteres distinctivos dos *murrhi-*
» *nos*; posto que esta qualidade por si só não bastaria
» para provar a sua identidade com os *Yu*. A expres-
» são *murrhasque graves* de *Estacio* não he de todo
» concludente, e tanto mais por ser duvidoso que
» neste passo se trate do peso, podendo referir-se ao
» cheiro que os *murrhinos* tinhão conforme o teste-
» munho de *Plinio*. Alem de que nunca viria á ima-
» ginação dos Romanos, dados ao luxo, a idéa de
» procurar por grandes preços vasos, cujo peso seria
» hum defeito, e não hum motivo d'estimação. A fra-
» gilidade destes vasos não póde constituir hum cara-
» cter especial, nem hum ponto de semelhança com as
» pedras de *Yu*. Os *murrhinos* nunca excedião a grande-
» za ordinaria das mais pequenas laminas para escrever,
» e falla-se em pedras de *Yu* do comprimento de 3 pés
» e meio. As pedras de *Yu* são conhecidas na China á
» muito tempo; mas vimos acima que a patria dos *mur-*
» *rhinos* está indicada, e que não vinhão d'huma região
» incognita aos Romanos, como o teria sido a China

---

je ne la trouve pas entre les caractères distinctifs des *murrhins*, quoique cela seul ne vaudrait rien pour constater leur identité avec les *Yu*. Le mot *murrhasque graves* de *Stace* n'est pas bien concluant, d'autant plus qu'il est très-douteux, qu'il s'agisse dans ce passage de la pesanteur; cela pouvant être référé à l'odeur, dont les *murrhins* étaient doués d'après le témoignage de *Pline*. D'ailleurs il ne serait jamais tombé dans l'esprit des Romains luxurieux l'idée de rechercher au plus grand prix des vases, dont la pesanteur eût constitué un défaut, et non pas un mérite. La fragilité de ces vases ne peut pas constituer un caractère bien particulier, ni un point de ressemblance avec les pierres de *Yu*. Les *murrhins* n'excédaient jamais la grandeur ordinaire des tablettes à écrire les plus petites; et l'on nous parle de pierres de *Yu* de la longueur de trois pieds et demi. Les pierres de *Yu* sont connues depuis long-temps à la Chine; mais l'on a vu ci-dessus, que la patrie des *murrhins* est indiquée, et qu'ils ne venaient pas d'une contrée inconnue aux Romains, telle que la Chi-

» no tempo de *Tiberio* e de *Nero*. Alem de que seria
» mui difficil provar, como Mr. *Hager* intentou demons-
» trar, que os *Séres*, e os *Sines* dos antigos fossem o
» mesmo que os Chins; que a China fosse conhecida
» dos Gregos, e que a *Sérica* dos antigos seja com pou-
» ca differença a China actual. Effectivamente os Gre-
» gos quasi nunca fallárão nos *murrhinos*. O preço ex-
» traordinario dos vasos *murrhinos* e dos vasos de *Yu*, a
» disposição de huns e outros para receber os licores
» quentes, que se pretende, quanto aos *murrhinos*, achar
» annunciada por *Marcial* e contrariada por *Plinio*; a
» transparencia de algumas partes dos *murrhinos*, e a se-
» mi-diafaneidade de algumas pedras de *Yu*, não são
» signaes, nem caracteres de semelhança tão explicitos,
» e tão notaveis que façáo determinar a identidade des-
» tas duas materias cuja distancia se pertendeu aproxi-
» mar demasiadamente. Desejaria tambem que Mr. *Ha-*
» *ger* se tirasse melhor do embaraço que lhe causa o
» verso de *Propercio*

Murreaque in Parthis pocula cocta focis;

---

ne l'aurait été du temps de *Tibère*, et de *Néron*. Il serait d'ailleurs très-difficile de prouver ce que Mr. *Hager* a essayé de démontrer, que les *Sères*, et les *Sines* des anciens fussent la même chose, que les Chinois; que la Chine fût connue des Grecs, et que la *Sérique* des anciens soit à-peu-près la Chine d'aujourd'hui. En effet les Grecs n'ont presque jamais parlé des *murrhins*. Le prix extraordinaire des vases *murrhins*, et des vases de *Yu*; la disposition des uns, et des autres à recevoir les liqueurs chaudes, que l'ont a prétendu trouver quant aux *murrhins*, annoncée par *Martial*, et contredite par *Pline*; la transparence de quelques parties des *murrhins*, et la sémi-diaphanéité de quelques pierres de *Yu*, ne sont pas des traits, ni des caractères de ressemblance assez marqués, assez frappans, pour faire décider de l'identité de ces deux matières, dont on a trop voulu rapprocher la distance. J'aurais aussi souhaité, que Mr. *Hager* se fût tiré un peu mieux de l'embarras, que lui faisait le vers de *Properce*:

Murreaque in Parthis pocula cocta focis;

» porque he da maior evidencia que se trata dos vasos
» *murrhinos* cozidos nos fornos dos Parthos, como os
» de porcelana o são nos fornos dos Chins, e não de
» vinho preparado ao lume que fizessem os Parthos, nem
» de vinho quente lançado em vasos *murrhinos*, que Mr.
» *Hager* pensa que se preferião para esse fim, por não
» expôr os vasos de chrystal a quebrarem-se. Para tirar
» todas as duvidas a este respeito, e para rectificar so-
» lidamente a intelligencia do verso citado de *Propercio*,
» pedirei a Mr. *Hager* que attenda a hum logar de *Pli-*
» *nio* em que, tanto o *murrhino*, como o chrystal são ex-
» clusivamente indicados para as bebidas frias *crystalli-*
» *na et myrrhina frigidi potus utraque. Lib.* 37. *cap.* 2.
» Notarei aqui de passagem outra especie d'erro em que
» cahio este Sabio, e tambem Mr. *Pauw* pelo affinco ex-
» tremamente forçado em accumular provas para defen-
» der a sua these, pretendendo que *os Romanos usavão*
» *com preferencia dos vasos murrhinos quando querião beber*
» *vinho quente*, fundando-se nestes versos de *Marcial*:

---

puisqu'il est trop évident, que c'étaient les vases *murrhins*, qui étaient cuits dans les fours des Parthes, comme ceux de porcelaine le sont dans les fours des Chinois; et que ce n'était pas du vin brulé, qu'on faisait chez les Parthes, ni du vin chaud versé dans les vases *murrhins*, que Mr. *Hager* croit avoir été préférés pour cet usage, à l'objet de ne pas exposer à la fracture des vases de cristal. Pour ôter toute sorte de doutes à ce sujet, et pour rectifier solidement l'intelligence du vers cité de *Properce;* je le prierai de faire attention à un passage de *Pline*, où le *murrhin*, de même que le cristal, est indiqué exclusivement pour les potions froides: *crystallina, et myrrhina frigidi potus utraque. Lib. XXXVII Cap.* 2. Je releverai ici en passant une autre espèce d'erreur, où ce Sçavant est tombé avec Mr. *Pauw*, par un empressement trop forcé à accumuler des preuves pour sa thèse. Il a prétendu, que *les vases murrhins servaient aux Romains de préférence, lorsqu'il voulaient boire du vin chaud;* et il s'est appuyé de ces deux vers de *Martial:*

« *Si calidum potas, ardenti myrrha Falerno*
« *Convenit, et melior fit sapor inde mero.*

» Ora neste distico de nenhum modo se trata dos va-
» sos *murrhinos*, mas sim da droga em si mesma, da
» *myrrha*, de que os antigos fazião muito uso, e com
» que se temperavão os vinhos mais exquisitos, como
» o mesmo Mr. *Hager* reconhece no fim do seu capitu-
» lo, citando até *Eliano* e *Plinio*, que dão a este vinho
» preparado no lume e temperado com drogas o nome
» de *murrhinites* e de *murrhina*. Visto que as conjecturas
» são muitas vezes da alçada do Antiquario, e visto que
» só por conjecturas he que se consegue illustrar algum
» passo escuro, e descobrir algum mysterio da antigui-
» dade, deve agradecer-se a Mr. *Hager* ter proposto so-
» bre hum assumpto que parecia esgotado, huma con-
» jectura inteiramente nova esteada em muita erudição,
» e em que foi algumas vezes arrastado pelo seu amor
» e admiração dos monumentos Chinezes. *No Panthéon*
» *Chinez cap. 9.* Mr. Hager toca outra vez nesse objecto,
» mas unicamente para provar que o *Yu-ché*, ou a pe-

Si calidum potas, ardenti myrrha Falerno
Convenit, et melior fit sapor inde mero.

Or dans ce distique il n'est pas du tout question des vases *murrhins*; mais de la drogue elle même, de la myrrhe, qui était d'un usage très-étendu chez les anciens, et dont on assaisonnait les vins les plus exquis, comme Mr. *Hager* le reconnoît lui même à la fin de son chapitre, en citant même *Elien*, et *Pline*, qui donnent à ce vin brûlé, et assaisonné avec des drogues, le nom de *murrhinites*, et de *murrhina*. Comme les conjectures sont très-souvent du ressort de l'Antiquaire; et comme ce n'est, que par les conjectures, que l'on parvient à éclaircir quelque passage obscur, et à dévoiler quelque mystère de l'antiquité; l'on doit sçavoir bon gré à Mr. *Hager* d'avoir proposé sur ce sujet, qui paraissait épuisé, une conjecture toute nouvelle, qu'il a étayé de beaucoup d'érudition, et où il a été par fois entraîné par son amour, et son transport pour les monumens Chinois. Dans le *Panthéon Chinois chap. IX. Mr. Hager* est encore revenu sur ce sujet; mais ce n'a été, que pour prouver, que le *Yu-*

» dra de *Yu*, a pedra preciosa por excellencia se acha » tambem no *Tibet*, na India, e na Tartaria; e que es- » ta pedra tem sido comparada, humas vezes á agatha, » outras a hum jaspe, outras a huma saphira; e isto he mais » huma razão para acreditar que não era esta a materia » dos *murrhinos*. Apesar do que tenho dito ouso lison- » jear-me de que Mr. *Hager* não levará a mal, que eu tenha » submettido a sua opinião a hum exame rigoroso, o que » entrava necessariamente no meu plano; e isto prova o » apreço que faço dos seus escriptos e da sua erudição.

» Resta-me dizer huma palavra dos que imaginárão » coser n'hum forno a alabastrite ou introduzir-lhe côres » para fazer della o *murrhino*, e dos que supposerão » *murrhinos* de pedra da Carmania, e *murrhinos* vitreos » do Egypto. Parece que os primeiros não tinhão gran- » des conhecimentos de Chimica, ou que mesmo não » sabião de que pedra fallavão. A alabastrite dos anti- » gos, segundo as descripções bastantemente circunstan- » ciadas que della temos, era cal sulfatada, ou cal car- » bonatada. Nenhuma destas substancias cosida n'hum

---

ché, ou la pierre de *Yu*, la pierre précieuse par excellence, se trouve aussi au *Tibet*, aux Indes, et en Tartarie; et que cette pierre a été comparée tantôt à une agathe, tantôt à un jaspe, tantôt à un saphir. C'est une raison de plus pour croire, que ce n'étoit pas là la matière des *murrhins*. Au reste j'ose me flatter, que Mr. *Hager* ne sera pas faché, que j'aie soumis son opinion à un examen rigoureux: cela entrait necessairement dans mon plan; et cela prouve le cas, que je fais de ses écrits, et de son érudition.

Il me reste à dire un mot de ceux, qui ont imaginé de cuire l'alabastrite dans le four, ou d'y introduire des couleurs, pour en faire du *murrhin*; et de ceux qui ont supposé des *murrhins* pierreux de Carmanie, et des *murrhins* vitreux de l'Egypte. Il parait que les premiers n'avaient pas de grandes connaissances dans la Chimie, ou qu'ils ne sçavaient pas même de quelle pierre ils parlaient. L'alabastrite des anciens n'a été, suivant les descriptions assez détaillées, que nous en avons, que de la chaux sulfatée, ou de la chaux carbonatée. Ni l'une, ni l'autre de ces deux substances, étant cuite dans un

» de louça de barro poderia ganhar neste processo: a » primeira converter-se-hia n'hum esmalte branco que se » reduziria a pó no fim de algum tempo: verificar-se-hia » a fusão no sentido das laminas, o que lhe daria huma » apparencia irregular; poderia tambem fazer-se toda » branca no fogo e depois desfolhar-se: a segunda abrir- » se-hia, formaria fendas, e transformar-se-hia em cal » viva. Quanto aos que pertendem distinguir os *murrhi-* » *nos* da Carmania dos do Egypto desejaria que dessem » provas mais concludentes da necessidade da sua dis- » tincção, e que tivessem pelo menos demonstrado a » pertendida falsidade dos vasos *murrhinos* que erão com- » postos d'huma base vitrea. Plinio, no capitulo que » consagrou quasi por inteiro aos vasos *murrhinos*, não » inserio huma só palavra em que se trate de falsificação » ou de adulteração destes vasos..

» Conduz-me isto naturalmente a propôr em fim a » minha conjectura sobre a natureza dos vasos *murrhi-* » *nos*, conjectura que póde achar-se plausivel depois de » se terem desvanecido os motivos de credibilidade alle-

---

four de poterie, aurait pu y gagner: la première se serait fondue en un émail blanc, qui serait tombé en poussière au bout de quelque tems: la fusion se serait même opérée dans le sens des lames, ce qui aurait rendu l'apparence irrégulière; elle aurait pu aussi devenir toute blanche au feu, et ensuite s'exfolier: la seconde se serait entr'ouverte, aurait formé des crevasses, et se serait changée en chaux vive. Quant à ceux qui prétendent de distinguer entre les *murrhins* de la Carmanie, et ceux de l'Egypte; je souhaiterais qu'ils eussent donné des preuves plus frappantes de la néeessité de leur distinction, et qu'ils eussent au moins démontré la prétendue fausseté des vases *murrhins*, qui étaient composés d'une base vitreuse. *Pline* dans le chapitre, qu'il a consacré presqu'entier aux vases *murrhins*, n'a pas inséré un seul mot, où il soit question de falsification, ou de contrefaction de ces vases.

Cela m'amène naturellement à proposer enfin ma conjecture sur la nature des vases *murrhins;* conjecture qui peut être trouvée plausible après que l'on a écarté les motifs de crédibilité, allegués

» gados a favor de algumas opiniões, e demonstrado a
» inverosimilhança de outras. Suspeito que os vasos *mur-*
» *rhinos* que, como já vimos, não podião ser de sardo-
» nix, nem d'alabastrite, nem de talco glafico, nem de opa-
» la, nem de outra nenhuma pedra, nem mesmo de pedra
» de *Yu*, nem de porcelana, podião simplesmente ser forma-
» dos de algum vidro facticio que se fabricava provavelmen-
» te na Carmania e na Persia e tambem no Egypto, e que
» podia reunir todos os caracteres assignados pelos anti-
» gos a estes preciosos vasos, hypothese que não repu-
» gna a nenhum dos passos dos Classicos que fallárão
» dos *murrhinos*, mas que pelo contrario os reune todos,
» e estabelece entre elles huma especie de concordan-
» cia. Vasos d'hum vidro muito raro, e muito precioso,
» fabricado na Asia, podião apparecer em Roma pela
» primeira vez na occasião do 3.º triunfo de *Pompeo*,
» alcançado pelas suas victorias contra os piratas e con-
» tra os Reis e povos da Asia e do Ponto Euxino; a
» sua raridade, e a sua extrema fragilidade, tornan-
» do-os mui difficeis de transportar, não podião deixar
» de augmentar-lhes o preço, e elevá-lo a huma somma

---

en faveur de quelqu'opinion, et démontré l'invraisemblance de quelqu'autre. Je soupçonne donc que les vases *murrhins*, qui, comme nous l'avons vu, ne pouvaint être de sardonyx, ni d'alabastrite, ni de pierre de lard, ni d'opale, ni d'aucune autre pierre, pas même de pierre de *Yu*, ni de porcelaine; pouvaient être tout simplement composés de quelque verre factice, que l'on fabriquait apparemment en Carmanie, et en Perse, aussi bien qu'en Egypte, et qui pouvait réunir tous les caractères, assignés par les anciens à ces vases précieux. Cette hypothèse ne répugne à aucun des passages des Classiques, qui ont parlé des *murrhins*; au contraire elle les réunit tous, et établit entre ces passages une espèce de concordance. Des vases d'un verre très-rare, et très-précieux, fabriqué en Asie, pouvaient paraître à Rome pour la première fois à l'ocasion du troisième triomphe de *Pompée*, obtenu par ses victoires sur les pirates, les Rois, et les peuples de l'Asie, et du Pont Euxin; leur rareté, et leur extrême fragilité, qui en rendait très difficile le transport, ne pouvaient qu'augmenter leur prix, et

» prodigiosa, depois de se ter introduzido o luxo, e
» de ter lavrado a moda em Roma com furor; os fra-
» gmentos destes vasos que, pela sua qualidade vitrea,
» não admittião talvez concerto, podião ser por isso
» mesmo guardados como hum objecto de curiosidade,
» e sendo a materia destes vasos tão preciosa, quão aca-
» bados erão a sua forma e trabalho, não podião os va-
» sos exceder nunca certa dimensão, como precisamente
» acontece em todas as fabricas de vidro: não tinhão
» precisamente esplendor, mas tinhão hum lustroso agra-
» davel que *Plinio* indica por estas palavras = *nitor ve-*
» *rius*, *quam splendor* =, e que he proprio do vidro,
» porque o brilho só he proprio das pedras e sobre tu-
» do das pedras preciosas; a variedade das côres e o
» que se chama *cambiante*, a gradação e as passagens
» rapidas das côres, as chamas, os reflexos de luz, as
» côres do Iris são tudo coizas praticaveis no fabrico
» dos vasos de vidro, maiormente recorrendo-se aos es-
» maltes, ao mesmo tempo que seria impossivel reuni-
» las n'huma pedra; em fim as manchas em relevo, as

---

le porter à une somme prodigieuse, d'après que le luxe s'était introduit, et que la mode de ces vases avait pris à Rome avec fureur; les fragments de ces mêmes vases, que leur qualité vitreuse ne permettait pas peut-être de raccomoder, pouvaient être par cela même gardés comme un objeet de curiosité; la matière de ces vases étant précieuse, autant que leur forme, et leur travail étoit recherché, ces vases ne pouvaient jamais excéder une certaine dimension; et c'est précisement ce qui arrive dans toutes les verreries: ils n'avaient pas précisément de splendeur, mais ils étaient d'un luisant agréable, que *Pline* indique par ces mots = *nitor verius, quam splendor* =, et qui est propre du verre, l'éclat n'étant propre, que des pierres, et sur-tout des pierres précieuses; la varieté des couleurs, ce qu'on appelle *changeant*, les nuances, les passages rapides des couleurs, les flammes, les reflets de lumière, les couleurs de l'Iris, ce sont toutes des choses praticables dans la fabrication des vases de verre, sur-tout si l'on a recours aux émaux, pendant qu'il serait impossible de les réunir dans une pierre; enfin ces taches relevées en

» leves protuberancias, as *verrucae* de *Plinio* só podião
» rasoavelmente executar-se n'hum vaso de vidro facti-
» cio, em que era mui facil praticar as diversas grada-
» ções de côres, misturando vidros corados e espalhan-
» do sobre toda a superficie gotas de vidro, ou d'es-
» malte levemente protuberantes. O vaso de vidro de Mr.
» *Incisa* apresenta precisamente este genero de trabalho,
» e em toda a sua superficie se vem as ⁂ *verrucae non*
» *eminentes*, *sed in corpore plerumque sessiles* ⁂ assim co-
» mo a transparencia parcial, degenerando n'huma espe-
» cie de palidez, que era hum defeito dos *murrhinos*, se-
» gundo o texto de Plinio: não direi comtudo que o
» vaso de Mr. *Incisa* seja hum verdadeiro *murrhino*. Sup-
» ponho que sobre huma superficie de vidro, talvez de
» algum vidro muito precioso, e mesmo de difficil com-
» posição, d'hum vidro talvez opalino, se applicassem
» gotas ou mesmo feiches de pequenos tubos d'esmalte
» de differentes côres: proviria d'ahi o lustro agradavel
» da superficie, o *nitor*, a variedade de côres, a passagem
» da purpura para o branco e para huma terceira mudança
» côr de fogo, a purpura tornando-se pelo seu brilho

---

bosse, ces protubérances légères, ces *verrucae* de *Pline*, ne pouvaient raisonnablement être placées, que dans un vase de verre factice, où il était très-aisé de pratiquer des nuances par le mélange des verres colorés, et de répandre surtoute la surface des gouttes de verre, ou d'émail, légèrement protubérantes. Le vase de verre de Mr. *Incisa* présente précisément ce genre de travail, et l'on y voit sur toute la surface ces *verrucae non eminentes*, *sed in corpore plerumque sessiles*; on y voit aussi cette transparence partielle, dégénérante en une espèce de pâleur, qui était un défaut des *murrhins* d'après le texte de *Pline*: je ne dirai pourtant pas, que le vase de Mr. *Incisa* soit un véritable *murrhin*. Je suppose, que sur une surface de verre, peut-être de quelque verre très précieux, et même d'une composition difficile; d'un verre peut-être opalisant, on ait appliqué des gouttes ou même des faisceaux de petits tubes d'émail de différentes couleurs: de-là ce luisant agréable de la surface, ce *nitor*, cette variété de couleurs, ce passage de la pourpre au blanc, et à une troisième nuance couleur de feu, ce pourpre rougissant par son éclat, et ce

» vermelho acceso, e o leite alvejando de que falla *Pli-*
» *nio*, e que em vão se procuraria em nenhuma espe-
» cie de pedra, nem mesmo na opala. Daqui vem a in-
» tensidade de côr na borda dos vasos que agradava a
» alguns dos seus apaixonados, e que procedia provavel-
» mente da reunião do corte dos feiches d'agulhas ou
» tubos d'esmalte coloreado, que vinha reunir-se nas ex-
» tremidades, os reflexos de luz e de côres semelhantes
» ao arco celeste, as manchas differentes na forma e na
» dimensão de que alguns amadores preferião as mais
» apparentes = *his maculae pingues placent* =; manchas que
» talvez nas fabricas se variavão, segundo se queria, o
» que não podia ter lugar senão no vidro. Daqui pro-
» cedião tambem os pontos palidos, sem côr, e algu-
» mas vezes transparentes que constituião hum defeito
» nos *murrhinos*, as manchas em relevo, de que demos
» a explicação e o modêlo; a borda roida ou mossegada
» dos dentes d'hum bebedor extasiado com a belleza do
» vaso, o que exclue inteiramente a supposição de qual-
» quer outra materia que não seja a do vidro de que te-
» mos fallado até agora. Fazem-se actualmente em Ve-

---

lait blanchissant, dont parle *Pline*, et que l'on chercherait vainement en aucune sorte de pierre, même dans l'opale. De-là cette intensité de couleur sur le bord des vases, qui plaisait à quelqu'amateur, et qui venait probablement de la réunion, et de la coupe des faisceaux d'aiguilles, ou de tubes d'émail coloré, qui venaient se réunir aux extrémités; ces reflets de lumière, et de couleurs, pareils à ceux de l'arc en ciel; ces taches différentes dans leur forme, et leur dimension, dont quelques amateurs préféraient les plus apparentes = *his maculae pingues placent* =; taches, que peut-être l'on variait à plaisir dans les fabriques, ce qui ne pouvait avoir lieu, que dans le verre. De-là enfin ces points pâles, sans couleur, et par fois transparens, qui constituaient un défaut des *murrhins*; ces taches en bosse, dont nous avons donné l'explication, et le modèle; ce bord du vase rongé, ou entamé avec les dents par un buveur épris de la beauté du vase, ce qui exclut entièrement la supposition de toute autre matière, que celle du verre, dont nous avons parlé jusqu'à présent. On fait même actuellement à Venise des bou-

» neza bolas, pequenas laminas, contas e outros brin-
» cos; fazem-se tambem pequenos vasos com feiches de
» pequenos tubos de vidro ou d'esmalte de todas as cô-
« res que reunem quasi todos os accidentes de côr e
» d'apparencia, as mudanças, os effeitos de luz, os re-
» flexos, e o acatasolado annunciados por *Plinio* a respei-
» to dos *murrhinos*.

» A' minha conjectura só podem oppor-se os dois
» passos de *Plinio* de que Mr. *Hager* faz menção, e pe-
» los quaes parece que a materia dos *murrhinos* era fos-
» sil. Hum he tirado da prefação do L. 33 em que diz
» = *Murrhina, et crystallina, ex eadem terra effodimus* =:
» outro do cap. 2 do L. 37, onde falla miudamente dos
» vasos *murrhinos*, dizendo a proposito delles: *humorem*
» *putant sub terra calore densari*. Parece com tudo que
» não se deu a devida attenção a estes passos. Não ha
» duvida que a materia do vidro *murrhino* ou *crystallino*
» se tirava, pela maior parte, da terra; podia-se por tan-
» to no primeiro passo fallar de duas especies de vidro
» ao mesmo tempo, cujas materias primas se tiravão do

---

les, des tablettes, des grains, et d'autres colifichets; on y a fait même des petits vases avec des faisceaux de petits tubes de verre, ou d'émail de toutes les couleurs, qui réunissent presque tous les accidens de couleur, et d'apparence, les nuances, les jeux de lumière, les reflets, et les changemens, annoncés par *Pline* au sujet des *murrhins*.

On ne pourrait opposer à ma conjecture, que les deux passages de *Pline*, dont Mr. *Hager* fait mention, et par les quelles il paraît, que la matière des *murrhins* étoit fossile. L'un est tiré de la préface du liv. XXXIII, où il est dit: *Murrhina, et crystallina, ex eadem terra effodimus:* l'autre du chap. 2 du liv. XXXVII, où il parle en détail des vases *murrhins*, et où il dit à ce propos: *humorem putant sub terra calore densari.* Il paraît cependant, que l'on n'a pas fait assez d'attention à ces passages. Il est hors de doute, que la matière du verre *murrhin*, ou *crystallin*, se tirait pour la plus grande partie de la terre; on pouvait donc dans le premier passage parler de deux sortes de verre à la fois, dont l'on tirait du même en-

» mesmo logar, e isto concedendo gratuitamente a *Pli-*
» *nio* todo o merecimento da exacção. O que prova que
» neste passo se tratava de vidro he a frase que se se-
» gue á indicação dos *murrhinos* e dos *crystallinos*, *qui-*
» *bus pretium faceret ipsa fragilitas*. Como não póde sup-
» por-se que se tirassem da terra os vasos já formados,
» hypothese que comtudo favoreceria singularmente a mi-
» nha nova conjectura, *Plinio* jamais teria notado neste
» logar a fragilidade do crystal de rocha, que nada de
» fragil tem quando se tira das montanhas, e cuja du-
» reza reconheceo o mesmo *Plinio* n'outra parte, fazen-
» do-o até desenterrar em alguns sitios com o ferro da
» charrua. Mas o que prova evidentemente que neste
» passo não se trata senão de vidro, ou d'huma materia
» fusivel que servia para o fabríco do vidro, he que a
» patria dos *murrhinos* he designada por *Plinio* e colloca-
» da no Oriente, no Reino dos Parthos, e na Carma-
» nia: ora vai muita distancia daqui á patria dos *crystaes*,
» indicada pelo mesmo *Plinio*, e collocada no Oriente,
» que he hum termo muito vago, porêm mais precisa-

---

roit les matières premières; et cela en accordant gratuitement à *Pline* tout le mérite de l'exactitude. Ce qui prouve que dans ce passage il n'était question que de verre, c'est la phrase, qui suit l'indication des *murrhins* et des *cristallins*, *quibus pretium faceret ipsa fragilitas*. Comme l'on ne peut guère supposer, que l'on tirât de la terre les vases tout formés; hypothèse, qui cependant favoriserait singulièrement ma nouvelle conjecture; *Pline* n'aurait jamais remarqué dans cet endroit la fragilité du cristal de roche, qui n'est rien moins que fragile, lors qu'on le retire des montagnes, et dont le même *Pline* a reconnu ailleurs la dureté, en le faisant même déterrer quelque part avec le soc de la charrue. Mais ce qui prouve à l'évidence, que dans ce passage là il n'est question, que de verre, ou d'une matière fusible servante à la verrerie; c'est que la patrie des *murrhins* est désignée par *Pline*, et est placée dans l'Orient, le Royaume des Parthes, et la Carmanie: or il y a bien loin de-là à la patrie des cristaux, indiquée par le même *Pline*, et placée dans l'Orient, qui est un terme très-vague, mais plus précisément

» mente na India, junto d'Alabanda e d'Ortosia, na
» Ilha de Chypre, e sobre tudo nas nossas montanhas
» dos Alpes donde ainda actualmente se tirão os mais
» bellos crystaes de rocha. Não se tratava portanto d'hu-
» ma pedra quando dizia *murrhina, et crystallina ex eadem*
» *terra effodimus*; porque o erro seria mui notavel e
» mui grosseiro; tratava-se d'outra substancia diversa,
» d'huma substancia propria para fazer o vidro, ou mes-
» mo d'huma especie de massa fundida, d'hum vidro já
» formado, d'hum vidro volcanico. Quanto ao segundo
» passo, que diz respeito a condensação ou coagulação
» d'hum humor debaixo da terra produzido pelo calor
» de que *Plinio* fallou a proposito dos *murrhinos*, he evi-
» dente que neste logar não quiz fallar senão no modo
» porque se cosião os vasos *murrhinos*, que talvez julgou
« que fosse debaixo da terra, não tendo idea dos fornos
» para obras de barro, ou das fornalhas Parthicas, ou
» póde ser que julgasse que esta operação se praticava
» em fornos subterraneos. O que tira toda a duvida a es-
» ta interpretação he que os antigos applicárão muitas
» vezes a palavra *humor* ao vidro, pela sua semelhança

---

dans l'Inde, près d'Alabande, et d'Ortosie, dans l'isle de Chipre, et sur-tout dans nos montagnes des Alpes, d'où l'on tire les plus beaux cristaux de roche même à présent. Il ne s'agissait donc pas d'une pierre, lorsqu'il disait: *murrhina, et crystallina ex eadem terra effodimus;* puisque l'erreur aurait été trop remarquable et trop grossière: il s'agissait donc de toute autre substance, d'une substance propre à faire le verre, ou même d'une espèce de fritte, d'un verre tout formé, d'un verre volcanique. Quant au second passage, qui concerne la condensation, ou l'épaississement d'une humeur sous la terre, opéré par la chaleur, dont *Pline* a parlé à propos des *murrhins;* il est évident, qu'il n'a voulu parler dans cet endroit, que de la cuisson des vases *murrhins*, qu'il a cru peut-être opérée sous terre, n'ayant pas d'idée des fours de poterie, ou des fournaises, qui existaient chez les Parthes; ou même il a cru, que cette opération s'exécutait dans des fours souterrains. Ce qui met hors de doute cette interprétation c'est que le mot *humor* a été très-souvent appliqué au verre par les anciens, à cause de sa ressemblance apparente avec

» apparente com a agoa, e que quasi nunca se servirão
» della, fallando da concreção das pedras. Era por con-
» sequencia hum vidro, ou huma massa de vidro que se
» fazia cozer debaixo da terra, ou em fornos subterra-
» neos: não era huma materia *sui generis* que se formas-
» se nas entranhas da terra, e neste sentido he eviden-
» te quão longe está este passo de oppor-se á minha
» conjectura.

» Provei até aqui que os vasos *murrhinos* podião ser
» de vidro; e isto pela reunião dos caracteres mencio-
» nados pelos Classicos, que á primeira vista se apre-
» sentão, suppondo ser esta a materia que se prega-
» va na sua formação. Agora emprehendo demonstrar
» que a materia dos *murrhinos* não podia ser senão vidro.
» Convem sobre tudo cingir-se aos passos de *Plinio* em
» que occasionalmente faz menção dos *murrhinos*, sem
» entrar em nenhuma explicação, como fez no cap. 2 do
» L. 37. Nelles he que dá maior apoio á minha conje-
» ctura. Fallando dos ornatos dos Templos e dos instru-
» mentos dos sacrificios, *L. 35 cap. 12*, diz que se fa-
» zião as libações com pequenos copos, *simpuvia*, que

---

l'eau; et que l'on ne s'en est presque jamais servi en parlant de la concrétion des pierres. C'etait donc un verre, ou une pâte de verre, que l'on faisait cuire sous terre, ou dans des fours souterrains: ce n'était pas une matière *sui generis*, qui se formât dans les entrailles de la terre; et dans ce sens-là l'on voit, combien ce passage est loin de s'opposer à ma conjecture.

J'ai prouvé jusqu'ici, que les vases *murrhins* pouvaient être de verre; et cela par la réunion des caractères mentionées par les Classiques, que l'on trouve d'abord dans la supposition de l'emploi de cette matière pour leur formation. J'entreprends à présent de démontrer, que la matière des *murrhins* ne pouvait être, que du verre. Il faut sur-tout s'attacher aux passages de *Pline*, où il fait mention occasionellement des *murrhins*, sans entrer en aucun détail, comme il l'a fait dans le chap. 2 du liv. *XXXVII*. C'est là, où il prête le plus d'appui à ma conjecture. En parlant des ornemens des Temples, et des instrumens des sacrifices, *lib. XXXV cap.* 12 il dit, que l'on faisait les libations avec des petits verres, *simpuvia*, qui n'étaient pas

» não erão *murrhinos*, nem *crystallinos*, mas simplesmen-
» te de barro cozido; logo tratava-se aqui de vidro que
» se equiparava de algum modo ás obras de olaria. Fal-
» lando do vidro, da sua origem, das suas differentes
» qualidades etc. *L.* 36 *cap.* 26, falla do vidro *obsidiano*
» com que se falsificava a pedra obsidiana de que indica
» algumas obras e a patria: falla do vidro branco e do
» *murrhino*: *fit et album et murrhinum*; passa depois ás
» massas vitreas com que se fingião os jacinthos, as sa-
» firas e todas as outras pedras preciosas de côr; mas
» quando falla do *murrhino*, falla simplesmente como de
» hum vidro, e não se trata nem de falsificação, nem
» de fraude, nem d'imitação, como se diz no artigo
» *obsidiano*. Era por consequencia o *murrhino* hum vidro,
» huma especie particular de vidro, hum vidro *sui gene-*
» *ris*, de que fallou no capitulo em que trata do vidro,
» sem fazer menção de nenhuma materia prima que se
» pertendesse imitar por meio deste producto dos for-
» nos. Fallando no mesmo capitulo em que trata dos
» vasos *murrhinos* d'algumas materias que não erão pe-

---

murrhins, ou *cristallins*, mais toute simplement de terre cuite: il était donc ici question de verre, qui était en quelque façon parifié aux ouvrages en poterie. En parlant du verre, de son origine, de ses différentes qualités, etc. *lib. XXXVI cap.* 26, il parle du verre *obsidien*, par le quel on falsifiait la pierre obsidienne, dont il indique quelques ouvrages, et la patrie: il parle du verre blanc, et du *murrhin*: *fit et album, et murrhinum*; il passe ensuite aux pâtes vitreuses, par les quelles on sophistiquait les hyacinthes, et les saphirs, et toute autre pierre précieuse colorée: mais lors qu'il parle du *murrhin*, il en parle tout simplement, comme d'un verre, et il n'est question ni de falsification, ni de fraude, ni d'imitation, comme il est dit à l'article de *l'obsidien*. C'était donc un verre, une espèce particulière de verre, un verre *sui generis*, dont il a parlé dans le chapitre, où il traite du verre; sans faire mention d'aucune matière première, que l'on eût cherché à contrefaire par ce produit des fourneaux. En parlant dans le même chapitre, où il traite des vases *murrhins*, de quelques matières, qui n'étaient pas des pier-

» dras, ou gemmas propriamente taes, mas que de certo
» modo erão tão estimadas como as gemmas, faz pri-
» meiro menção do alambre, e põe na mesma classe
» as peças *crystallinas* e *murrhinas*, que por consequen-
» cia não erão gemmas, mas trastes de vidro. He essen-
» cial attender ás poucas palavras que se seguem, e que já
» citei nesta nota: *crystallina, et murrhina, frigidi potus*
» *utraque*. Isto tira toda a duvida de que *Plinio* queria
» fallar neste passo d'huma composição vitrea, o que se
» liga muito bem com o que tinha dito dos caracteres
» do vidro = *est caloris impatiens, ni præcedat frigidus*
» *liquor* = e por isto he que os vidros *murrhinos* erão re-
» servados para as bebidas frias. Alem de que se tivesse
» havido *murrhinos* verdadeiros de pedra, e *murrhinos* fal-
» sos de vidro, como Mr. *Pauw*, e outros supposerão,
» *Plinio* não teria deixado de observalo, e de notar que
» os falsos, e não os verdadeiros, erão sujeitos a estallar
» com a infusão de licores quentes. He tambem digno
» de nota que nos lugares, assaz numerosos, em que
» *Plinio* reune as duas indicações *murrhina et crystallina*,

---

res, ou des gemmes proprement dites; mais qui étaient estimées à quelqu'égard autant que les gemmes, il fait premièrement mention du succin, et il range sous la même classe les pièces *cristallines* et *murrhines*, qui n'étaient donc pas des gemmes, mais des meubles de verre. Il est essentiel de faire attention au peu de mots, qui suivent, et que j'ai déja cités dans cette note: *crystallina, et murrhina, frigidi potus utraque.* Cela met hors de doute, que c'était d'une composition vitreuse, dont *Pline* voulait parler dans ce passage; et cela se lie très-bien à ce qu'il avait dit en parlant des caractères du verre: *est caloris impatiens, ni præcedat frigidus liquor;* c'est à cause de cela, que les verres *murrhins* étaient réservés aux potions froides. Dailleurs, s'il y avait eu des *murrhins* véritables en pierre, et des faux *murrhins* en verre, comme Mr. *Pauw*, et d'autres l'ont supposé, *Pline* n'aurait pas manqué de l'observer, et de remarquer, que les faux, et non pas les véritables, étaient sujets à éclater par l'infusion des liqueurs chaudes. Il est aussi digne de remarque, que dans les passages assez nombreux, dans les quels *Pline* réunit les

» se trata sempre dos crystaes de vidro, servindo-se
» constantemente da palavra *crystallum*, quando se trata
» do crystal de rocha. Por consequencia só havia hum
» vidro *murrhino*, e não havia nenhuma substancia pe-
» trea, qualquer que ella fosse, chamada *murrhina* de
» que *Plinio* não teria deixado de fazer menção. No seu
» Diccionario de Lithologia, ou na sua indicação das
» pedras por ordem alphabetica, fallou da pedra cha-
» mada *myrrhites*, que tinha a côr e o cheiro da myr-
» rha, mas desta pedra não he que se fazião os vasos
» *murrhinos*. Se ajuntarmos a tudo isto a authoridade de
» *Propercio*: *Murreaque in Parthis pocula cocta focis*, ver-
» se-ha que interpretando rigorosamente todos os Clas-
» sicos, os vasos *murrhinos*, não podião ser senão de
» vidro. He isto tanto assim que o nosso *Volpi*, preve-
» nido por *Varchi* traductor de *Seneca*, no seu commen-
» tario sobre *Propercio*, deixou-se arrastar pela opinião de
» *Bayfius*, que os vasos *murrhinos* erão de porcelana;
» porque esta materia tem huma especie de analogia
» com o vidro. O distico de *Marcial*

---

deux indications, *murrhina*, et *crystallina*, il est toujours question des crystaux de verre: pendant qu'il se sert constamment du nom de *crystallum*, lors qu'il s'agit du cristal de roche. Il n'y avait donc, qu'un verre *murrhin*; il n'y avait pas une substance pierreuse quelconque, appellée *murrhine*, dont *Pline* n'aurait pas omis de faire mention. Dans son Dictionnaire de Lithologie, ou dans son indication des pierres par ordre alphabétique, il a parlé de la pierre nommée *myrrhites*, qui avait la couleur et l'odeur de la myrrhe; mais ce n'est pas de cette pierre, que l'on faisait les vases *murrhins*. Il n'y a qu'à ajouter á toute cela l'autorité de *Properce*: *Murreaque in Parthis pocula cocta focis*, et l'on verra, que les vases *murrhins*, en interprétant tous les classiques à la rigueur, ne pouvaient être, que de verre. Cela est si vrai, que notre Mr. *Volpi*, prévenu même en cela par *Varchi*, traducteur de *Sénèque*; dans son commentaire sur *Properce*, s'est laissé entraîner à l'opinion de *Bayfius*, que les vases *murrhins* ne fussent, que de la porcelaine, parce que cette matière a une sorte d'analogie avec le verre. Le distique de *Martial*,

» *Nos bibimus vitro, tu murra, Pontice; quare?*
» *Prodat perspicuus ne duo vina calix:*

» nada offerece que se opponha á minha conjectura. Os » convidados de *Pontico* bebião por copos que imitavão » o *crystal*; *Pontico* bebia por hum copo *murrhino*, pa- » ra que os seus hospedes não podessem conhecer que » elle bebia d'um vinho exquisito, d'hum vinho diffe- » rente do que se servia na mesa. Ora nós vimos que » os vasos *murrhinos*, segundo a descripção de *Plinio*, » não erão absolutamente transparentes, e mesmo que a » transparencia diminuia o seu valor; por consequencia » erão opacos, ou semidiafanos, o que devia acontecer » se estes vidros fossem de côr, ou iriados, e se fossem » cobertos d'algum esmalte. O vaso de Mr. Incisa, que » he semeado de pingos de esmalte branco, seria mui » proprio para encobrir a côr de qualquer licor; e sou » de parecer que o mesmo aconteceria aos *murrhinos*.

» Posso por consequencia segurar com huma espe- » cie de confiança que a minha opinião a respeito des- » tes vasos, longe de estar em contradição com os tex-

---

Nos bibimus vitro, tu murra, Pontice; quare?
Prodat perspicuus ne duo vina calix:

n'offre rien, qui s'oppose à ma conjecture. Les convives de *Ponticus* buvaient dans des verres, qui imitaient le cristal; *Ponticus* buvait dans un verre *murrhin;* et cela afin que ses hôtes ne pussent pas s'appercevoir, qu'il buvait d'un vin exquis, d'un vin différent de celui, que l'on servait à la table. Or nous avons vu, que les vases *murrhins*, d'après la description de *Pline*, n'etaient pas absolument transparens, et que même la transparence en diminuait la valeur. Ils étaient donc opaques, ou sémidiaphanes; ce qui devait arriver, si ces verres étaient colorés, ou iridés, et s'ils étaient enduits de quelqu'émail. Le vase de Mr. *Incisa*, qui n'est que parsemé de gouttes d'émail blanc; serait très-propre à masquer la couleur de quelque liqueur, que ce fût; et je suis d'avis, qu'il en a été de même des *murrhins*.

Je puis donc assurer avec une sorte de confiance, que mon opinion au sujet de ces vases, loin d'être en contraste avec les tex-

» tos dos Classicos que fallárão dos vasos *murrhinos*, » apoia-se em todas estas authoridades, e serve ao mes- » mo tempo para illustrar todos estes passos. Comtudo » proponho-a como huma simples conjectura, toleravel » depois de tantas outras que se tem imaginado a este » respeito. Acabarei advertindo aos meus leitores que » *Pauw* falla de algumas particularidades curiosas que » se contêm no artigo *Madre* do Glossario de *Du Can-* » *ge*; que muitos modernos julgarão effectivamente achar » os antigos vasos *murrhinos* nos vasos chamados pelos » habitantes da Gaula *Hanaps de Madre*; mas que estes » pertendidos *murrhinos* erão de páo. Talvez se achem » em muitos Museos e gabinetes fragmentos de vasos » de vidro, que tenhão pertencido a estes famosos vasos » *murrhinos*, conhecidos e celebrados na antiguidade. Se- » ria necessario attentar sobre tudo pelos vidros iriados » e opalinos, em que tornarei ainda a tocar neste es- » cripto.

Copía depois o Sr. Bossi huma nota do primeiro volume da edição Italiana da Historia da Arte de

---

tes des Classiques, qui ont parlé des vases *murrhins*, ne fait que s'appuyer de toutes ces autorités, et sert en même temps à éclaircir tous ces passages. Cependant je ne propose cette opinion, que comme une simple conjecture, tolérable après tant d'autres, que l'on a enfanté à ce sujet. Je finirai par avertir mes lecteurs, que *Pauw* parle de quelques détails curieux, contenus dans l'article *Madre* du Glossaire de *Du Cange*; que plusieurs des modernes ont cru en effet de trouver les anciens vases *murrhins* dans les vases, nommés par les Gaulois, *Hanaps de Madre*; mais que ces prétendus *murrhins* n'étaient que de bois. Peut-être il se trouve dans plusieurs musées, et cabinets, des fragmens de vases de verre, qui ont appartenu à ces fameux vases *murrhins*, connus, et célébrés dans l'antiquité. Il faudrait faire attention sur tout aux verres iridés, et opalisans, sur les quels je reviendrai encore dans cet ecrit. *Bossi l. c. p.* 68, *nota* 17.

(3) *Na minha edição de Winkelmann, Paris* 1802, *vem o vaso figurado a fl.* 23, *e a nota a fl.* 45 *do Tom.* 1.º

(4) La città di Sidone, al dire del medesimo storico, celebre si

Winkelmann (3) em que Everhard Visconti, descrevendo hum vaso de vidro que tinha, e que por sua morte passou para a collecção de MMrs. Trivulzi, se expressa pela maneira seguinte = (4)

» A cidade de Sidon, como diz o mesmo historico » (Plinio), tornou-se celebre por semelhantes artefactos » (os de vidro) que, debaixo do nome de vasos *murrhi-* » *nos*, chegarão a tanto preço que, no tempo de Nero, » pagárão-se dois por seis mil sestercios =

» Poucas coizas tenho que observar a respeito des- » ta nota. A primeira he que entre os pés ou bases que » devião por-se por baixo das taças que não os tinhão, » podia comprehender-se, mesmo conforme a interpre- » tação do P. *Hardouin*, os *abaci* de que muitas vezes » falla *Plinio*, e de que diz serem feitos da materia dos » vasos *murrhinos*: *abacis etiam*, *escariisque vasis inde* » *expetitis*; cujo tamanho nunca excedião: *nusquam parvos* » *excedunt abacos*. O que se punha por baixo das taças » que não tinhão pé ou base, era humas vezes pequenas » laminas, outras vezes pequenos pratos covos ou con- » cavos; e seria isto mais huma prova de que os famo- » sos vasos *murrhinos* erão de vidro (Vej. a nota 17)

» rendette per siffatti lavori, i quali sotto il nome di vasi *murrhi-* » *ni* crebbero in tanto pregio, che a tempi di Nerone due ne furo- » no pagati sei mila sesterzi =.

Je n'ai que peu de choses à observer au sujet de cette note. La première c'est que du nombre de ces pieds, ou de ces bases, que l'on devait appliquer aux tasses, qui en manquaient; pouvaient être, même d'après l'interprétation du P. *Hardouin*, ces *abaci*, dont *Pline* parle très-souvent; dont il dit que l'on en faisait de la matière des vases *murrhins*: *abacis etiam*, *escariisque vasis inde expetitis*; dont il dit enfin, que les vases *murrhins* n'excédaient jamais leur grandeur: *nusquam parvos excedunt abacos*. C'étaient quelques fois des tablettes; quelques fois des petits plats creux, ou concaves, que l'on plaçait sous les tasses, qui manquaient de pied, ou de base. Ce serait même alors une preuve de plus, que les fameux vases

» Admiro-me de que esta observação escapasse a *Buo-*
» *narruoti.*

» A segunda he que, posto que os antigos conhe-
» cessem a arte de fabricar vidros acatasolados, ou opa-
» linos, de que temos exemplos pelo que *Plinio* nos en-
» sina a este respeito, a taça de MMrs. *Trivulzi*, que
» attentamente examinei nas mãos de seu illustre compra-
» dor, deve as suas bellas cores do arco celeste a hum
» principio de decomposição do vidro, ou dos saes que
» entrarão na sua composição, phenomeno de que mais
» abaixo fallarei n.° 49.

» A terceira em fim he que se attribuirão a *Plinio*
» expressões de que elle nunca se servio, porque no ca-
» pitulo em que falla dos *murrhinos*, nunca disse que as
» fabricas de vidro de Sidon fizessem vasos *murrhinos.*
» Assinalou mui claramente a patria destes vasos; disse
» que vinhão do Oriente, do Reino dos Parthos, sobre
» tudo da Carmania; e quando fallou do vidro, da ori-
» gem do vidro, e das fabricas de vidro de Sidon, nun-
» ca fez menção dos *murrhinos.* E como só nomeou os

---

murrhins n'étaient que de verre. *Voy. la note* 17. Je m'étonne, que cette observation ait échappé à *Buonarruoti.*

La seconde c'est, que, quoique les anciens aient très-bien connu l'art de fabriquer des verres iridés, ou opalisans, dont nous avons des exemples après tout ce que *Pline* nous a appris à ce sujet; la tasse de MM. *Trivulzi*, que j'ai examiné attentivement entre les mains de son illustre acquéreur, ne doit ses belles couleurs de l'arc en ciel, qu'a un principe de décomposition du verre, ou des sels, qui sont entrés dans sa composition, phénomène, dont on parlera plus bas n.° 49.

La troisième en fin c'est, que l'on a prêté à *Pline* un langage, qu'il n'a jamais tenu; puisque dans le chapitre, où il parle des *murrhins*, il n'a jamais dit, que la verrerie de Sidon ait fourni des vases *murrhins.* Il a assigné très-clairement la patrie de ces vases; il a dit, qu'ils venaient de l'Orient, du Royaume des Parthes; sur tout de la Carmanie; et lorsqu'il a parlé du verre, de l'origine du verre, et de la verrerie de Sidon; il n'a jamais fait mention des

» vasos *crystallinos* e *murrhinos* depois de ter fallado do » vidro *obsidiano*, de que se vião em Roma obras mui » notaveis por sua grandeza, e depois de ter fallado » dos descobrimentos feitos em Roma na arte de fabri- » car o vidro no tempo de *Tiberio*, seria mais facil e » mais natural acreditar que os *murrhinos* se fabricavão » em Roma, e não em Sidon.

» Estimo porêm muito achar este erro n'huma nota » communicada aos editores da obra de *Winkelmann* pelo » maior Antiquario com que a minha patria pode hon- » rar-se. He hum signal evidente de que, antes de mim, » estava persuadido de que os vasos *murrhinos* erão de vi- » dro. Se não estivesse intimamente persuadido desta » opinião, que procurei demonstrar com evidencia, não » teria feito sahir os *murrhinos* das fabricas de vidro de » Sidon, donde alfim só podia sahir vidro.

» Talvez este homem celebre, cuja collecção de » antiguidades basta para o tornar immortal, suspeitasse » que a sua taça de vidro era hum verdadeiro *murrhino*, » e que a sua extrema modestia o impedio provavelmen-

---

murrhins. N'ayant même nommé les vases *crystallins*, et *murrhins*, qu'après avoir parlé du verre *obsidien*, dont on voyait à Rome des ouvrages très-remarquables par leur grandeur, et après avoir parlé des découvertes dans l'art de la verrerie, faites à Rome du tems de *Tibère*; il serait plus aisé, et plus naturel de croire, que l'on a fait des *murrhins* à Rome, et non pas à Sidon.

Je suis cependant charmé de trouver cette erreur dans une note communiquée aux éditeurs de l'ouvrage de *Winckelmann* par le plus grand des Antiquaires, dont ma patrie puisse s'honorer. C'est une marque évidente, qu'il était persuadé avant moi, que les vases *murrhins* n'étaient que de verre. S'il n'eût pas été intimement persuadé de cette opinion, que j'ai taché de démontrer à l'évidence; il n'aurait pas fait sortir les *murrhins* des verreries de Sidon, d'où il ne pouvait sortir à la fin, que du verre.

Peut-être cet homme célèbre, que sa seule collection d'antiques suffit pour rendre immortel, soupçonnait il, que sa tasse de verre fût un véritable *murrhin*, ce que son extrême modestie l'a probable-

» te de declara-lo. Quanto a esta supposição direi huma
» unica palavra que já principiei a pronunciar no fim
» da minha nota sobre os vasos *murrhinos* n.° 17. Disse
» eu que talvez exista algum fragmento destes vasos
» preciosos em algum gabinete da Europa. Se com ef-
» feito existe, e se se pretende examina-lo exactamente
» á face dos textos de *Plinio*, e dos outros Classicos,
» só nos fragmentos de vidro opalino, taes como a taça
» de *Trivulzi* he que poderá reconhecer-se a reunião de
» todos os caracteres assignados pelos antigos aos *mur-*
» *rhinos*. He verdade que a taça de *Trivulzi* tem aspe-
» cto opalino em consequencia de ter estado muito tem-
» po enterrada, e d'hum começo de decomposição do
» vidro de que foi formada, mas o Snr. Abbade *Trivul-*
» *zi*, pelo que vimos na nota Italiana, duvidava ainda que
» não fosse isto côr dada pelo artista. Finalmente nos
» fragmentos de vasos de vidro opalinos he que poderáõ
» admirar-se as gradações rapidas e cambiantes das dif-
» ferentes côres, os reflexos de luz, as chamas; a côr
» de fogo que he propria da opala, vista a travez, as

---

ment retenu d'annoncer. A l'égard de cette supposition je ne dirai qu'un mot, que j'ai déja prononcé à demi à la fin de ma note sur les vases *murrhins* n. 17. J'ai dit, que peut-être y a-t-il quelque fragment de ces vases précieux dans quelque cabinet de l'Europe. S'il y en a, et si l'on entreprend d'en faire une reconnaissance exacte d'après les textes de *Pline*, et des autres Classiques; ce ne sera que dans les fragmens de verre opalisans, tels que la tasse de *Trivulzi*, que l'on pourra reconnaître la réunion de tous les caractères, assignés par les anciens aux *murrhins*. Il est vrai, que la tasse de *Trivulzi* n'opalise, que par son long séjour dans la terre, et par un commencement de décomposition du verre dont elle a été formée. Mais Mr. l'Abbé *Trivulzi*, à ce qu'on a vu par la note italienne, se doutait encore, que se ne fût une couleur donnée par l'artiste. D'ailleurs ce n'est, que dans les fragmens des vases de verre opalisans, que l'on pourra admirer les nuances rapides, et changeantes des différentes couleurs; les reflets de lumière; les flammes, la couleur de feu, qui est propre de l'opale vue au travers, les couleurs de l'arc en ciel, la sémi-transparence, les veines, ou

» côres do arco celeste, a semitransparencia, os veios » ou manchas, ora grandes, ora pequenos, conforme o » gosto dos amadores, as bordas ricas em côres, a le- » veza, a fragilidade, e todas as propriedades enumera- » das na nota 17.

» Em Roma havia hum fragmento, pouco mais ou » menos no gosto da taça de *Trivulzi*, no gabinete do » Conselheiro de Reiffenstein. »

Nas notas addicionaes traz huma sobre a proprieda- de odorifera dos vasos murrhinos que diz assim (5).

» Vimos na nota 17 que os vasos *murrhinos* goza- » vão, segundo o testemunho de *Plinio*, da proprieda- » de de terem algum cheiro: *aliqua et in odore commen-* » *datio est.* A MMrs. *Mongez* e *Hager* não lhes deo isto mui- » to que fazer, e assegurarão que esta propriedade não po- » dia entender-se da substancia de que os vasos *murrhinos* erão » formados em si mesma. Effectivamente suppondo que » esta substancia fosse huma pedra, ou qualquer com- » posição, huma sardonix, ou huma porcelana, huma » opala, ou hum esmalte, huma alabastrite, ou hum vi- » dro de côr, será sempre mui difficil comprehender co-

---

taches, tantôt grandes, tantôt petites au gré des amateurs, les bords riches en couleurs, la légéreté, la fragilité, et toutes les propriétés, dont on a vu le détail dans la note n. 17.

Un fragment, à peu-près dans le gout de la tasse de *Trivulzi*, a été vu à Rome dans le cabinet du Conseiller de *Reiffenstein*. *Bossi. l. c. nota 20 p. 105 e seguintes.*

(5) L'on a vu, note 17, que les vases *murrhins* jouissaient, d'après le témoignage de *Pline*, de quelque propriété odorante: *aliqua et in odore commendatio est.* MMrs. *Mongez*, et *Hager*, se sont tirés d'affaire tout de suite en avançant, que cela ne pouvait pas se comprendre de la substance même, dont les vases *murrhins* étaient formés. En effet, que l'on suppose, que cette substance fût une pierre, ou une composition quelconque, une sardonyx, ou une porcelaine, une opale, ou un émail, une alabastrite, ou un verre coloré; ce sera toujours très difficile de comprendre comment ces matières par leur nature aient pu être considérés comme odorantes. Si même cette matière n'eût été, que de l'alabastrite cuite,

» mo estas materias tenhão podido ser consideradas chei-
» rosas por sua natureza. Ainda mesmo que esta mate-
» ria fosse a alabastrite cozida, e que na fundição lhe
» tivessem misturado alguma droga cheirosa, esta pro-
» priedade seria passageira, e fugaz, n'hum corpo que
» não era esponjoso, com poros muito unidos e super-
» ficie polida e lustrosa.

» *Plinio* falla no seu Diccionario Lithologico, no fim
» do L. 37 da sua Historia Natural, d'huma pedra cha-
» mada *myrrhites* (a que Mr. *Hager* dá o nome de *aga-*
» *tha myrrhada*) que tinha a côr da myrrha, que não ti-
» nha comtudo a apparencia d'huma gemma, ou d'hu-
» ma pedra fina (o que prova exclusivamente que não
» era *agatha*), que tinha cheiro d'unguento ou de per-
» fume, ou d'hum unguento provavelmente de myrrha;
» que pela fricção dava até hum cheiro de nardo, ou
» d'oleo d'alfazema. Ainda que não se procure esta pe-
» dra exclusivamente entre as agathas, he certo que se-
» ria mui difficultoso reconhecela em nossos dias em al-
» guma especie de pedra; e deve tambem observar-se

---

et si l'on y eût mêlé dans la cuisson quelque drogue odorante; cette proprieté n'aurait été, que passagère, et fugace, dans un corps point du tout spongieux, avec des pores très-resserrés, et des surfaces polies, et luisantes.

Pline nous a parlé dans son vocabulaire Lithologique à la fin du 37 livre de son Histoire naturelle, d'une pierre, appellée *myrrhites*, (dont Mr. *Hager* a parlé sous le nom *d'agathe myrrhée*); qui avait la couleur de la myrrhe; qui n'avait pas pourtant l'apparence d'une gemme, ou d'une pierre fine; (ce qui prouve exclusivement, que ce n'était pas une *agathe*); qui avait l'odeur d'onguent, ou de parfum, ou d'un onguent, probablement de myrrhe; qui par le frottement donnait même l'odeur de nard, ou d'huile d'aspic. Quoique l'on ne doive pas chercher cette pierre exclusivement entre les agathes; il est certain, qu'il serait très-difficile de la reconnaître de nos jours en quelque espèce de pierre, que ce fût; et il faut observer aussi, qu'il n'est pas dit, que la *myrrhites* fût la matière des vases *murrhins*.

» que não se diz que a *myrrhites* fosse a materia dos » vasos *murrhinos*.

» Conhecemos mui poucas substancias terreas que » tenhão cheiro. Conhecemos algumas especies de cal » carbonatada, a cal carbonatada bituminosa, que he a » *bituminifera* de Mr. *Hauy*, e que pela fricção, ou pe- » lo calor deita hum cheiro a bitume, muitas vezes » pouco agradavel; e a cal carbonatada fétida de Mr. » *Hauy*, vulgarmente chamada *pedra fedorenta*, ou *pedra* » *de porco*, que dá pela fricção hum cheiro fétido de » gaz hydrogenio sulfurado, analogo ao dos ovos chocos. » Ha tambem entre as ochres a *terra de Bucaros*, mui- » to famosa em Hespanha, de que se fazem vasos que » communicão hum cheiro e hum sabor particular aos » liquidos que nelles se põem a esfriar. Poderia dizer-se » destes vasos: *aliqua et in odore commendatio est.* O bi- » tume elastico chamado *cautchouc fossil*, ou *mineral*, » que se acha em Inglaterra, e de que descobri alguns » pedaços na Bohemia, tem igualmente hum cheiro bi- » tuminoso muito forte; porêm he hum bitume, do mes- » mo modo que o alambre, e talvez tambem o ambar

---

Nous ne connaissons, que très-peu de substances terreuses odorantes. Nous connaissons quelque espèce de chaux carbonatée: la chaux carbonatée bitumineuse, qui est la *bituminifère* de M. *Hauy*, et qui répand par le frottement, ou par la chaleur une odeur bitumineuse souvent peu agréable; et la chaux carbonatée fétide de M. *Hauy*, vulgairement appellée *pierre puante*, ou *pierre de porc*, qui répand par le frottement une odeur fétide de gaz hydrogène sulfuré, analogue à celle des œufs pourris. Il y a aussi entre les ocres la *terre de Bucaros*, très-fameuse en Espagne, dont on fait des vases, qui communiquent une odeur, et une saveur particulière aux liquides, que l'on y met refraichir. On pourrait dire de ces vases: *aliqua et in odore commendatio est.* Le bitume élastique, nommé *cautchouc fossile*, ou *minéral*, que l'on trouve en Angleterre, et dont j'ai découvert quelqu'échantillon en Bohême; a aussi une odeur bitumineuse trés-forte: mais c'est un bitume, autant que le succin, et peut-être aussi l'ambre gris; et aucune de ces substances ne paraît

» gris, e nenhuma destas substancias parece poder refe-
» rir-se á *myrrhites* de *Plinio*. Reflectindo todavia nas pa-
» lavras de *Plinio*, que a *myrrhites* não tem a apparencia
» d'huma pedra preciosa, ou d'huma gemma, e que
» exala o cheiro forte, humas vezes do nardo, outras
» vezes da alfazema, poderia isto conduzir-nos a conje-
» cturar que fosse o *ambar gris*, que realmente não tem
» apparencia de pedra; que dá hum cheiro muito forte,
» e hum perfume delicioso; e que *Theophrasto*, que o
» considerava como huma pedra, segundo a versão e as obser-
» vações de *Hill*, annuncia tirar-se da terra na Liguria.
» *Prospero Alpino* tinha affirmado que nas visinhanças de
» Matarea, cuja localidade corresponde talvez á Helio-
» polis situada fora de Delta, se tirava, em grande abun-
» dancia, huma argilla naturalmente odorifera. Porêm,
» como Mr. *Pauw* muito bem observa, as pesquizas fei-
» tas em diversas partes da mineralogia Egypciaca não
» produzirão nada satisfactorio relativamente a esta argil-
» la cheirosa; e em consequencia parece adoptar a opi-
» nião de que os vasos, cujo perfume se apreciava, se-

---

pas pouvoir se référer à la *myrrhites* de *Pline*. Cependant, si l'on fait attention à ces mots de *Pline*, que la *myrrhite* n'a pas l'apparence d'une pierre précieuse, ou d'une gemme, et qu'elle rend l'odeur forte tantôt du nard, tantôt de l'aspic; on serait tenté de conjecturer, que ce fût de *l'ambre gris*, qui n'a pas réelement l'apparence pierreuse; qui donne une odeur très-forte, et un parfum délicieux; et dont *Théophraste*, qui la régardait comme une pierre, suivant la version, et les observations de *Hill*, annonce, que on la tirait de la terre en Ligurie. *Prosper Alpin* avait assuré, que l'on tirait en assez grande abondance d'une argile naturellement odoriférante aux environs de la Matarée, dont l'emplacement répondait peut-être à celui de l'Heliopolis, située hors du Delta. Mais comme Mr. *Pauw* l'observe très-bien, les recherches, faites sur différentes parties de la minéralogie Egyptienne, n'ont rien produit de satisfaisant touchant cette argile parfumée. Il semble donc adopter l'opinion, que les vases, dont on appréciait le parfum, ne fussent pas vernissés, et que de cette manière ils pouvaient conserver assez long-tems une odeur, *qui y était sûrement incorporée par des drogues d'une substance etrangère.*

» rião envernizados, e que deste modo podião conser-
» var por bastante tempo hum cheiro, *que se lhes tinha*
» *incorporado por meio de drogas d'huma substancia estranha.*

» Seria absurdo recusar hum verniz aos vasos *mur-*
» *rhinos*, no caso de se supporem de porcelana, ou de
» barro vidrado. Mas ainda quando se supposesse que
» fossem de sardonix, d'agatha, d'opala, ou de vidro, ou
» de qualquer materia, por mais susceptivel que fosse de
» se polir, não seria absurdo acreditar que no Oriente
» se fizesse contrahir a estes vasos algum perfume deli-
» cioso, que conservassem por muito tempo, mas com
» pouca força em Roma, o que *Plinio* designa pelas pa-
» lavras: *aliqua in odore commendatio.* Vi na Turquia va-
» sos em que se tinha guardado por muito tempo essen-
» cia de rosa, que conservavão o cheiro, apesar de es-
» tarem á muito tempo vazios; mas observei que o ala-
» bastro oriental o conservava muito mais que o vidro.

» Se o nome de *murrhinos* dado aos vasos de que
» não se achasse outra origem plausivel nas lingoas que
» conhecemos, viesse do nome da myrrha, cujo som
» he quasi o mesmo em Hebreo, e na maior parte das

Il serait absurde de refuser un vernis aux vases *murrhins*, si on les supposait de porcelaine, ou de faience. Mais en supposant même, qu'ils fussent de sardonyx, d'agathe, d'opale, ou de verre, enfin de quelque matière, qui fût la plus susceptible de poliment; il ne serait pas absurde de croire, que l'on fit contracter en Orient à ces vases quelque parfum délicieux, qu'ils conservaient assez long-tems, mais faiblement à Rome; ce que *Pline* désigne par ces mots: *aliqua in odore commendatio.* J'ai vu en Turquie des vases, où l'on avait conservé long-tems de l'essence de rose: ces vases gardaient le parfum, quoique vuidés depuis long-tems: j'ai observé pourtant, que l'albâtre oriental le conservait beaucoup plus, que le verre.

Si le nom de *murrhins*, donné aux vases, dont on ne trouverait pas d'autre origine plausible dans les langues, que nous connaissons, venait du nom de la myrrhe, dont le son est presque le même dans l'Hebreu, et dans la plus part des langues de l'Orient, que dans le Grec, et dans le Latin; je pencherais pour l'opinion de Mr.

» lingoas do Oriente, que no Grego e no Latim, incli-
» nar-me-hia á opinião de Mr. *Hager*, que pensou que
» o cheiro que estes vasos exhalavão era o da *myrrha*, do
» mesmo modo que outros vasos conservão por muito
» tempo o cheiro do almiscar e da rosa. A myrrha esta-
» va de certo em voga entre os antigos, que a conside-
» ravão, como se vê claramente em *Petronio*, como hum
» dos mais poderosos aphrodisiacos: *ad libidinis incre-*
» *mentum murrhinum poculum bibisse*. Temperavão com
» ella os vinhos mais exquisitos, como vimos na nota
» 17; suppunhão até que entrava na composição do *ne-*
» *ctar*; e perfumavão com ella a maior parte dos un-
» guentos, segundo *Atheneo*. Não he por consequencia
» improvavel que o nome de vasos *murrhinos* seja deri-
» vado da myrrha, do mesmo que se chamavão *murrhinos*
» os vinhos preparados com esta droga; porque as pa-
» lavras *murrhina*, *myrrhinum*, *mirrhinites*, *murrheus*, *mur-*
» *rata*, *murrina*, *murra*, que se achão em *Plinio*, *Petro-*
» *nio*, *Festo*, *Seneca*, *Marcial*, *Estacio*, *Tibullo*, *Horacio*,
» *Lucano*, e *Propercio*, segundo toda a apparencia, tem
» huma origem identica. O passo que esclarece melhor

Hager, qui a cru, que c'était le parfum de la myrrhe, que ces vases exhalaient, de la même manière, que d'autres vases conservent pour assez long-tems l'odeur du muse, ou de la rose. La myrrhe était sûrement en vogue chez les anciens; ils la regardaient, ainsi que l'on voit très-clairement en *Petrone*, comme un aphrodisiaque des plus puissans: *ad libidinis incrementum mirrhinum poculum bibisse;* ils en assaisonnaient les vins les plus exquis, ce que nous avons vu à la note 17; ils supposaient même, qu'elle entrât dans la composition du *nectar;* ils en parfumaient la plus part des onguens, suivant *Athénée*: il n'est donc pas improbable, que le nom des vases *murrhins* soit dérivé de la myrrhe, comme l'on a appellé *murrhins* les vins parfumés avec cette drogue; puisque les noms *murrhina*, *myrrhinum*, *mirrhinites*, *murrheus*, *murrata*, *murrina*, *murra*, que l'on trouve dans *Pline*, *Petrone*, *Festus*, *Sénèque*, *Martial*, *Stace*, *Tibulle*, *Horace*, *Lucain*, *et Properce;* n'on en toute apparence, qu'une seule origine identique. Le passage qui éclaircit mieux que toute

» que nenhum outro a materia he o verso de Propercio,
» que sem razão se applicou aos vasos *murrhinos*:

Et crocino nares murrheus ungat onyx.

» Não se tratava aqui, como já vimos n'outra parte,
» d'hum vaso murrhino; porque achamos em *Horacio L.*
» 4 *Ode* 12. *Nardi parvus onyx*, e o nome de *murrheus*
» podia applicar-se ao vaso pela sua bella côr amarella,
» que era a da myrrha, que *Ovidio* chama *fulvam*: trata-
» va-se d'hum copo para beber d'onix, ou de sardonix,
» que cheirava a nardo, ou a qualquer outro perfume em
» cuja composição entrava o *crocus* ou açafrão, e a myr-
» rha; por isso he que o onix tem o nome de *murrheus*,
» myrrhado, como Passeracio mui bem entendeo, inter-
» pretando *vas ex onyche gemma .... myrrha plenum*; que
» mais correctamente se teria dito *myrrham redolens*, do
» mesmo modo que *murrheus crinis* d'*Horacio*, e *myrrhea*
» *coma* de *Tibullo*, que *Passeracio* citou por esta occa-
» sião; posto que Mr. *Volpi* tenha estropeado o passo de
» *Tibullo* lendo *myrtea* em lugar de *myrrhea*; e assim co-
» mo se perfumavão os vasos d'onix, de que os antigos

---

autre la matière, c'est le vers de *Properce*, que l'on a appliqué très-mal à propos aux vases *murrhins*:

Et crocino nares murrheus ungat onyx.

Il n'etait pas question ici, comme nous l'avons vu ailleurs, d'un vase *murrhin*; puisque nous trouvons *dans Horace lib.* 4 *ode* 12. *Nardi parvus onyx*; et le nom de *murrheus* pouvait être appliqué au vase à cause de sa belle couleur jaune, qui était celle de la myrrhe, qu'*Ovide* appelle *fulvam*: il était question d'un verre à boire en onyx, ou en sardoine, qui sentait le nard, ou tout autre parfum, dans la composition du quel il entrait du *crocus*, ou du safran, et de la myrrhe: c'est à cause de cela, que l'onyx porte le nom de *murrheus*, myrrhé, comme *Passeratius* l'a très-bien entendu, en interprétant: *vas ex onyche gemma .... myrrha plenum*; que l'on aurait dit plus correctement *myrrham redolens*, ainsi que le *myrrheus crinis* d'*Horace*, et le *myrrhea coma* de *Tibulle*, que *Passeratius* a cité à ce propos; quoique Mr. *Volpi* ait gaté le passage de *Tibulle* en lisant *myrtea*, au lieu de *myrrhea*: et de la même manière, que l'on par-

» fazião uso mui frequente, como temos visto, podião » igualmente perfumar-se os vasos preciosos de vidro de » côr que a antiguidade reconheceo, talvez por hum » principio etymologico identico, debaixo do nome de » vasos *murrhinos*.

Posteriormente ás suas observações sobre o *Sacro Catino de Genova*, de que tirei o que fica transcripto, publicou o Snr. Bossi huma carta a Mr. Millin, datada de Milão de 10 de Julho de 1808, em que se explica pela maneira seguinte (6):

» Senhor. — Ja que se digna entreter-se com as mi- » nhas *Observações sobre o Sacro Catino de Genova*, e até » fazer dellas hum extracto para o *Armazem Encyclope-* » *dico*, permitta-me que lhe communique hum passo mui » interessante relativo aos vasos *murrhinos* de que fallei » incidentemente naquella obra, e que serve para con- » firmar cada vez mais a opinião que emitti, em conse- » quencia das mais diligentes indagações criticas, de » que a materia destes vasos não era huma pedra pre- » ciosa, nem mesmo qualquer outra pedra, e que se- » gundo toda a apparencia não podia ser senão vidro. » Sinto ter visto este passo só depois de concluida a

---

fumait les vases en onyx, dont l'usage, comme nous l'avons vu, était très-fréquent chez les anciens; l'on pouvait de même parfumer les vases précieux en verre coloré, que l'antiquité a reconnu, peut-être d'après un même principe étimologique, sous le nom de *murrhins*. *Bossi l. c. nota (e), pag.* 206 *e seguintes.*

(6) Monsieur. — Puisque vous daignez vous occuper de mes *Observations sur le Sacro Catino de Gênes*, et même en disposer un extrait pour le *Magasin Encyclopédique*, permettez-moi, Mr., que je vous communique un passage très-intéressant au sujet des vases *murrhins*, dont j'ai parlé occasionellement dans cet ouvrage; et qui sert à confirmer de plus en plus l'opinion, que j'ai émise d'apres les recherches critiques les plus diligentes, et les plus minutieuses, que la matière de ces vases n'était pas une pierre précieuse, pas même une pierre quelconque, et qu'elle ne pouvait être apparemment que du verre. Je suis fâché, que ce passage ne me soit tombé sous les yeux, qu'après que l'édition de mon ouvrage sur le *Sacro Catino*

» edição da minha obra sobre o *Sacro Catino*; porque » teria, sem duvida, dado muito peso á minha conje- » ctura sobre a materia dos vasos *murrhinos*.

» Não se dirá que os antigos Jurisconsultos fossem » muito instruidos em Historia Natural e em Litholo- » gia; mas póde bem accreditar-se que no seu tempo se » sabia ainda o que erão os vasos *murrhinos*, pelo me- » nos algum tanto melhor do que agora se sabe. Isto » he evidente, e tanto mais porque no tempo dos anti- » gos Jurisconsultos se usavão ainda estes vasos, que oc- » corrião nas successões hereditarias com todos os ou- » tros moveis preciosos; que forão nesta época objecto » expresso d'huma ley; e que os Jurisconsultos, occupan- » do-se em classificalos, e em verificar a sua natureza, » se apoiarão no testemunho de alguns escriptores mais » antigos.

» Ora por hum passo das Pandectas de *Justiniano* de- » monstra-se que os vasos *murrhinos* não podião collocar- » se entre as *pedras preciosas*, ou gemmas. Este passo » acha-se *l. cum aurum*: *ff. de auro*, *argento*, *mundo*, *or-*

était achevée: il aurait ajouté, sans doute, beaucoup de poids à ma conjecture sur la matière des vases *murrhins*.

On ne dirait pas, que les anciens Jurisconsultes fussent bien savans en fait d'Histoire Naturelle, et de Lithologie; mais on peut bien croire, que l'on savait encore de leurs tems ce que c'étaient les vases *murrhins*, un peu mieux au moins de ce qu'on ne le connaît à présent. Celà est évident d'autant plus que du tems des anciens Jurisconsultes ces vases étaient encore en usage; qu'ils passaient dans les successions héréditaires avec tous les autres effets précieux; qu'ils ont pu former à cette époque le sujet exprès d'une loi; et que les Jurisconsultes, en s'occupant de les classifier et de vérifier leur nature, se sont appuyés du témoignage de quelques écrivains plus anciens.

Or, par un passage des Pandectes de *Justinien*, il est démontré que les vases *murrhins* ne pouvaient pas être rangés entre les *pierres précieuses*, ou les *gemmae*. Ce passage se trouve *l. cum aurum*: *ff. de auro, argento, mundo, ornamentis*, &., §. 17, 18, 19 et 20; et

» *namentis* &., §. 17, 18, 19 e 20, e convem citá-lo » por inteiro, com o que precede e se segue á indica- » ção exacta que nelle se dá dos vasos *murrhinos*.

» As pedras preciosas, diz o Juriscousulto *Ulpiano* » §. 17, são materias transparentes, bem como as esme- » raldas, as chrysolithas, as amethistas: isto he dito pe- » lo testemunho de *Sabino*, que o escrevia a *Vitellio*, e » que se fundava tambem na authoridade de *Servio*, que » tinha introduzido huma distincção entre as *pedras* » *preciosas*, a que se dava o nome de *lapilli*. Este *Servio* » observava que as *lapilli* erão d'huma natureza absolutamen- » te differente e até opposta á das *gemmae*, e para confirmar » esta observação procurava exemplos em materias que » erão provavelmente vitreas: *lapilli autem contrariae supe-* » *rioribus naturae, ut obsidiani, venientani* (*a*). *Sabino* ci-

„ (a) *Gothofredo* pensa que deve ler-se *veientani*, apoiando-se n'hum passo d'*Isi-* „ *doro L.* 16. *orig. cap.* 2 em que se acha o seguinte: *Veientana Italica gemma est* „ *a Veientibus reperta, nigra facie, albis intermicantibus notis.* Esta pedra es- „ cura era provavelmente huma variedade da *obsidiana*, e a *obsidiana* não era mais „ commum do que o vidro obsidiano, mencionado repetidas vezes por *Plinio*, e por „ outros Classicos. Poderia talvez provar-se que todas as *obsidianas* erão vidros volca- „ nicos ou artificiaes.

il est bon de le citer en entier, avec ce qui précède et ce qui suit l'indication exacte que l'on y donne des vases *murrhins*.

» Les pierres précieuses „ dit le Jurisconsulte *Ulpien*, §. 17, » ce » sont des matières transparentes, telles que les émeraudes, les chry- » solithes, les amethystes: » cela est dit d'après le témoignage de *Sabinus*, qui écrivait cela à *Vitellius*, et qui s'étayait encore de l'autorité de *Servius*, qui avait introduit une distinction entre les *pierres précieuses*, appellées du nom de *gemmae*, et d'autres pierres, appellées *lapilli*. Ce *Servius* observait, que les *lapilli* étaient d'une nature tout-à-fait différente, et même opposée à celle des *gemmae*, et il en cherchait les exemples dans des matières, qui étaient probablement vitreuses: *lapilli autem contrariae superioribus naturae, ut obsidiani, venientani* (a). *Sabinus* cité de rechef dans le

(a) *Gothofredus* croit, que l'on doit lire *veientani*. Il s'appuye d'un passage *d'Isidorus Lib. XVI. orig. cap. II.* où l'on trouve ce qui suit: *Veientana Italica gemma est a veientibus reperta, nigra facie, albis intermicantibus notis.* Cette pierre noirâtre n'était apparemment, qu'une variété *d'obsidienne*; et *l'obsidienne* n'était pas plus commune, que le verre *obsidien*, mentionné très souvent par *Pline*, et par d'autres Classiques. On pourrait même prouver, que toutes les *obsidiennes* n'étaient que des verres volcaniques ou artificiels.

» tado outra vez no §. seguinte, diz claramente que as » perolas não podião referir-se a nenhuma destas duas » especies, e que não erão designadas nem pelo nome » de *gemmae*, nem pelo de *lapilli*: *loc. cit.* §. 18.

« No §. 19 trata-se dos vasos *murrhinos* em par- » ticular, e decide-se, pela authoridade de *Cassio*, que » estes vasos não pertencião ás pedras preciosas: *mur-* » *rhina autem vasa in gemmis non esse, Cassius scribit.* » Por tanto não erão *pedras preciosas*, *gemmae*; porque o » texto he bem litteral: tambem não erão *lapilli*; por- » que só se falla nos *murrhinos* depois de ter fallado das » perolas que não erão nenhuma destas duas materias, » nem *gemmae*, nem *lapilli*, o que seria muito importan- » te observar se alguem se lembrasse de collocar na segun- » da destas nomenclaturas as pedras semitransparentes, » ou as pedras finas, e de entrever na obsidiana de *Ser-* » *vio* a pedra que tem este nome: por tanto, segundo » toda a apparencia, erão vidro que na antiga pedraria » nunca se acha designado com o nome pomposo de » *gemmae* ou de *lapilli*.

---

paragraphe suivant, dit ouvertement que les perles ne pouvaient être référées à aucune de ces deux espèces; et qu'elles n'étaient pas désignées ni par le nom de *gemmae*, ni par celui de *lapilli: loc. cit.* §. 18.

Dans le §. 19 il est question des vases *murrhins* en particulier; et on y décide d'après l'autorité de *Cassius*, que ces vases n'appartiennent pas aux pierres précieuses: *murrhina autem vasa in gemmis non esse, Cassius scribit.* Ce n'étaient donc pas des *pierres précieuses*, des *gemmae*; puisque le texte est assez littéral: ce n'étaient pas non plus des *lapilli*, puisque l'on ne parle des *murrhins*, qu'après que l'on a parlé des perles, qui n'étaient ni l'une, ni l'autre de ces deux matières, ni *gemmae*, ni *lapilli*; ce qu'il serait très-important d'observer, si jamais quelqu'un s'avisât de ranger sous la seconde de ses nomenclatures les pierres demi transparentes, ou les pierres fines, et d'entrevoir dans l'obsidienne de *Servius* la pierre qui porte ce nom: ce n'était donc en toute apparence, que du verre, que l'on ne trouve jamais désigné sous les noms pompeux de *gemmae*, ou de *lapilli*, de l'ancienne jouaillerie.

» O paragrapho seguinte, §. 20, diz simplesmente « que *auro legato, vasa aurea continentur, et gemmis, gem-* » *mea vasa*: o que prova que os vasos *murrhinos*, que aca- » bão de nomear-se, nunca podião comprehender-se n'hum » legado debaixo do nome de *pedras preciosas*. Convem » por tanto observar que se os Jurisconsultos, e a lei » acharão necessario decidir que os vasos *murrhinos* não » devião ser comprehendidos entre as pedras preciosas, » tinhão sem duvida a apparencia de *gemmae*, ou alguma » semelhança com as verdadeiras pedras; o que em ne- » nhuma substancia podia melhor verificar-se do que em » alguma composição vitrea, como conjecturei na minha » obra sobre o *Catino*.

» Tambem importa observar que, visto ser impos- » sivel suppôr que os *vasa gemmea* fossem d'esmeraldas, » de chrysolithas, de amethystas, provavelmente não po- » derião ser senão d'onix, d'agatha, ou de cornalina; e » com tudo os vasos *murrhinos* não se comprehendem » tão pouco nesta classe, o que prova quasi até á evi- » dencia que só podião ser de vidro.

Le paragraphe suivant, §. 20, porte simplement, que *auro legato, vasa aurea continentur, et gemmis, gemmea vasa:* ce qui prouve que les vases *murrhins*, que l'on vient de nommer, ne pouvaient jamais être compris dans un legs sous le nom *pierres précieuses*. Il est pourtant bon d'observer, que si les Jurisconsultes et la loi ont trouvé nécessaire de décider que les vases *murrhins* ne devaient pas être rangés entre les pierres précieuses, ils avaient sans doute quelqu' apparence de *gemmae*, ou quelque ressemblance avec les pierres véritables; ce qui ne pouvait se vérifier en aucune substance mieux, que dans quelque composition vitreuse, comme je l'ai conjecturé dans mon ouvrage sur le *Catino*.

Il est aussi important d'observer que comme il est impossible de supposer que les *vasa gemmea* fussent en émeraudes, en chrysolithes, en améthystes, ils ne pouvaient être probablement qu'en onyx, en agathe, ou en cornaline; et cependant les vases *murrhins* ne sont pas non plus compris dans cette classe, ce qui prouve presqu'à l'évidence, qu'ils ne pouvaient être que de verre.

» Se este passo do Digesto não esclarece de todo » a materia, pelo menos, he manifesto que põe fora da » duvida que a materia destes famosos vasos não era hu- » ma pedra preciosa, ou qualquer pedra fina, nem mes- » mo huma pedra de *Yu*, como suppoz o Professor *Ha-* » *ger*, e como parece querer sustentalo, ainda depois » da publicação da minha obra com mui circunstanciadas » notas sobre os *murrhinos*.

Quanto á pedra de *Yu*, de que tanto se tem falla- » do por esta occasião, acabo de ler no *Jornal de Phi-* » *sica, Chimica*, etc. redigido por alguns sabios Professo- » res da Universidade de Pavia, huma carta de Mr. A. F. » *Gehlen* a Mr. *Brugnatelli*, em que se dá conta da ana- » lyse feita por Mr. *Klaproth* da pedra d'arroz (reiss stein) » da China, que algumas vezes se tomou por huma » calcedonia, ou por hum cacholong, e que outras ve- » zes se confundio tambem com a pedra de *Yu*, que o » escriptor Alemão chama *problematica*. Desta analyse re- » sultaria, como Mr. *Kratzerstein* de Copenhague tinha » affirmado, que a pertendida pedra de *Yu* he hum vidro

---

Si ce passage du Digeste n'éclaircit pas entierèment la matière, il est constant au moins, qu'il met hors de doute, que la matière de ces fameux vases n'était pas une pierre précieuse, ou une pierre fine quelconque, pas même une pierre de *Yu*, comme le Professeur *Hager* l'a supposé, et comme il semble vouloir le soutenir même après la publication de mon ouvrage avec des notes très-détaillées sur les *murrhins*.

A propos de la pierre de *Yu*, dont on a tant parlé à ce sujet, je viens de lire, dans le *Journal de Phisique, de Chimie*, etc. rédigé par quelques savants Professeurs de l'Université de Pavie, une lettre de Mr. A. F. *Gehlen* à Mr. *Brugnatelli*, où l'on rend compte de l'analyse faite par Mr. *Klaproth*, de la pierre de ris (reiss stein) de la Chine, que l'on a pris quelquefois pour une calcedoine, ou pour un cacholong, et que l'on a aussi confondu d'autres fois avec la pierre de *Yu*, que l'écrivain Allemand appelle *problématique*. De cette analyse ils résulterait, comme Mr. *Kratzerstein* de Copenhague l'avait affirmé, que la prétendue pierre de *Yu* n'est qu'un verre très-fusi-

» mui fusivel. He hum vidro de chumbo silicioso que » contêm 41 partes de oxido de chumbo, 39 de silice, « e 7 de alumina, não podendo as outras 13 partes » pertencer, segundo toda a apparencia, senão a algum » sal vitrificavel, que não póde reconhecer-se pela pe- » quenhez do pedaço analysado. A porção d'alumina em- » pregada no fabríco deste vidro da-lhe, segundo os » Chimicos Alemães, huma especie de semelhança á cal- » cedonia. Mr. *Klaproth* até chegou a indicar o processo » por que poderia imitar-se, ou alcançar huma pedra de » *Yu*, fundindo juntamente doses proporcionadas de oxi- » do de chumbo, de feldspatho, de silice, e de po- » tassa. (*b*)

« Mr. *Hager* teria motivo para suppôr a identidade » da pedra de *Yu* e da materia dos vasos *murrhinos* se » se provasse, como parece, que estes famosos vasos » erão de vidro; porêm não teria razão de fallar da

(*b*) Jornal de Pavia, 5.° bimestre 1808, p. 442.

ble. C'est un verre de plomb silicieux, qui contient 41 parties d'oxide de plomb sur 39 de silice, et 7 d'alumine; les 13 autres parties ne pouvant appartenir, en toute apparence, qu'a quelque sel vitrifiable, que l'on n'a pas pu reconnaître à cause de la petitesse du morceau analysé. La portion d'alumine, employée à la confection de ce verre, lui donne, d'après les Chimistes Allemands, une sorte de ressemblance avec la calcédoine. Mr. *Klaproth* a poussé la chose jusqu'à indiquer le procès, par le quel on pourrait imiter, ou obtenir une pierre de *Yu*, en fondant ensemble des doses proportionelles d'oxide de plomb, de feldspath, de silice, et de potasse. (*b*)

Mr. *Hager* aurait donc eu raison de supposer l'identité de la pierre de *Yu*, et de la matière des vases *murrhins*, s'il était prouvé, comme il paraît, que ces fameux vases n'étaient que de verre: mais il aurait tort de parler de la pierre de *Yu*, et d'en donner la descri-

(*b*) Giornale di Pavia, 5.° bimestre 1808, p. 442.

» dra de *Yu*, e de a descrever como se fosse huma ver-
» dadeira pedra, e até huma pedra de grandissimo preço.
» Parece comtudo mui provavel (e esta observação
» he toda a favor de Mr. *Hager*) que se confundirão
» frequentemente a pedra d'arroz da China, a pedra ol-
» laria deste paiz, de que se tem feito tantos ornatos
» e brincos, e a pedra de *Yu* que talvez esteja bem
» longe de ser *problematica*, sobre tudo recordando a
» identidade desta pedra com o spatho diamantino, iden-
» tidade que procurei estabelecer n'huma das notas ad-
» dicionaes da minha obra. (*c*) A pedra d'arroz não de-
» ve o seu nome á sua semelhança com o arroz puro e
» claro, como o affirmou *Bruckmann*, citado por *Gehlen*.
» Tenho-a visto de todas as côres, e he provavelmente
» huma massa artificial, em que entra huma parte d'arroz,
» ou de mucilagem d'arroz. A pedra ollaria da China
» nada tem de commum com a pedra de *Yu*; e o que

(*c*) Notá (*d*) p. 203.

ption, comme si c'était une pierre véritable, et même une pierre d'un très-grand prix.

Il paraît cependant très-probable, (et cette observation est toute à l'avantage de Mr. *Hager*); que l'on ait très souvent confondu la pierre de riz de la Chine, la pierre ollaire de ce pays, dont on a fait tant d'ornemens et bijoux; et la pierre de *Yu*, qui n'est peut-être rien moins que *problématique*, sur-tout si l'on retient l'identité de cette pierre avec le spath adamantin; identité que j'ai cherché à établir dans une des notes additionelles à mon ouvrage. (*c*) La pierre de riz ne doit point son nom à sa ressemblence avec le riz pur et clair, ainsi que *Bruckmann*, cité par *Gehlen*, l'a affirmé. J'en ai vu de toutes les couleurs, et ce n'est probablement qu'une pâte artificielle, dans la quelle le riz ou le mucilage du riz entre pour quelque chose. La pierre ollaire de la Chine n'a rien de commum avec la pierre de *Yu*; et ce qu'on a analysé était ap-

(*c*) Note (*d*) p. 203.

» analysou, era provavelmente coiza bem diversa da ver-
» dadeira pedra de *Yu*, ainda que possa suppor-se que
» os Chins tenhão tambem falsificado esta pedra afa-
» mada, servindo-se de algum vidro de chumbo silicio-
» so. Possuo dois ornatos de cabeça do uso dos Manda-
» rins da China que Mr. *Hager* vio em minha casa,
» quando passou por Turim. Hum delles só contêm pe-
» quenas perolas e grãos de coral e de malachita, do ou-
» tro pendem grãos de coral, de malachita, e de madre
» perola, e alem disto duas pequenas figuras humanas,
» hum fructo de pedra d'arroz, hum pequeno vaso de
» amethysta, hum pedaço do tamanho e da forma d'hu-
» ma bolota de carvalho d'huma pedra amarellada, se-
» mi-transparente, e dois pequenos pedaços d'huma pe-
» dra verde transparente, grosseiramente trabalhada. Es-
» tes tres ultimos pedaços tem huma dureza extraordi-
» naria, e poderião facilmente suppor-se da verdadeira
» pedra de *Yu*, que se acharia aqui associada á pedra
» d'arroz, e a outras materias bem differentes pela sua
» dureza e natureza. Falta-me ainda fazer algumas obser-

---

paremment tout autre chose que la véritable pierre de *Yu*, quoique l'on puisse supposer, que les Chinois aient aussi falsifié cette pierre très-renommée à l'aide de quelque verre de plomb silicieux. Je possède deux ornemens de tête à l'usage des Mandarins de la Chine, que Mr. *Hager* a vu chez moi à son passage à Turin. L'un des deux ne contient, que des petites perles, et des grains de corail, et de malachite: de l'autre on voit pendre des grains en corail, en malachite et en nacre, et par dessus cela deux petites figures humaines, et un fruit en pierre de riz, un petit vase en améthyste, un morceau de la grandeur, et de la forme d'un gland de chêne, d'une pierre jaunâtre demi-transparente, et deux petits morceaux d'une pierre verte transparente, grossièrement travaillée. Ces trois derniers morceaux sont d'une dureté extraordinaire, et on pourrait aisément les supposer, comme étant de pierre de *Yu* véritable, que l'on trouverait ici associée à la pierre de riz et à d'autres matières bien différentes par leur dureté, et leur nature. Il me reste encore quelqu'observation à faire sur l'analogie de ces pierres avec le spath adaman-

» vações sobre a analogia destas pedras com o spatho
» diamantino. Alem de que não he raro achar entre a
» pedraria dos Chins verdadeiras calcedonias, sem que
» seja sempre a pedra d'arroz que tire a cor de calce-
» donia da porção d'alumina que contêm. Póde acredi-
» tar-se que no cómmercio da China se vendão muitas
» vezes pedaços de pedra de *Yu*, que sejão de vidro,
» e isto póde ter servido para estabelecer huma relação
» entre a pedra de *Yu* e os vasos *murrhinos*. Se o sabio
» Chimico, que juntou a nota (1) á carta de Mr. *Gehlen*,
» se tivesse dado ao trabalho de passar pelos olhos as
» minhas notas sobre os vasos *murrhinos*, ou se tivesse
» examinado á luz da critica e da Chimica os L.os 36,
» e 37 da Historia Natural de *Plinio*, não teria, por cer-
» to, fortificado a supposição da coexistencia d'huma pe-
» dra preciosa *murrhina*, com a materia vitrea de que se
» fabricavão os vasos *murrhinos* tão nomeados na anti-
» guidade.

» No fim da minha nota sobre os vasos *murrhinos*,
» a p. 90 das minhas *Observações sobre o Catino* etc., to-
» quei mui superficialmente nos vasos Gaulezes, chama-

---

tin. D'ailleurs il n'est pas rare de trouver, parmi les pierreries des Chinois, des véritables calcédoines, sans que ce soit toujours la pierre de riz, qui emprunte la couleur de la calcédoine de la portion d'alumine, qu'elle contient. On peut croire, que l'on a souvent débité, dans le commerce de la Chine, des morceaux de pierre de *Yu*, qui n'étaient que du verre; et cela a pu servir à établir un rapport entre la pierre de *Yu* et les vases *murrhins*. Si le savant Chimiste, qui a ajouté la note (1) à la lettre de Mr. *Gehlen*, eût pris la peine de parcourir mes notes sur les vases *murrhins*, ou qu'il eût examiné les livres XXXVI et XXXVII de l'histoire naturelle de *Pline*, le flambeau de la critique et de la chymie à la main, il n'aurait pas sans doute fortifié la supposition de la co-existence d'une pierre précieuse *murrhine* avec la matière vitreuse, dont on fabriquait les vases *murrhins* si renommés dans l'antiquité.

En finissant ma note sur les vases *murrhins*, à la page 90 de mes *Observations sur le Catino, etc.* j'ai passé assez légèrement sur les vases Gaulois, appelés *Hanaps de Madre*, que l'on a quelques-fois

» dos *Hanaps de Madre*, que algumas vezes se confun-
» dirão mui fora de proposito com os vasos *murrhinos*; e
» disse simplesmente que *estes pretendidos murrhinos erão*
» *de páo.* Tornei depois a considerar nos vasos Gaule-
» zes, e achei que estes povos tiverão realmente vasos
» preciosos feitos de páo, e especialmente de ma-
» deira de bordo. Mas parece-me que reconheci que os
» mais bellos vasos desta Nação a que derão o nome de
» *mazer*, *mazerina*, ou *mazelina*, *mazara*, *masdrina*, *mar-*
» *drina*, *madrina*, *madrata*, e finalmente *hanaps de ma-*
» *dre*, erão de madre perola, de que se fazião tambem,
» debaixo do nome de *madre*, tampas, estojos, cabos de
» facas etc., como agora se fazem. Confirma-se tambem
» isto observando que o nome de *madre* applicado á in-
» dicação da Madre perola passou, segundo parece, dos
» antigos Gaulezes aos Provençaes, e dos Provençaes aos
» Italianos que dão o nome de *madreperla* ao que os
» Francezes chamão *nacre*, ajuntando outra palavra por-
» que o nome de *madre*, só por si, sería mui generico na
» Italia. Talvez seja isto huma nova prova do que devemos

---

très-mal à propos confondu avec les vases *murrhins;* et j'ai dit tout court que *ces prétendus murrhins n'étaient que de bois.* Je suis revenu ensuite sur ces vases Gaulois, et j'ai trouvé que réelement, il y a eu, chez ces peuples, des vases précieux faits en bois, et notamment en bois d'érable. Mais j'ai cru de m'appercevoir, que la matière des plus beaux vases de cette nation, que l'on a appellé des noms de *mazer*, *mazerina*, ou *mazelina*, *mazara*, *masdrina*, *mardrina*, *madrina*, *madrata*, et enfin, *hanaps de madre;* était le nacre, dont on faisait aussi, sous le nom de *madre*, des couvercles, des étuis, des manches de couteau etc., comme l'on en fait à présent. Cela est aussi confirmé par l'observation, que ce nom de *madre*; appliqué à l'indication du Nacre, a passé, à ce qu'il paraît, des anciens Gaulois aux Provençaux, et des Provençaux aux Italiens, qui n'appellent le nacre d'autre nom que de celui de *madreperla*, en ajoutant un autre mot, parce que le nom de *madre* isolé aurait été trop générique en Italie. C'est peut-être une nouvelle preuve de ce que nous devons à la langue Provençale, ainsi que vous l'avez dernièrement

» Lingoa Provençal, como tendes ultimamente observa-
» do nas vossas indagações sobre esta lingoa. Com tu-
» do como a madre perola tem a propriedade de refle-
» ctir as côres do arco celeste, e como por esta pro-
» priedade he que sem duvida se confundirão algumas
» vezes os *hanaps de madre*, ou os vasos de madre pe-
» rola dos Gaulezes com os vasos *murrhinos*, serve isto
» de confirmar cada vez mais o que estabeleci na minha
» nota na pagina acima citada, que para se chegar a
» descobrir algum fragmento dos antigos vasos *murrhi-*
» *nos*, *he necessario examinar sobre tudo os vidros com as*
» *cores do Iris e opalinos*, de que se encontrão pedaços
» nos gabinetes dos antiquarios. «

» Tenho a honra de ser etc.

Reproduzindo as ideas do Snr. Bossi não procurei elegancia na traducção, propuz-me unicamente não desfigurar o Author; e se alguem tachar de superfluidade, ou de gosto pouco apurado, tanto neste, como nos mais casos analogos, transcrever por inteiro o original, satisfarei a este reparo declarando que estou tão cançado de

---

observé dans vos *recherches sur cette langue*. Comme cependant le nacre a la propriété de refléchir les couleurs de l'arc en ciel, et que c'est, sans doute, á cause de cette propriété que l'on a confondu quelque-fois les *hanaps de madre*, ou les vases nacrés des Gaulois, avec les vases *murrhins*, cela ne peut que servir à confirmer de plus en plus ce que j'ai établi à la fin de ma note, à la page citée ci dessus; que si l'on veut parvenir à la découverte de quelque fragment des anciens vases *murrhins*, *il faut faire attention surtout aux verres iridés*, *et opalisans*, dont on trouve des échantillons dans les cabinets des antiquaires.

J'ai l'honneur etc.

Lettre de Mr. le Chevalier Bossi à Mr. Millin, Membre de l'Institut National et de la Légion d'Honneur, Conservateur des antiques de la Bibliothèque Impériale etc., au sujet de quelque nouvelle observation sur les Vases *Murrhins*.

Milan, le 10 *Juillet* 1808.

Sem lugar, nem anno, em 8.°

attribuir aos Escriptores coizas que nunca lhe passarão pela idea, que julguei conveniente praticalo assim para todos poderem ser juizes da fidelidade com que apresento as opiniões dos que cito.

Se alguem tiver empenho em conhecer mais miudamente os pareceres desvairados que tem havido sobre a materia dos vasos murrhinos pode saciar o seu appetite consultando os Authores apontados pelo Conde Rezzonico (7); e por Ruhkopf (8), Wolf (9) Kuinoel (10) e Rupert (11)

Principia o Snr. Bossi por conjecturar que os vasos murrhinos serião d'hum vidro mui raro, e mui precioso e de difficil composição, d'hum vidro talvez opalino, fabricado na Carmania, na Persia, e tambem no Egypto; e que sendo a sua materia tão preciosa, quão acabados erão a sua forma e trabalho, não podião nunca os vasos exceder certa dimensão, fundando a sua conjectura em que esta hypothese não repugna a nenhum dos passos dos Classicos que fallarão dos murrhinos, mas pelo contrario os reune todos, e estabelece entre elles huma especie de concordancia. Assevera que todos os caracteres assignados por Plinio aos murrhinos, são coizas praticaveis no fabríco dos vasos de vidro, ao mesmo tempo que seria impossivel reunilos n'huma pedra, nem mesmo na opala. Aponta os dois passos de Plinio que podem oppor-se á sua conjectura e que são = *Murrhina et crystallina ex eadem terra effodimus* (12), e = *humorem putant sub terra calore densa-*

(7) *Disquisitiones Plinianae.* Parmae 1763 e 1767, Tom. 2 p. 212, nota 15.

(8) Nas notas a Seneca. Lipsiae 1797 e seguintes, T. 3., p. 392.

(9) Nas notas a Suetonio. Lipsiae 1802, T. 1., p. 196.

(10) Nas notas a Propercio. Lipsiae 1805, T. 1., p. 357.

(11) Nos Commentarios a Juvenal. Lipsiae 1819 e 1820, T. 2., p. 279.

(12) Plinio. Hist. Nat. Ed. Franzii. Lipsiae 1778 e seguintes, L. 33, cap. 2, T. 9, p. 5.

ri = (13); mas para dissolver esta difficuldade observa que não se attendeo devidamente a estes passos, e reflecte

Quanto ao 1.° passo:

Que não ha duvida que a materia do vidro murrhino, ou crystallino se tirava pela maior parte da terra, e que por tanto se podia fallar no primeiro passo de duas especies de vidro cujas materias primas se tiravão do mesmo lugar.

Que o que prova que só se tratava aqui de vidro, he a frase que se segue á indicação dos murrhinos e dos crystallinos = *quibus pretium faceret ipsa fragilitas* =; porque Plinio nunca teria notado neste lugar a fragilidade do crystal de rocha, que nada de fragil tem quando se tira das montanhas, e de que elle reconheceo n'outra parte a dureza, fazendo-o até desenterrar em alguns sitios com o ferro da charrua. E que sobre tudo o que mostra evidentemente que só se trata de vidro, ou d'huma materia fusivel que serve para o fabrico do vidro, he que a patria dos murrhinos he designada por Plinio, e collocada no Oriente, no Reino dos Parthos, e na Carmania, de que dista muito a patria dos crystaes indicada pelo mesmo Plinio, e collocada no Oriente, que he hum termo muito vago, porêm mais precisamente na India, junto d'Alabanda e d'Ortosia, na Ilha de Chipre, e nas montanhas dos Alpes; portanto não tratava d'huma pedra quando dizia = *murrhina et crystallina ex eadem terra effodimus* =; porque seria erro mui grosseiro; tratava-se d'outra substancia diversa, d'huma substancia propria para fazer vidro, ou mesmo d'huma especie de massa fundida, d'hum vidro ja formado, d'hum vidro volcanico.

(13) Plinio, l. c., L. 37, cap. 8., T. 10, p. 18.

Quanto ao segundo passo:

Que he evidente que a condensação de que se falla he o modo de cozer os vasos murrhinos, que talvez Plinio julgou que fosse debaixo da terra, por não ter idea dos fornos para obras de barro, ou das fornalhas Parthicas, ou póde ser que julgasse que esta operação se executava em fornos subterraneos.

Que o que tira toda a duvida a esta interpretação he que os antigos applicarão frequentemente a palavra *humor* ao vidro, pela sua semelhança apparente com a agoa, e que quasi nunca se servirão della fallando da concreção das pedras.

E que por consequencia era hum vidro, ou huma massa de vidro que se fazia cozer debaixo da terra, ou em fornos subterraneos, e não era huma materia *sui generis* que se formasse nas entranhas da terra; e que neste sentido he manifesto que este passo está bem longe de oppor-se á sua conjectura.

Da conjectura passa o Snr. Bossi á asserção positiva de que os murrhinos não podião ser senão de vidro, apoiando-se nos seguintes passos de Plinio.

Fallando dos ornatos dos templos e dos instrumentos dos sacrificios, diz (14) que se fazião as libações em pequenos copos que não erão murrhinos, nem crystallinos, mas simplesmente de barro cozido: logo tratava-se aqui de vidro que se comparava, de algum modo, ás obras de olaria.

Fallando do vidro, sua composição etc. (15), falla do vidro obsidiano com que se falsificava a pedra obsidiana; falla do vidro branco e do murrhino = *fit et album, et*

(14) Hist. Nat. L. 35, cap. 46, T. 9, p. 548.
(15) Plinio, l. c., L. 36, cap. 67, T. 9, p. 782.

murrhinum =; passa depois ás massas vitreas com que se fingião os jacinthos, as saphiras, e todas as outras pedras preciosas de côr; mas quando falla do murrhino, falla simplesmente de hum vidro, e não se trata nem de falsificação, nem de fraude, nem de imitação, como se diz no artigo obsidiano. Era portanto o murrhino hum vidro, huma especie particular de vidro, hum vidro *sui generis* de que fallou no capitulo em que trata do vidro, sem fazer menção de nenhuma materia prima que se pertendesse imitar por meio deste producto dos fornos.
Fallando, no mesmo capitulo em que trata dos vasos murrhinos (16), d'algumas materias que não erão pedras, ou gemmas propriamente taes, mas que de certo erão tão estimadas como as gemmas, faz primeiro menção do alambre, e põe na mesma classe as peças crystallinas e murrhinas que por consequencia não erão gemmas, mas trastes de vidro. He essencial attender ás poucas palavras que se seguem = *crystallina et murrhina, frigidi potus utraque* =, o que tira toda a duvida de que Plinio queria fallar neste passo d'huma composição vitrea, e que se liga muito bem com o que tinha dito dos caracteres do vidro = *est caloris impatiens, ni præcedat frigidus liquor* =, e por isto he que os vidros murrhinos erão reservados para as bebidas frias. Que nos lugares, assaz numerosos, em que reune as duas indicações *murrhina et crystallina* se trata sempre de crystaes de vidro, servindo-se constantemente da palavra *crystallum* quando se trata do crystal de rocha. Por consequencia só havia hum vidro murrhino, e não havia nenhuma substancia petrea, qualquer que ella fosse, chamada murrhina de que Plinio não teria deixado de fazer menção. Que no seu Diccionario lithologico, ou na sua indicação das pedras por ordem

(16) Plinio, l. c., L. 37, cap. 11, T. 10, p. 26.

alphabetica, fallou da pedra chamada *myrrhites*, que tinha a côr e o cheiro da myrrha, mas desta pedra não he que se fazião os vasos murrhinos.

Que entre os pés ou bases que devião por-se por baixo das taças que não os tinhão, podião comprehender-se, mesmo conforme a interpretação d'Hardouin, os *abaci* de que muitas vezes falla Plinio, e de que diz serem feitos da materia dos vasos murrhinos: *abacis etiam escariisque vasis inde expetitis*, cujo tamanho nunca excedião = *nusquam parvos excedunt abacos* = (17). O que se punha por baixo das taças que não tinhão pé era, humas vezes pequenas laminas, outras vezes pequenos pratos covos ou concavos, e seria isto mais huma prova de que os famosos vasos murrhinos erão de vidro.

Reforça o Snr. Bossi estas authoridades de Plinio com a de Propercio:

Murrheaque in Parthis pocula cocta focis (18)

e com a das Pandectas de Justiniano= *Murrina autem vasa in gemmis non esse Cassius scribit*= (19); porque não sendo pedras preciosas, tambem não erão *lapilli* que, segundo Servio (20), erão d'huma natureza absolutamente differente, e até opposta á das *gemmae*, como as obsidianas e as Venientanas; por que se falla dos murrhinos depois de se ter fallado das perolas, que não erão nenhuma destas duas materias (21); e por tanto, segundo toda a apparencia, erão de vidro, que na antiga pedraria nunca se acha designado com o nome pomposo de *gemmae*, ou de *lapilli*; e se os Jurisconsultos achavão necessario decidir que os vasos murrhinos não devião ser

---

(17) Plinio, l. c., L. 37, cap. 7 e 8, T. 10, p. 15 e 18.
(18) L. 4.°, Elegia 5, v. 26. Ed. de Kuinoel T. 1, p. 357.
(19) L. 34, Tit. 2.°, l. 19, §. 19. Ed. Amstelodami 1663, p. 480.
(20) Pandectas, l. c., §. 17.
(21) Pandectas, l. c., §§. 18 e 19.

comprehendidos entre as pedras preciosas, tinhão sem duvida apparencia de *gemmae*, ou alguma semelhança com as verdadeiras pedras, o que em nenhuma substancia podia melhor verificar-se do que n'huma materia vitrea; importando igualmente observar que, visto ser impossivel suppor que os *vasa gemmea* fossem d'esmeraldas, de crysolitas, ou d'amethystas, provavelmente não podião ser senão d'onix, d'agatha, ou de cornalina; e comtudo os vasos murrhinos não se comprehendião tão pouco nesta classe, o que prova, quasi até á evidencia, que só podião ser de vidro.

De tudo o que fica expendido conclue o Snr. Bossi que, interpretando rigorosamente todos os Classicos, os vasos murrhinos não podião ser senão de vidro. E que a sua opinião, longe de estar em contradicção com os textos dos Classicos que fallarão dos vasos murrhinos, apoia-se em todas estas authoridades, e serve ao mesmo tempo para illustralas.

E eu concluirei que os passos dos Authores Classicos, citados pelo Snr. Bossi para firmar a sua opinião, (á excepção d'hum) todos são contrarios a ella; e que (empregando as suas mesmas palavras) attribuio a Plinio expressões de que elle nunca se servio, e não examinou á luz da critica os L.os 36 e 37 da Historia Natural do mesmo Plinio.

Mas antes de entrar na analyse da opinião do Snr. Bossi, lembrarei que esta opinião, em lugar de ser nova, he mui antiga, porque he a do Scholiastes de Lucano, cuja idade se não sabe ao certo, mas que existe n'hum codigo do nono seculo, que pertenceo a Vossio (22). Este Scholiastes, referindo varias opiniões sobre a

(22) Lucano, Ed. Oudendorpii. Lugd. Batavorum 1728, T. 1, na Prefação, assignatura ††4.

materia dos vasos murrhinos, diz = *vel* murra *genus est vitri optimi*: *unde et* murrhina *pocula dicuntur* (23). E he tambem a de Scaliger nas notas a Propercio (24), que Passerat copiou (25), e que tambem refere Volpi. (26) Porêm o que admira he que o Snr. Bossi, transcrevendo Volpi, e apontando Passerat, esquecesse o que elles dizem a este respeito, e que só estime encontrar desta mesma opinião Everhard Visconti, o maior Antiquario com que podia honrar-se a sua Patria.

Como Plinio he o unico escriptor da antiguidade que descreve os vasos murrhinos, copiarei as suas palavras para confrontar com ellas a doutrina do Snr. Bossi. VII. *Eadem victoria primum in Urbem murrhina invexit: primusque Pompeius lapides et pocula ex eo triumpho Capitolino Jovi dicavit: quae protinus ad hominum usum transiere, abacis etiam escariisque vasis inde expetitis. Excrescitque in dies ejus rei luxus, murrhino LXX talentis empto, capaci plane ad sextarios tres calice. Potavit ex eo ante hos annos Consularis, ob amorem abroso ejus margine, ut tamen injuria illa pretium augeret: neque est hodie murrhini alterius praestantior indicatura. Idem in reliquis generis ejus quantum voraverit, licet existimare ex multitudine, quae tanta fuit, ut auferente liberis ejus Nerone Domitio, theatrum peculiare trans Tiberim hortis exposita occuparent: quod a populo impleri cauente se, dum Pompeiano præludit etiam Neroni satis erat: qui vidit tunc annumerari unius scyphi fracta membra: quæ in dolorem, credo, saeculi invidiamque fortunae, tanquam Alexandri Magni corpus, in conditorio servari, ut ostentarentur, placebat. T. Petronius Consularis*

---

(23) Lucano. Ed. Oudendorpii., T. 1, p. 292, col. 2., nota ao verso 380.

(24) Antuerpiae, apud Aegidium Radeum 1582, 12.°, p. 223 das notas.

(25) Na edição de Catullo, Tibullo, e Propercio. Parisiis 1608 fl., nas notas, p. 615, col. 2.

(26) Na edição de Propercio. Patavii 1775, T. 2, p. 1:304, col. 1.

moriturus, invidia Neronis Principis, ut mensam ejus exheredaret, trullam murrhinam trecentis talentis emptam fregit. Sed Nero, ut par erat Principem, vicit omnes, trecentis talentis capidem unam parando. Memoranda res tanti Imperatorem patremque patriae bibisse.

VIII. *Oriens murrhina mittit. Inveniuntur enim ibi in pluribus locis, nec insignibus maxime Parthici regni: praecipue tamen in Carmania. Humorem putant sub terra calore densari. Amplitudine nusquam parvos excedunt abacos: crassitudine raro, quanta dictum est vasi potorio. Splendor his sine viribus: nitorque verius, quam splendor. Sed in pretio varietas colorum, subinde circumagentibus se maculis in purpuram candoremque, et tertium ex utroque ignescentem, veluti per transitum coloris, in purpura, aut rubescente lacteo. Sunt qui maxime in iis laudent extremitates, et quosdam colorum repercussus, quales in caelesti arcu spectantur. His maculae pingues placent: translucere quidquam aut palere, vitium est. Item sales, verrucaeque non eminentes, sed ut in corpore etiam plerumque sessiles. Aliqua et in odore commendatio est.*

IX. *Contraria huic causa crystallum facit, gelu vehementiore concreto. Non aliubi certe reperitur, quam ubi maxime hibernae nives rigent: glaciemque esse certum est: unde et nomen Graeci dedere. Oriens et hanc mittit, quoniam Indicae nulla praefertur. Nascitur et in Asia vilissima circa Alabanda, et Orthosiam, finitimisque montibus, item in Cypro. Sed laudata in Europae Alpium jugis etc.*

O texto que transcrevi he o da edição de Franzio, (27) que he tambem o de Hardouin, e por isso o vulgar; porêm não posso deixar de notar que offerece alguns tropeços, parte dos quaes ja forão observados por alguns Commentadores de Plinio, e outros não.

---

(27) Plinio, Hist. Nat., L. 37, Cap. 7, 8, e 9, T. 10, p. 14 e seguintes.

Primeiramente:

Quanto ao preço dos murrhinos: diz que hum varão Consular tinha comprado por 70 talentos hum calix que levava quasi tres sextarios, e no tempo de Plinio não se conhecia outro murrhino de maior valor. Este facto era recente, não só pela frase *ante hos annos*, que denota poucos annos decorridos; mas tambem porque Plinio callou o nome do varão Consular naturalmente, segundo pensa Rezzonico (28), para não dar a conhecer o homem que tinha feito a loucura de o comprar, e de lhe roer as bordas por hum excesso de furor, extasiado com a belleza do seu copo. Plinio escreveu a sua Historia Natural no tempo de Tito Flavio Vespasiano, o Pai, e offereceu-a a seu filho Tito no anno 9 a 10 do seu Imperio, 78 da Era vulgar (29), e por consequencia muito depois da morte de Nero; mas alcançou todo o tempo de Nero, porque tinha 31 annos quando elle foi elevado á dignidade imperatoria; portanto tudo o que conta he do seu tempo (30). Ora Plinio diz que sendo T. Petronio mandado matar por Nero, quebrara huma taça murrhina que lhe tinha custado trezentos talentos, para não passar para a mesa de Nero, mas que Nero excedeu a todos, como competia a hum Principe, comprando outra taça por 300 talentos. Por consequencia combinando estes diversos passos surge delles huma contradicção. Se 70 talentos era o maior valor conhecido, até ao tempo de Plinio, d'hum vaso murrhino d'huma grandeza extraordinaria e unica, e que se dava por exemplo do alto preço a que o luxo tinha feito chegar este

---

(28) *Viri Consularis nomen a Plinio reticetur: putarem, ne amici hominis stultitiam appositis gentiliciis appellationibus magis dammaret.* Disquisitiones Plin. T. 2, p. 210, col. 2, nota 8.

(29) Rezzonico, l. c., T. 1, p. 172 a 174,

(30) Rezzonico, l. c., T. 1, p. 99.

artigo, como deu Petronio trezentos talentos por huma taça de que nenhuma singularidade se aponta? E se Nero deu a mesma somma de trezentos talentos por outra, como venceo a todos na profusão de dar preço exorbitante por hum murrhino? O que se conclue dos numeros de Plinio he absolutamente o contrario do que diz o texto, e vem a ser que nem o copo do varão Consular era o de maior preço, porque 70 he menos do que 300, nem Nero excedeo a todos na mania de pagar vasos murrhinos, porque deu pela sua taça o mesmo que tinha custado a de Petronio.

Rezzonico, com o auxilio de Mss. e edições antigas, emendou este passo, pondo em lugar de 70 talentos, oitenta mil sestercios; em lugar dos trezentos talentos da taça de Petronio, trezentos mil sestercios; em logar dos trezentos talentos do copo de Nero, quatrocentos mil sestercios (31); porem declara que os Mss. e edições que cita tem 80, 300, e 400 sestercios (como lê tambem Landino (32)), mas que deve supprir-se a linha transversal por cima do numero, que indica milhares. Por este modo salva-se a contradicção dos preços dos murrhinos de T. Petronio e Nero; porêm subsiste ainda entre os preços destes, e o do murrhino do varão Consular; e resta-me tambem, para mim, huma grande difficuldade relativamente ao preço dos murrhinos em geral, nos tempos de que falla Plinio.

Setenta talentos são:
segundo o calculo de Hardouin, 168:000 lib. tornesas, ou 26:880$000 rs.; e 300 talentos são 720:000 lib., ou 115:200$000 rs. (33):

(31) L. c., T. 2, p. 210, col. 1., nota 5; e p. 211, col. 1., nota 3, e col. 2., nota 5.

(32) Landino. Traducção Italiana de Plinio. Ed. de Veneza 1481, Opus Philippi Veneti, assignatura K. y. col. 2.

(33) Plinio. Ed. de Franzio, T. 10, p. 15, nota (a), e p. 17, nota (n).

segundo la Harpe 210:000 lib., ou 33:600$000 rs.; e 300—900:000 lib., ou 144:000$000 rs. (34):
e segundo Brotier 326:812 lib., ou 52:289$920; e 300—1:370:625 lib., ou 219:300$000 rs. (35):
sommas que excedem toda a credibilidade: mas convertamos com Rezzonico os talentos em milhares de sestercios, assim mesmo teremos, segundo o calculo de Hardouin (36), e de Eisenschmid (37) 8:000 fr., ou 1:280$000 rs. pelo preço do murrhino do varão consular; 30:000 fr., ou 4:800$000 rs., pelo de Petronio; e 40:000 fr., ou 6:400$000 rs., pelo de Nero. Com este valor se conforma o Snr. Bossi, porque dá a 80 sestercios (queria dizer oitenta mil) o valor de 8:000 fr., pouco mais ou menos. Pelo calculo de la Harpe montarião os 80:000 sestercios a 16:000 lib., os 300:000 a 60:000 lib., e os 400:000 a 80:000 lib., que equivalem no nosso dinheiro a 2:560$000 rs, 9:600$000 rs., e 12:800$000 rs. (38). E pelo calculo de Brotier (39) 80:000 sestercios valerião 248:998$400 rs., 300:000 sestercios 933:841$120, e 400:000 sestercios 1.245:121$600. He escusado impugnar a impossibilidade dos dous ultimos preços; porêm mesmo adoptando o primeiro calculo, que he o mais baixo, Plinio diz que os murrhinos se tornarão tão vulgares no tempo de Nero,

---

(34) Traducção de Suetonio, Cesar §. 54. Ed. de Paris 1805, T. 1.°, p. 159, nota (3).
(35) Na edição de Plinio. Parisiis, Barbou 1779, T. 6, p. 458, notas 16, 20, e 21.
(36) Na edição de Franzio, T. 10, p. 25, nota (h).
(37) Citado por Gesner = *Thesaurus Linguæ Latinæ* = voce = *sestertius.* =
(38) L. c., T. 1, p. 106, nota 1; p. 110, nota 1; T. 2, p. 226, nota 1; 245, nota 2 &c. &c.
(39) L. c., T. 6, p. 458, notas 16, 20 e 21; posto que os numeros não concordão bem com o texto.

como elle declara; Seneca, que foi Mestre de Nero, e por elle condemnado á morte, refere o mesmo = Já todos tem machos, todos tem vasos crystallinos e murrhinos = (40); e Marcial, que alcançou tambem o tempo de Plinio (41), zombando de Mamurra, que sendo pobre queria affectar de rico, e andava apreçando o que havia de mais subido valor, diz que foi separar e pôr signal em dez murrhinos (42). Mas para andar escolhendo e separar 10 murrhinos, era necessario que nas logeas em que os procurou houvesse muitos mais, e não parece acreditavel que huma logea apresentasse muitos objectos da mesma especie do valor de 4:800$000 rs., ou de 6:400$000 rs., pelo menos não acontece isso hoje em nenhum dos mercados da Europa, ainda nos mais ricos; e se os objectos erão vulgares, por isso mesmo não podião ser de tamanho preço; logo parece que não podião os murrhinos de Petronio e de Nero ter o valor de 300, e 400 mil sestercios.

Plinio parece confirmar esta opinião; porque tendo fallado dos obeliscos do Egypto, continúa = » Acenem-se » tambem as pyramides do mesmo Egypto, ostentação » ociosa e estulta do dinheiro dos Reis » = (43); e enumerando os Authores que escreverão das maiores accres- » centa = » que de todos elles não consta por quem forão » feitas, ficando esquecidos, por justissimo acaso, os au-

---

(40) *Omnes jam mulos habent, qui crystallina et murrhina.* Epistola 123. Ed. de Ruhkopf. Lipsiae 1797 e seguintes, T. 3, p. 426.

(41) Ed. de Smids. Amsteloda.i 1701, na vida de Marcial cap. 1°. D. José Roiz de Castro. Bibliotheca Española. Madrid 1781 e 1786. T. 2, p. 119, col. 2.

(42) *Et turbata brevi questus crystallina vitro,*
Myrrhina signavit, seposuitque decem.
L. 9., Epigr. 60, p. 376 da Ed. citada.

(43) *Dicantur obiter et pyramides in eadem Aegypto, regum pecuniae otiosa ac stulta ostentatio.* Hist. Nat. L. 36, cap. 16, T. 9, p. 671.

» thores de tamanha vaidade = (44). Falla depois d'outras obras famosas da antiguidade, como o Pharo d'Alexandria, os Labyrinthos, o templo de Diana em Epheso, etc.; e passando ás maravilhas de Roma refere o Circo maximo, a Basilica de Paulo, o Foro de Augusto, o Templo da Paz de Vespasiano, etc. (45), e ajunta = » Ad- » miramo-nos das pyramides dos Reis . . . . P. Clodio, que » foi morto por Milão, habitou huma casa comprada por » 236:800$000 rs., o que por certo não he menos de ad- » mirar do que a loucura dos Reis » = (46). Plinio só achou para termo de comparação da loucura do preço da casa de P. Clodio as pyramides do Egypto, na construcção da maior das quaes trabalharão trezentos e sesssenta e seis mil homens, por espaço de 20 annos (47); e se 236:800$000 rs. seria hoje o custo d'hum palacio não mui sumptuoso naquelles mesmos paizes da Europa em que não ha logeas que abundem de objectos identicos do valor de 4:800$000, e 6:400$000 rs, como poderá suppor-se que os murrhinos, em tempo em que já erão vulgares, tivessem semelhante valor? Mais se corrobora o que fica ponderado com o que reconta Plinio affirmando haver obras de barro que custavão mais que os murrhinos (48), consequentemente não podião elles ser tão caros.

---

(44) *Inter omnes eos non constat a quibus factae sint, justissimo casu obliteratis tantæ vanitatis auctoribus.* l. c., cap. 17, p. 675.

(45) *Verum et ad Urbis nostrae miracula transire convenit* l. c., cap. 24, p. 694 e seguintes.

(46) *Pyramides regum miramur . . . . . Publius Clodius, quem Milo occidit, sestertium centies et quadragies octies domo empta habitaverit: quod equidem non secus, ac regum insaniam miror.* l. c., L. 36, cap. 24, T. 9., p. 697.

(47) *Pyramis amplissima ex Arabicis lapidicinis constat. Trecenta LXVI hominum millia annis XX eam construxisse produntur.* l. c., L. 36, cap. 17, T. 9, p. 674.

(48) *Quoniam eo pervenit luxuria, ut etiam fictilia pluris constent quam murrhina.* Hist. Nat. L. 35, cap. 46, T. 9, p. 556.

O custo de 300 e 400 sestercios, como lhe dão os Mss. e edições citadas pelo Conde Rezzonico, que vem a equivaler a 4$800, e 6$400 rs, tambem he mui diminuto; porêm como no calculo dos sestercios humas vezes se subintende cem, outras mil, outras cem mil (49), se neste passo se subintendessem 100, parece-me que tudo correria optimamente, valendo nesse caso (segundo a conta d'Hardouin) a taça de Petronio 3:000 fr. ou 480$000 rs., e a de Nero 4:000 fr. ou 640$000 rs; mas o que acabo de expender não passa de conjectura, a que talvez haja muito que oppôr, não tendo duvida em confessar que não sei sahir bem deste enleio, e convindo com hum dos commentadores de Suetonio em que = sendo em grande parte mui cheios d'erros os Escriptores Latinos..... com tudo o que respeita aos numeros he ainda mais errado, de maneira que até agora ninguem o entendeo bem = (50), a pesar de tudo o que se tem escripto mesmo posteriormente sobre esta materia. Se quizesse admittir-se o calculo de Brotier, seria o murrhino de Petronio comprado por 93:384$112 rs., e o de Nero por 124:499$200 rs., estimação que mais fortemente repugna ás observações suggeridas pelas authoridades que apontei.

Pelo que pertence ao calix do varão consular, conviria eu com Rezzonico em sobrepôr o traço transversal aos LXXX HS., assignando-lhe o valor de 80:000 sestercios; porque não excedendo em nenhuma parte a materia prima dos murrhinos o comprimento d'huma pequena lamina, e a grossura raras vezes a do referido calix,

---

(49) Forcellini Lexicon, voce *sestertius*. Ed. Patavii 1805; e Baumgarten, Ed. de Suetonio. Lipsiae 1816 e seguintes, T. 1, p. 54, nota; e T. 3, p. 713.

(50) Burmanno na Ed. de Suetonio. Amstelodami 1736, T. 1., p. 61, col. 1., nota (26).

não admira que huma taça d'huma grandeza desmedida, tal como esta, que levava quasi tres sextarios, custasse 1:280$000 rs.; se he que Plinio não escreveo huma sigla que transformada pelos copistas nas diversas lições dos Mss., e edições antigas, apresenta a variedade dos numeros que se encontrão em muitos outros lugares de Plinio. Por este modo desvanecem-se todas as contradicções; e ainda que se queira contrapôr que os 40:000 sestercios que deo Nero pelo seu murrhino, são muito menos do que 80:000; que custou o do varão consular, e que por isso não excedeo elle a todos; com tudo reflectindo que Nero comprou hum copo = *capidem* = em que nada se nota de singular, e que o calix do varão consular era de grandissima dimensão e belleza, subsiste o excesso do preço relativamente á pequenhez do objecto comprado.

Em segundo lugar:

Não comprehende como roendo-se, ou mossegando-se a borda d'hum vaso, podesse este defeito augmentar-lhe o valor; mas vejo que assim o traduz Landino (51), e que os Commentadores que consultei não empeçarão neste passo; e só Rezzonico, sentindo talvez a difficuldade, diz que = » mandou desbastar a borda d'hum murrhi» no que levava tres sextarios para beber mais facilmen» te, porque como a grossura da pedra era extraordi» naria, por isso mesmo, sendo maior do que as com» muns, tornava-se incommoda aos que bebião » = (52);

---

(51) *E per amore gli aveva roso gli orli e nientedimeno per tale injuria gli era acresciuto il prezo* = E por gosto lhe tinha roido as bordas, e não obstante isto por tal injuria tinha augmentado o seu preço. Landino. Traducção de Plinio. Ed. citada, assignatura K *ỹ*.

(52) Sed murrhini sextarios tres metientis labrum jussit abrodi, ut facilius biberet; nam quamvis lapidis rara esset crassitudo; haec tamen communibus major, bibenti evadebat incommoda. *l. c., T. 2, p. 210, col. 2., nota 8.*

porêm não occorreo a Rezzonico que esta explicação nem combinava com ser a borda do vaso roida por gosto = *ob amorem* =, nem destruia a contradicção de que hum defeito fizesse augmentar o valor do vaso murrhino. Conjecturo por tanto que ou Plinio falla com a mesma ironia e mofa com que continúa, comparando os pedaços do vaso quebrado ao corpo d'Alexandre, e motejando d'hum Pai da Patria beber por copo de tanto preço; ou então está este passo viciado, como immensos outros do mesmo Author; porque, segundo Erasmo, quasi todos os Mss. são erradissimos (53).

Em terceiro lugar:

Não sei ligar hum sentido claro á expressão *auferente liberis ejus Nerone Domitio* =; porque não podendo *ejus* referir-se a *Nerone*, não tem a quem se refira senão ao varão consular. Mas se Plinio (como bem adverte Rezzonico a meu ver) quiz calar o nome deste varão, a circunstancia de ter Nero tirado a seus filhos tanta copia de murrhinos que enchião hum theatro, e a de ser hum acontecimento recente = *ante hos annos* = descobrem clarissimamente aquillo mesmo que se pretendia occultar; porque he impossivel que tivesse havido muitos varões consulares com cujos filhos Nero praticasse igual facto, e que por isso podesse o nome daquelle que possuio a famosa taça ser confundido na generalidade dos outros. Alem de que ¿como se compadece o grande preço dos murrhinos com huma abundancia delles tal que enchião hum theatro? E ainda que por

---

(53) Nos ex vetutissimo quodam codice, sed ut fere sunt, depravatissime scripto non pauca restituimus. *Na ed. da prefação de Leão* 1548 *fl.*, ex Officina Godefridi et Marcelli Berengorum fratrum, citado por Guthe Ueber den Astrios — Edelstein des Cajus Plinius secundus, Eine antiquarisch — litognostische Abhandlung. *München* 1810 — 4.°, *p.* 10, *nota* 3. — *Dissertação archeologico — lithologica sobre a Astrios, pedra preciosa de Caio Plinio segundo, Munich etc.*

theatro se entenda só o tablado, como presumo, porque a platea havia ser occupada pelos espectadores, e que este tablado, sendo de hum theatro pequeno, fosse tambem pequeno; com tudo para encher de murrhinos hum tablado era mister grandissima quantidade, quantidade que reunida nas mãos d'hum só particular parece apresentar huma contradicção entre este passo e o seguinte. Se tão crescido era o numero dos murrhinos no tempo de Nero, e por consequencia se tão vulgares erão, como mandou elle guardar para se mostrarem como se fosse o corpo d'Alexandre, os fragmentos d'hum copo que se tinha quebrado? Nenhuma destas reflexões assomou aos Commentadores que consultei, antes Hardouin, sem hesitar, explica assim o seu texto = Que tirando Nero Cesar aquelles copos aos filhos delle = (54). Porêm eu entendo que neste passo ha alteração, faltando ou sobejando alguma cousa, tanto mais que Landino omittio na sua traducção tudo o que diz o texto, desde = *Idem in reliquis* = até = *canente se* = (55), o que prova que nos Mss. de que se servio faltavão aquellas palavras.

Em quarto lugar:

Brotier traz = *Vidi tum adnumerari*, e diz que a primeira edição lê mal = *qui tunc vidit adnumerari* (56). E Hardouin explica = *in dolorem saeculi invidiamque fortu-* » *nae* = por este modo = Para que o seculo presente » se magoasse e invejasse a fortuna do tempo passa- » do= » (57).

---

(54) (Ut auferente) *Ut cum Nero Caesar ea pocula liberis ejus auferret* = Plinio, l. c., T. 10, p. 15, col. 2, nota (e).

(55) Traducção Italiana de Plinio, Ed. citada, assignatura K ỳ.

(56) Na edição de Plinio citada. T. 6, p. 458, nota 19 = *Malè editio princeps*, qui tum etc.

(57) *Ut doleret praesens seculum, invideretque fortunae superioris aetatis.* Na ed. de Franzio T. 10, p. 16, col. 2, nota (h).

Não me contenta nem a lição de Brotier, nem a explicação d'Hardouin.

A lição: porque Plinio quer fazer sobresahir o ridiculo de mandar Nero guardar para se mostrarem, como se fosse o corpo d'Alexandre, os bocados d'hum vaso murrhino que se quebrou; e então o ridiculo he muito maior assistindo Nero á contagem dos pedaços do copo, para não escapar nenhum. E sendo evidente que Plinio empregou todos os meios de escarnecer a acção de Nero, pois que até, para sustentar melhor a comparação com o corpo d'Alexandre, chamou aos pedaços do copo murrhino *membra*, e com o mesmo intuito se servio da palavra = *conditorio* = que significa thesouro, casa onde se guardão joias &c., e sepultura, porque assim como o corpo d'Alexandre esteve n'huma sepultura de vidro para se ver (58), assim tambem os pedaços do murrhino se guardárão no thesouro para se mostrarem; como havia elle tirar huma grande parte da força á sua imagem escrevendo = *Vidi tunc adnumerari*?

A explicação: porque principiando Nero a governar o Imperio no anno 806 de Roma, e tendo Plinio offerecido a sua Historia Natural a Tito Vespasiano Filho, no anno de Roma 830 (59), o facto a que se refere Plinio aconteceo nos 24 annos que medeão entre estas duas datas, e se fosse necessario podião estreitar-se mais os limites dentro dos quaes succedeo; por consequencia não lhe he applicavel a antithese do seculo presente, e a idade passada. Parece-me que Plinio, seguindo o seu systema de irrisão = *credo* =, quer dizer que Nero julgou aquelle acontecimento como hum grande desastre, e que mandou guardar os bocados do murrhino quebrado para

(58) Hardouin nas notas a Plinio. Ed. citada, T. 10, p. 16, col. 2., nota (i).

(59) Rezzonico l. c., T. 1., p. 98, e p. 108.

que as pessoas do seu tempo vendo-os, tivessem lastima de que a fortuna invejosa de que nelle houvesse coiza tão bella, fizesse com que se quebrasse.

Em quinto lugar:

A lição de = *veluti per transitum coloris, in purpura, aut rubescente lacteo* = não me parece que offereça hum sentido claro. Hardouin diz que assim trazem este passo todos os Mss. (60); porêm Rezzonico emenda pela authoridade do Mss. I. da Ambrosiana = *in purpura a rubescente lacteo* =, cita huma lição differente de outro Mss. da mesma Bibliotheca, e diz que Dalecampio, á margem da sua edição, notou como tirado d'hum velho exemplar = *purpura candescente, aut lacte rubescente* =, e que esta lição parece por certo menos dissonante do que as que até alli se tinhão publicado (61). E Landino, que para a sua traducção se servio de Mss. e talvez do precioso Mss. de Napoles (62), traduz = como quando, por » mudança de côres, ou a purpura se torna branca, ou o » leite purpurino = (63), o que concorda com a nota de Dalecampio. O que Plinio quiz dizer he que a luz reflectida pelos vasos murrhinos mostrava huma côr de leite que, mudando-se a posição do vaso ou do espectador, se encendia, e se convertia em côr de purpura; e que, n'outro reflexo e por hum motivo identico, a côr de purpura desmaiava e se tornava côr de leite. He este realmente o phenomeno que a natureza apresenta nas

---

(60) Na edição de Plinio de Franzio, T. 10, p. 18, col. 2., nota (t).

(61) *Dalecampius ad libri oram ex veteri exemplari adnotavit* = purpura candescente, aut lacte rubescente = *id certè minùs dissonum videtur, quàm huc usque vulgata.* Rezzonico l. c., T. 2, p. 213, nota 4., col. 1. A emenda *in purpura &c.* vem na mesma p. col. 2.

(62) Rezzonico l. c., T. 2, p. 209, col. 2., nota 4, p. 364, e p. 244.

(63) *Chome quando per mutatione di colori o la purpura viene al bianco o el lacte al porporino.* l. c. assignatura K y.

opalas &c. pelas razões que adiante exporei; e por tanto persuado-me de que a verdadeira lição de Plinio deve ser a que aponta Dalecampio; e tanto mais por que Plinio usa d'expressões analogas, como por exemplo = *nec sine quadam spe* purpurae candore *in minium trans eunte* = (64), albicante purpurae *defectu* = (65) &c.

Para desculpar esta especie de digressão que poderá ser censurada de ociosa, e que julguei indispensavel para apoiar a minha interpretação, afastando-me do texto vulgar de Plinio, escudar-me-hei com o parecer de Erasmo de Roterdam = que por hum lugar de Plinio emendado merecerá honesta memoria, quem desejar ter nomeada = (66).

Arrimado ás reflexões que tenho feito sobre o texto de Plinio, traduzirei assim.

VII. » A mesma victoria (a que Pompeo alcançou dos » Piratas e das Nações e Reys da Asia, e do Ponto » (67)) trouxe, pela primeira vez a Roma os murrhinos, » e Pompeo foi o primeiro que, daquelle triumpho, » consagrou a Jupiter Capitolino pedras e copos, que » logo os homens entrarão a usar, appetecendo tambem » delles laminas e vasos para a mesa. O luxo neste ob- » jecto cresceo de dia em dia a ponto de se comprar » por 80:000 sestercios hum calix que levava quasi tres » sextarios. Por este calix bebeo, nos annos passados, » hum varão Consular que embellezado nelle lhe roeo

---

(64) Hist. Nat. L. 37, cap. 13, T. 10, p. 74, fallando da Sardonix.

(65) Idem, fallando da Amethysta = *Quintum (genus) ad viciniam crystalli descendit, albicante purpurae defectu.* L. 37, cap. 40, T. 10, p. 105.

(66) *Non leve praemium ostenditur, vel ullus locus* (Plinii) *restitutus promerebitur honestam apud studiosos nominis memoriam.* Epistola dedicatoria ao Bispo d'Olmutz, na edição de Plinio. Lugduni 1548. Citado por Guthe l. c., p. 20, nota 4.

(67) Hist. Nat. L. 37, cap. 6, T. 10, p. 10.

» a borda; talvez que este defeito lhe augmentasse o
» valor! Nem se conhece hoje preço mais subido de
» outro algum murrhino. Póde ajuizar-se quanto devo-
» rou o luxo em todos os artigos deste genero pela sua
» multidão, que foi tanta, que os que Nero Domicio
» tirou aos filhos delle, sendo expostos ao publico, en-
» chêrão o theatro particular que tinha nos jardins alem
» do Tibre, e que atulhado de povo quando Nero ali
» cantava, lhe bastava tambem para ensaiar-se para de-
» pois figurar no de Pompeo. Assistio então Nero á con-
» tagem dos fragmentos d'hum copo quebrado que, se-
» gundo eu creio, para lastima do seu seculo, e prova
» da inveja da fortuna, lhe pareceo bem se guardassem
» no thesouro para se mostrarem, como se fosse o cor-
» po d'Alexandre. T. Petronio, varão Consular, estando
» para ser morto por odio que Nero lhe tinha, quebrou
» huma taça murrhina que tinha custado 30:000 sestercios,
» para privar della a mesa do Principe; mas Nero, co-
» mo era proprio d'hum Principe, venceo a todos com-
» prando hum copo por 40:000 sestercios. Cousa me-
» moravel que hum Imperador, e Pai da Patria bebesse
» por copo de tamanho preço!
» VIII. Os murrhinos vem do Oriente, porque se achão
» ali em muitos lugares, que não são notaveis, maximè
» do Reino dos Parthos, e principalmente na Carmania.
» Julga-se que são hum humor que se condensa debaixo
» da terra, por effeito do calor. Na extensão, em nenhu-
» ma parte excedem a de pequenas laminas (68), e

(68) *Abacus* significa
Aparador onde se põe o comer, e os objectos que hão de servir-se na meza:
Laminas de qualquer materia propria para isso, como as d'ardosia, etc., para nellas se traçarem figuras, ou escreverem calculos, que depois se apagão:
Taboleiros de jogo:
Laminas quadradas de marmore, vidro, ou de qualquer outra ma-

» na grossura raras vezes a do mencionado vaso para be-
» ber. Tem hum brilho sem força, ou mais exactamen-
» te hum lustro e não hum brilho. O seu maior preço
» consiste na diversidade das côres, variando alternada-
» mente de quando em quando as manchas para côr de
» purpura, e para côr de leite, e chamejando de ambas
» ellas outra terceira côr, como por transição de huma
» para outra, tornando-se a purpura branca, ou a côr
» de leite purpurea. Alguns gostão sobre maneira das
» extremidades, e de certos reflexos de côres como os
» que se observão no arco celeste. Outros estimão mais
» as manchas grandes. A transparencia, e a pallidez são
» defeitos; assim como o são as jaças e as verrugas,
» não elevadas, mas entranhadas como acontece tambem
» algumas vezes no corpo humano. São tambem recom-
» mendaveis por algum cheiro.
» IX. Huma causa contraria a esta produz o crystal,
» que se coagula do gelo mais forte, porque de certo
» não se acha senão onde mais se enregelão as neves
» do inverno: he inquestionavel ser gelo, e d'ahi lhe
» provêm o nome que os Gregos lhe derão. Vem tam-
» bem do Oriente; porque nenhum se prefere ao Indi-
» co. Nasce igualmente em lugares vilissimos da
» Asia, para as partes de Alabanda, em Orthosia, e
» nos montes visinhos, e tambem em Chipre. Porêm
» he estimado o das montanhas dos Alpes na Eu-
» ropa &c. ⁼.

Agora seguirei, passo a passo, o Sñr. Bossi.
Erão os murrhinos:

---

teria, que se incrustavão nas paredes, e se empregavão como ornatos, á maneira de embutidos, nos mesmos aparadores, e em outros trastes, etc. etc. Vede os Diccionarios Latinos de Gesnero, e Forcellini.

Sendo absurdo dar neste passo a *abacus* alguma das tres primeiras significações, só pode applicar-se-lhe a ultima, e he esta a que eu entendo traduzindo — laminas. —

Hum vidro mui raro, mui precioso e de difficil composição, talvez d'hum vidro opalino, fabricado na Carmania, na Persia, e tambem no Egypto; e sendo a sua materia tão preciosa quam acabados erão a sua forma e trabalho, não podião nunca os vasos exceder certa dimensão.

Cada huma das clausulas deste periodo dá assumpto para extenso commentario. Resumir-me-hei todavia quanto poder.

Não comprehendo o que seja hum vidro raro, mui precioso e de difficil composição. Conhecidos os contentos da composição do vidro, facil era fazer delles maior ou menor porção de massa, segundo se quizesse, e então por que havia de ser este vidro raro e precioso? Tambem não comprehendo como possa fazer-se vidro opalino =. A opala (69) deve a sua belleza ás suas imper-
» feições. Os reflexos tão agradavelmente coloreados que
» lança no seu interior, provêm d'huma multidão de
» fendas, e rachas que interrompem a continuidade da
» substancia de que he formada, e deixão entre as suas
» laminas intervallos que reflectem diversamente os raios
» da luz. Toda esta variedade de côres desapparece
» quebrando-se a opala. A causa physica de que depen-
» de he a mesma que a do phenomeno dos anneis có-
» rados, observado por Newton com huma sagacidade
» propria do seu engenho. Limitar-me-hei a expôr o que

(69) Le quartz agathe opalin doit sa beauté à ses imperfections. Les reflets si agréablement colorés qu'il lance dans son intérieur; proviennent d'une multitude de fentes et de gerçures qui interrompent la continuite de sa matière propre, et laissent entre ses lames des intervalles, qui réfléchissent diversement les rayons de la lumière. Toute cette variété de couleurs disparoît dès que l'on brise l'opale. La cause physique dont elle dépend est la même que celle du phénomène des anneaux colorés, observé par Newton avec une sagacité digne de son génie. Nous nous bornerons à l'exposition de ce qui est essentiel pour notre objet.. *Haüy. Traité de Minéralogie, Paris* 1801, *T.* 2. *p.* 456.

» he essencial para o nosso objecto =. Assim se explica Mr. Hauy; e continua a mostrar a razão physica da diversidade das côres da opala. Ora como pode fazer-se hum vidro que satisfaça no seu fabríco ás condições da opala? Bem sabia isto o Sñr. Bossi, mas fluctuando entre a evidencia das theorias, e a suggestão do espirito de systema, humas vezes = reconhece que o vidro estan- » do muito tempo debaixo da terra (70), e a reacção » dos saes e das outras substancias com que está enter- « rado bastão para lhe dar a mais bella apparencia do » iris. Deve então as suas côres vivas, e variadas, bem » como a verdadeira opala, ao modo por que a luz se » decompõe e se reflecte no grande numero de peque- » nas fendas que se formão na superficie do vidro, de- » pois de ter perdido o seu polimento, e que a atraves- » são em todos os sentidos. Que esta he a theoria ap- » plicavel a quasi todas as substancias iriadas, ou opa- » lisantes; e que o silex hyalino, ou crystal de rocha, » opalisa muitas vezes, mas só quando tem fendas ou » cavidades cheias d'ar a travez das quaes a luz se de- » compõe e reflecte »; — declara que nunca se vio opala tamanha de que podesse tirar-se o mais pequeno copo para beber, por ser da natureza da formação desta pedra

---

(70) Cependant le long séjour du verre dans la terre, ét la réaction des sels, et des autres matières, avec les quelles il se trouve enfoui, suffisent pour lui donner la plus belle apparence iridée. Il doit alors ses couleurs vives, et variées, de même que la véritable opale, à la manière, dont la lumière est décomposée, et réfléchie dans les nombreuses petites fissures, qui se forment à la surface du verre, après qu'il a perdu son poliment, et qui la traversent en tout sens. C'est la théorie applicable à presque toutes les substances iridées, ou opalisantes. Le silex hyalin, ou cristal de roche, opalise très souvent: mais ce n'est que lorsqu'il a des fissures, ou des cavités remplies d'air, à travers les quelles la lumière est décomposée, et réfléchie. *Bossi. Observations sur le* Sacro Catino de Gênes. *p.* 114.

não poder apparecer, com todas as propriedades que a tornão de preço, senão em dimensão mui pouco consideravel (71); — e confessa que as côres opalinas do vidro são devidas a hum principio de decomposição (72): outras vezes trata o vidro como opalisante por sua natureza, e a pesar de todas as reflexões feitas, não se atreve a decidir que não seja originariamente opalisante (73); mas prevalece por fim o espirito de systema, porque as theorias são communs a todos os que querem aprendelas, e os systemas são os filhos predilectos dos que os imaginão; inclina-se a considerar como real a existencia dos vidros opalinos (74), e invocando em seu favor o testemunho de Plinio, decide que os antigos conhecião mui bem a arte de fabricar vidros opalinos, e que os Romanos falsificavão por meio delles as opalas (75). Como o Sñr. Bossi não indica onde achou isto em Plinio, não sei onde heide verifica-lo; porêm nos capitulos em que trata do vidro, sua origem, manufactura, etc. não diz que se fabricassem vidros opalinos, mas sim de furtacôres *versicolores*, o que he mui differente de opalinos (76); e quanto á opala, Plinio não diz que os Romanos a falsificavão, mas sim que onde melhor se falsificava era na India, por meio do vidro; e pela maneira por que ensina a distinguir as falsas das verdadeiras, manifesta bem que se fingião introduzindo côres no vidro, e não pelos motivos por que as opalas reflectem as suas côres acatasoladas (77).

Vi-

(71) Nesta Memoria p. 11.

(72) Bossi. l. c., p. 113; e nesta Memoria p. 34, e 36.

(73) Bossi. l. c., p. 112 e 113. = Je ne sçaurai pour tant me décider sur la composition du verre de ce fragment, et je n'oserai pas prononcer, que ce n'ait pas été originairement un verre opalisant, etc., p. 113.

(74) Bossi. l. c., p. 185 e 190.

(75) Nesta Mem. p. 34; e Bossi, l. c., p. 114.

(76) *Hist. Nat.* L. 36, cap. 65 a 67, T. 9, p. 776 a 784, e nesta ultima p. se lê o *versicolores*.

(77) Nullosque magis India similitudine indiscreta vitro adulte-

Vidro fabricado na Carmania, na Persia, e tambem no Egypto.

Plinio não diz que os murrhinos viessem da Persia, nem do Egypto. Diz que vinhão de muitas partes do Oriente, maxime do Reino dos Parthos, e principalmente da Carmania; e se a Persia não conheceo antigamente fabricas de vidros, e a primeira que alli houve foi estabelecida por hum Italiano, em época mui recente segundo o Snr. Bossi (78) ¿como quer elle que na Persia se fabricassem de vidro os vasos murrhinos?

E sendo a sua materia tão preciosa, quam acabados erão a sua forma e trabalho,

Sobre a preciosidade da materia, sendo de vidro, nada tenho que acrescentar. Quanto ao mais. Plinio não diz em parte nenhuma que os vasos murrhinos tivessem algum trabalho que os tornasse apreciaveis, nem que se fizessem notaveis pela elegancia da sua forma. O que os tornava preciosos era a materia de que erão feitos, e as côres; alem de que o Snr. Bossi esqueceo-se de ter dito que o Reino dos Parthos não era o paiz das artes (79), e sendo isto assim ¿como se fazião nelle obras de vidro de forma e de trabalho tão primorosos como elle assevera serem os vasos murrhinos?

não podião nunca exceder certa dimensão.

A dimensão das obras de vidro tem certamente hum limite, por que, alem de outras razões, he necessario que possão sahir pela boca dos fornos; porêm estes limites excedem muito os de hum pequeno copo de beber vinho; e os antigos apresentão exemplos de obras de vi-

rat. Experimentum in sole tantum. Falsis enim contra radios libratis, digito ac pollice unus atque idem translucet colos in se consumptus. Veri fulgor subinde variat, et plus huc illucque spargit, et fulgor lucis in digitos funditur. *Hist. Nat.* L. 37, cap. 22, T. 10, p. 70.

(78) Bossi, l. c., p. 50, nota 14, e p. 136.

(79) Nesta Memoria p. 6.

dro de dimensões mui superiores a tudo o que hoje se conhece. Sem fallar das caixas sepulchraes de vidro em que os Egypcios guardavão as suas mumias, de que o Snr. Bossi se lembra (80), porque podião ser formadas de chapas de vidro mettidas em caixilhos; elle mesmo aponta obras de grande volume, como estatuas e até colossaes (81), que hoje não poderião sahir dos nossos fornos de vidro. A razão por que os vasos murrhinos não podião exceder certa dimensão he porque, como diz Plinio, a materia de que erão feitos (a pedra) não dava para isso, porque não tinha maior comprimento do que o de huma pequena lamina, e maior grossura, quando muito, do que a necessaria para della se tirar hum copo que levou quasi tres sextarios; se fossem de vidro nada impedia que a massa de que se fazião dez copos se empregasse n'hum só de muito maior dimensão.

Mas o que deste passo de Plinio me parece que se pode tambem colher he que apparecendo os primeiros vasos murrhinos em Roma no 3.° triumpho de Pompeo, veio depois como mercadoria a materia prima de que elles se fabricavão, e forão feitos em Roma, aliàs não parece natural que Plinio tivesse tão exacto conhecimento das dimensões dessa mesma materia prima, o que já o Snr. Bossi conjecturou incidentemente, suppondo-os de vidro (82).

Para destruir o embaraço que contrapõe á sua hypothese os dois passos de Plinio = *Murrhina et crystallina ex eadem terra effodimus* = e = *humorem putant calore sub terra densari* =, interpreta-os o Snr. Bossi a seu geito; e para elle.

Quanto ao primeiro passo:

---

(80) Bossi, l. c., p. 50, nota 14, e p. 136.
(81) Bossi, l. c., p. 45, e nota 12; p. 49, e 65.
(82) Nesta Memoria p. 35.

Não ha duvida que a materia de vidro murrhino, *ou crystallino se tirava pela maior parte da terra, e que por tanto se podia fallar no primeiro passo de duas especies de vidro cujas materias primas se tiravão do mesmo lugar. Prova-se que neste passo só se tratava de vidro pela frase que se segue á indicação dos* murrhinos, *e dos crystallinos* = quibus pretium faceret ipsa fragilitas =; *porque Plinio nunca teria notado neste lugar a fragilidade do crystal de rocha, que nada de fragil tem quando se tira das montanhas, e de que elle reconheceo n'outra parte a dureza, fazendo-o até desenterrar em alguns sitios com o ferro da charrua. E mostra-se sobre tudo evidentemente que só se trata de vidro, ou d'huma materia fusivel que serve para o fabríco do vidro; porque a patria dos* murrhinos *he designada por Plinio e collocada no Oriente no Reino dos Parthos, e na Carmania, e que dista muito daqui á patria dos crystaes, iudicada pelo mesmo Plinio, e collocada no Oriente, que he hum termo muito vago, porêm mais precisamente na India, junto d'Alabanda e de Orthosia, na Ilha de Chipre, e nas montanhas dos Alpes; portanto não tratava d'huma pedra quando dizia* = murrhina et crystallina ex eadem terra effodimus =; *porque seria erro mui grosseiro, tratava-se d'outra substancia diversa, d'huma substancia propria para fazer vidro, ou mesmo d'huma especie de massa fundida, d'hum vidro já formado, d'hum vidro volcanico.*

Mas o peior he que o Snr. Bossi, substituindo o que elle fantasiou ao que se acha em Plinio, em lugar de ler singelamente o que alli se diz, desloca as palavras do Author Romano para lhe imputar coizas que nunca lhe vierão á idea; porêm Plinio se defenderá.

Principia o Livro 33 da Historia Natural de Pli-

nio (83) dizendo que vai tratar dos metaes, e das riquezas que se procurão dentro da terra para muitos fins; porque n'humas partes se tirão para a opulencia, como o ouro, a prata, etc.; n'outras para o deleite, como as pedras preciosas, etc.; em outras para instrumento de temeridade, como o ferro, etc. Que perseguimos todas as veias da terra, e vivemos sobre as excavações que nel-

---

(83) Metalla nunc, ipsaeque opes, et rerum pretia dicentur, tellurem intus exquirente cura multiplici modo: quippe alibi divitiis *foditur*, quaerente vita aurum, argentum, electrum, aes: alibi deliciis gemmas et parietum digitorumque pigmenta: alibi temeritati ferrum, auro etiam gratius inter bella caedesque. Persequimur omnes ejus fibras, vivimusque super excavatum, mirantes dehiscere aliquando, aut intremiscere illam: ceu vero non hoc etiam indignatione sacrae parentis exprimi possit. Imus in viscera ejus, et in sede Manium opes quaerimus, tamquam parum benigna fertilique, quaqua secatur. Et inter haec minimum remediorum gratia scrutamur: quoto enim cuique fodiendi causa medicina est? Quamquam et haec summa sui parte tribuit, et minime parca, facilisque in omnibus quaecumque prosunt. Illa nos premunt, illa nos ad inferos agunt, quae occultavit atque demersit, illa quae non nascuntur repente. Mens ad inane evolans reputet quae deinde futura sit finis seculis omnibus exhauriendi eam: quousque penetrat avaritia. Quam innocens, quam beata, imo vero et delicata esset vita, si nihil aliunde, quam supra terras, concupisceret, breviterque, nisi quod secum est!

II. Eruitur aurum, et chrysocolla juxta, ut pretiosior videatur, non natura. Parum erat unam vitae invenisse pestem, nisi in pretio esset auri etiam sanies. Quaerebat argentum avaritia: boni consuluit interim invenisse minium, rubentisque terrae excogitavit usum. Heu prodigiosa ingenia! quot modis auximus pretia rerum? Accessit ars picturae ad aurum argentumque, quae celando cariora fecimus. Didicit homo naturam provocare. Auxere et artem vitiorum irritamenta. In poculis libidines caelare juvit, ac per obscenitates bibere. Adjecta deinde sunt haec, et sordere coeperc: et auri argentique nimium fuit. *Murrhina et crystallina ex eadem terra effodimus*, quibus pretium faceret ipsa fragilitas. Hoc argumentum opum, haec vera luxuriae gloria existimata est, habere quod posset statim totum perire. Nec hoc fuit satis: turba gemmarum potamus; et smaragdis teximus calyces: ac temulentiae causa tenere Indiam juvat: et aurum jam accessio est. *Plinio Hist. Nat.* L. 33, cap. 1 e 2, T. 9, pag 1 e seguintes.

la fazemos, admirando-nos de que se abra algumas vezes e que trema. Que vamos ás suas entranhas, e andamos em cata das riquezas na habitação dos mortos. Que no meio de tudo isto poucas vezes a esquadrinhamos para descobrirmos remedios, porque ¿ quantas vezes se excava a terra para a medicina? Que o que nos afadiga, o que nos faz ir aos infernos he o que a terra occultou, e afundou, o que não nasce de repente. Que se arranca o ouro. Que a ambição procurava a prata; porêm que subio desmedidamente o preço das coizas, vindo o buril a tornar mais caro o ouro e a prata. Que a arte augmentou os incentivos do vicio, abrindo-se nos copos por onde se bebe scenas libidinosas. Que se deo de mão a tudo isto, e começou a desprezar-se. Que tiramos tambem da terra as substancias murrhinas e as crystallinas, cuja fragilidade concorre para o seu valor. E que não bastando isto bebemos por huma multidão de gemmas, e cobrimos de esmeraldas os copos, etc.

Creio que a vista menos perspicaz verá neste passo de Plinio, de que extrahi o succo, mas que copiei por integra na nota que, assim como se tirava da terra o ouro, a prata, o ferro, as pedras preciosas, os objectos para usos da medicina, andando sempre os homens a esquadrinhar o que está por baixo da terra, assim tambem se tiravão as substancias murrhinas, e as crystallinas; e que a expressão = *ex eadem terra* = quer dizer da terra donde se tirão todas as outras coizas de que Plinio faz menção, da terra em geral, e não do mesmo sitio, ou de hum lugar determinado; porque então servir-se-hia Plinio da palavra = *locus* = como faz quando quer designar os sitios onde se dão os diversos objectos de que trata, sem os individuar pelos seus nomes geographicos, e ás vezes acompanhando-os até desses nomes (84).

(84) *Nigri silices optimi quibusdam in locis et rubentes.* Hist. Nat. L. 36, cap. 49, T. 9, p. 755.

De identica expressão usa Plinio frequentemente, fallando dos fosseis que se extrahem da terra (85).

Creio tambem que he facil de ver que Plinio declamando contra o luxo desordenado, e mencionando os degráos por que elle tinha crescido nos copos para beber, enumera as materias preciosas de que se fazião, o ouro, a prata; estes mesmos metaes lavrados ao buril; os murrhinos, e o crystal; e ultimamente os copos em que se engastava grande copia de pedras preciosas como as esmeraldas, etc.; e por tanto considera a materia murrhina como huma materia preciosa *sui generis* desentranhada da terra, hum fossil, bem como he fossil o crystal, o que exclue toda a idea de vidro.

Prova-se que neste passo se trata de vidro pela fragilidade que Plinio attribue aos murrhinos *e crystallinos, porque o crystal de rocha nada de fragil tem, reconhecendo Plinio a sua dureza quando se tira da terra, fazendo-o até desenterrar em alguns sitios com o ferro da charrua.*

Inveniuntur enim ibi in pluribus locis. L. 37, cap. 8, T. 10, p. 17, fallando dos murrhinos.

Et in Scythia erui duobus locis. L. 37, cap. 11, T. 10, p. 28, fallando do alambre.

Nascitur circa Orthosiam, totaque Caria, ac vicinis locis. L. 37, cap. 29, T. 10, p. 87, fallando da lychnis.

Sed inveniuntur compluribus aliis locis. L. 37, cap. 31, T. 10, p. 89, fallando da sarda.

Postea plurimis locis. L. 37, cap. 54, T. 10, p. 119, fallando da agatha, etc. etc. etc.

Gagates lapis nomen habet loci. L. 36, cap. 34, T. 9, p. 731.

Nascitur in India, loco *ejusdem nominis*. L. 37, cap. 28, T. 10, p. 84, fallando da sandaresa, ou Garamantites.

Loci *nomen custodientem*. L. 37, cap. 28, T. 10, p. 86, fallando da sandraston. etc.

(85) *E cuniculis* effossum. Hist. Nat. L. 35, cap. 50, T. 9, p. 570, fallando do enxofre; e no mesmo cap. p. 571 *vivum* effossum, continuando a fallar delle.

E terra foditur. L. 36, cap. 59, T. 9, p. 767, fallando do gesso.

In Liguria effodi *dixit*. L. 37, cap. 11, T. 10, p. 28, fallando do alambre. etc, etc.

Plinio não diz que a materia murrhina e o crystal de rocha erão materias frageis, diz que os copos feitos da pedra murrhina e de crystal erão frageis. Qualquer substancia pode ser dura e fragil; e isto mesmo acontece ao vidro; porque a dureza não he incompativel com a fragilidade. Os prismas de crystal de rocha, ou huma massa amorphica de quartzo hyalino são mui duros; porêm se delle se fizerem copos, reduzindo-o á grossura do vidro ordinario, certamente serão mui frageis. Vice versa o vidro dos copos, das vidraças, etc. he bem fragil; mas de vidro se fazem os olhos de boi para os Navios por cima dos quaes passa huma carreta d'artilheria sem os quebrar. Do mesmo modo as differentes especies de quartzo agatha são durissimas, porêm as copas e taças que delle se fazem, e de que tenho visto grande quantidade, não soffrem a menor pancada; se cahirem no chão, far-se-hão em pedaços, e por isso se encontrão muitas fendidas e com bocados fora.

Observarei tambem que não he a opinião de Plinio que o crystal se desenterrasse com o soco da charrua. Pelo contrario acha estranha esta opinião, e não se accommoda a ella; porque se explica pelo modo seguinte (86). » He digno d'admiração o que diz Xenocrates » Ephesio, que se levanta com o ferro do arado (o cry- » stal) na Asia, e em Chipre; porque se julgava que » não se achava na terra, mas só entre os penhascos. » He mais verosimil o que conta o mesmo Xenocrates » que muitas vezes vem arrastado nas torrentes. »

Mostra-se sobre tudo evidentemente, que só se trata de vidro, ou d'huma materia fusivel que serve para o fabrico do vidro, porque a patria

(86) *Mirum est quod Xenocrates tradit Ephesius, aratro in Asia et Cypro excitari. Non enim inveniri in terreno, nec nisi inter cautes creditum fuerat. Similius vero est, quod idem Xenocrates tradit, torrentibus saepe deportari.* Plinio Hist. Nat. L. 37, cap. 9, T. 10, p. 22.

dos murrhinos *he designada por Plinio, e collocada no Oriente, no Reino dos Parthos e na Carmania, e que dista muito daqui á patria dos crystaes, indicada pelo mesmo Plinio, e collocada no Oriente, que he hum termo muito vago, porêm mais precisamente na India, junto d'Alabanda e de Orthosia, na Ilha de Chipre, e nas montanhas dos Alpes, por tanto não se tratava d'huma pedra, quando se dizia* = murrhina et crystallina ex eadem terra effodimus = *porque seria erro mui grosseiro*, etc.

Concedamos, por hum pouco, ao Snr. Bossi o erro grosseiro geographico de Plinio; não sei como da diversidade da patria da substancia murrhina, e do crystal possa seguir-se que a substancia murrhina he vidro, ou huma materia fusivel. Não insistirei na explicação do = *ex eadem terra effodimus* = porque já tratei este ponto; porêm não posso deixar de advertir que nada ha mais expresso, mais explicito e mais claro, e que menos admitta erro geographico, do que a doutrina de Plinio a este respeito. Começa o cap. 8 do L. 37.

« Os murrhinos vem do Oriente, porque se achão ali » em muitos lugares que não são notaveis, maximè do » Reino dos Parthos, e principalmente na Carmania, » etc. «

E o capitulo 9.° diz que o crystal

« Vem tambem do Oriente; porque nenhum se prefere » ao Indico. Nasce igualmente em lugares vilissimos da » Asia, para as partes de Alabanda, em Orthosia, e nos » montes visinhos, e tambem em Chipre. Porêm he es- » timado o das montanhas dos Alpes na Europa, etc. « (87) »

Parece-me que não pode designar-se mais positiva

(87) Nesta Memoria p. 76 e 77.

e mais exactamente que a substancia murrhina, e o crystal vinhão ambos do Oriente; e a distancia da patria dos murrhinos á do crystal não he tanta como o Snr. Bossi suppõe; porque, alem de Plinio dizer que os murrhinos se achão no Oriente em muitos lugares, o que não exclue a India, e que o melhor crystal era o da India, o que não exclue achar-se n'outras partes do Oriente; a Parthia e a Carmania são limitrophes, e a Carmania não estava longe da India, porque entre esta e aquella Região só se mettia a Gedrosia (88); e Plinio enumerando os sitios onde ha o crystal, vai discorrendo desd'o Oriente, trazendo-o da India por Alabanda na Caria (89), por Orthosia na Phenicia, a Chipre, e á Europa. Digo por Orthosia na Phenicia, porque havendo tres Orthosias, huma na Lydia (90), outra na Caria (91), e outra na Phenicia (92), da primeira não trata Plinio, a segunda fica alem d'Alabanda, e a terceira he a mais proxima de Chipre; e nomeando Plinio Orthosia depois d'Alabanda, e ultimamente Chipre, parece que quiz seguir a ordem geographica, e he esta igualmente a opinião de Rezzonico (93); com tudo se a alguem não agradar esta Orthosia, e gostar mais da de Caria, não contrariarei o seu gosto.

Quanto ao segundo passo = *humorem putant calore sub terra densari.*

He evidente que a condensação de que se falla he o modo de coser os vasos murrhinos, que talvez

(88) Cellario. *Notitia Orbis antiqui.* Ed. Schwartz. Lipsiae 1731 e 1732. L. 3, cap. 22, sectio 5., T. 2, p. 726.
(89) Hist. Nat. L. 5, cap. 29, T. 2, p. 443.
(90) Cellario l. c., L. 3, cap. 4, sect. 1., T. 2, p. 122.
(91) Plinio Hist. Nat. L. 5, cap. 29, T. 2, p. 442; e L. 37, cap. 29, T. 10, p. 86.
(92) Plinio l. c., L. 5, cap. 17, T. 2, p. 382.
(93) *Disquisitiones Plinianae* T. 2, p. 214, col. 1., nota 5.

Plinio julgou que fosse debaixo da terra, por não ter idea dos fornos para obras de barro, ou das fornalhas Parthicas, ou pode ser que julgasse que esta operação se executava em fornos subterraneos. Que o que tira toda a duvida a esta interpretação he que os antigos applicavão frequentemente a palavra humor *ao vidro, pela sua semelhança apparente com a agoa, e que quasi nunca se servirão della fallando da concreção das pedras. E que por consequencia era hum vidro, ou huma massa de vidro que se fazia coser debaixo da terra, ou em fornos subterraneos, e não huma materia* sui generis *que se formasse nas entranhas da terra; e que nesse sentido he manifesto que este passo está bem longe de oppôr-se á sua conjectura.*

Para fortalecer a sua hypothese foi necessario ao Snr. Bossi assacar a Plinio a ignorancia dos mais vulgares principios de physica. Não saberia Plinio, ao menos pela experiencia, que a combustão não pode alimentar-se sem ar? e que por consequencia não podia haver fornos subterraneos para obras de barro, e para coser vidro? Mas recorramos ao texto de Plinio, e elle decidirá a questão.

No capitulo 8. do L. 37 diz Plinio, tratando dos murrhinos — « Julga-se que são hum humor que se condensa » debaixo da terra, por effeito do calor = *Humorem pu-* » *tant sub terra calore densari* (94).

E no capitulo seguinte do mesmo Livro, tratando do crystal, diz = « Huma causa contraria a esta produz o » crystal que se coagula do gelo mais forte = *Contraria* » *huic causa crystallum facit, gelu vehementiore concre-* » *to* = » (95). Então qual he a *causa contraria a esta*?

(94) Nesta Memoria p. 76 e p. 63.
(95) Nesta Memoria p. 77 e p. 63.

Serão os fornos subterraneos da Parthia? Parece-me que só huma prevenção cega poderá desconhecer que Plinio, fallando das causas que produzem os murrhinos e o crystal, diz que os murrhinos são hum humor condensado debaixo da terra pelo calor; e o crystal hum humor condensado debaixo da terra pelo gelo, e por isso são produzidos por causas contrarias, o calor e o frio.

Poderia dispensar-me de dizer mais nada a este respeito, com tudo sem me afadigar em examinar nos A. A. classicos se applicavão ou não a palavra *humor* ao vidro, e não ás concreções, acrescentarei só que não me lembro de ver esta palavra em Plinio na accepção de vidro; pelo menos nos capitulos em que trata do vidro (96) não se serve della certamente, nem em todo o decurso dos Livros 35, 36, e 37 da sua obra em que, ou de proposito, ou occasionalmente, falla muitas vezes deste artefacto; ao contrario, alem do passo que acabo de analysar, emprega *humor* para designar a concreção das pedras, quando falla da pedra especular (97), do crystal (98), da esmeralda (99), e tambem a applica á condensação do alambre (100).

Examinemos agora os outros argumentos com que o Snr. Bossi quer provar que os murrhinos erão de vidro.

Plinio fallando dos ornatos dos templos e dos ins-

(96) Hist. Nat. L. 36, cap. 65 e seguintes, T. 9, p. 776 e seguintes.

(97) Humorem *hunc terrae quidam autumnant crystalli modo glaciari. Et in lapidem concrescere manifesto apparet.* Hist. Nat. L. 36, cap. 45, T. 9, p. 749.

(98) *Caelesti* humore, *parvaque nive id fieri necesse est.* Hist. Nat. L. 37, cap. 9, T. 10, p. 22.

(99) *Nam et hoc genus reperiri, et in Cypro inventum ex dimidia parte smaragdum, ex dimidia jaspidem, nondum* humore *in totum transfigurato.* Hist. Nat. L. 37, cap. 19, T. 10, p. 62.

(100) *Erumpit* humoris *abundantia: densatur rigore vel tepore autumnali.* Hist. Nat. L. 37, cap. 11, T. 10, p. 34.

trumentos dos sacrificios diz que se fazião as libações em pequenos copos que não erão murrhinos *nem crystallinos, mas simplesmente de barro cosido; logo tratava-se aqui do vidro que se comparava, de algum modo, ás obras de olaria.*

Não sei de que premissas tira o Snr. Bossi a consequencia de que comparando-se as obras de barro aos murrhinos devião estes ser de vidro. Plinio explicará melhor este passo.

Principia o Livro 35 tratando da pintura; passa a fallar das materias de que se fazem as côres; enumera os pintores mais celebres e as suas mais famosas obras; falla depois dos que trabalhárão em barro (101); diz que de barro se fazião as estatuas, e que daqui se conhece que a arte de trabalhar em barro he mais antiga do que a de fundir bronze; que as imagens dos Deoses erão de barro, e que ainda em muitos lugares se conservavão as taes imagens (102); e que tambem em Roma e nos Municipios se vião frequentemente os remates dos frontispicios dos templos feitos de barro, maravilhosamente lavrados, e que pelo seu artificio, e pelo tempo da sua duração, erão mais venerandos do que se fossem d'ouro, e decididamente mais innocentes; e termina = « E » nos sacrificios, ainda hoje, a pesar das nossas rique- » zas, não se fazem as libações em vasos murrhinos, » ou de crystal, mas de barro (103).

Portanto Plinio diz simplesmente, tratando de obras de barro de grande apreço, e do uso que antigamente se

---

(101) Hist. Nat. L. 35, cap. 43, T. 9, p. 540.

(102) Ibid. cap. 45, p. 547.

(103) *Durant nunc plerisque in locis talia simulacra. Fastigia quidem templorum etiam in urbe crebra, et municipiis, mira caelatura, et arte aevique firmitate sanctiora auro, certe innocentiora. In sacris quidem etiam inter has opes hodie* non murrhinis crystallinisve, sed fictilibus prolibatur simpuviis. Hist. Nat. L. 35, cap. 46, T. 9, p. 547.

fazia do barro para diversos objectos, — que ainda no seu tempo, a pesar das grandes riquezas que havia, não usavão para as libações nos sacrificios vasos preciosos murrhinos ou de crystal, mas sim de barro. — E como *simpuvium* significa vaso de páo ou de barro, para tirar todo o motivo de questão, accrescenta *fictilibus*, a fim de não poder entrar em duvida que queria fallar de vasos de barro. Logo tudo o que o Snr. Bossi figura a este respeito, combinado com o texto de Plinio, mostra que nem Plinio quiz fallar neste lugar dos ornatos dos templos em geral, como parecem indicar as palavras do Snr. Bossi, mas tão sómente dos ornatos de barro; nem falla dos instrumentos dos sacrificios, mas tão somente dos vasos das libações; nem estabeleceo nenhuma comparação entre os vasos murrhinos e de crystal, e as obras de olaria; e que he absolutamente gratuita e imaginaria a consequencia que delle se quer tirar de que os vasos murrhinos erão de vidro.

> *Fallando do vidro, sua composição etc., falla do vidro obsidiano com que se falsificava a pedra obsidiana, falla do vidro branco e do* murrhino = fit et album, et murrhinum =; *passa depois ás massas vitreas com que se fingião os jacinthos, as saphiras e todas as outras pedras preciosas de côr; mas quando falla do* murrhino, *falla simplesmente de hum vidro, e não se trata nem de falsificação, nem de fraude, nem de imitação, como se diz no artigo obsidiano. Era portanto o* murrhino *hum vidro, huma especie particular de vidro, hum vidro* sui generis *de que fallou no capitulo em que trata do vidro, sem fazer menção de nenhuma materia prima que se pretendesse imitar por meio deste producto dos fornos.*

Para desembrulhar o que diz o Snr. Bossi seria necessario longo discurso para cada palavra; e por isso limitar-

me-hei a transcrever o passo de Plinio, a que juntarei poucas reflexões.

Diz Plinio, depois de tratar do vidro obsidiano (104). » Por meio d'huma especie de tintura faz-se o vidro ob- » sidiano para vasos diversos do uso da mesa, e hum vi- » dro todo vermelho, e não translucido chamado san- » guineo. Faz-se tambem branco, e côr de myrrha, ou » imitando os jacinthos, as saphiras, e de todas as ou- » tras côres. Nem ha agora outra alguma materia que » mais facilmente receba a pintura, e que mais accom- » modada seja para ella, porêm dá-se maior apreço aos » vidros candidos e translucidos, por serem mais seme- » lhantes ao crystal. »

Parece-me que toda a maquina do Snr. Bossi cahe por terra á vista do passo de Plinio, que só trata das diversas côres que se davão ao vidro; e que em muitos outros lugares da sua obra compara diversas substancias á myrrha na côr, como a Antipathes, a Aromatites, a Myrrhites (105), etc., circunstancia que deo o nome aos vasos murrhinos, como depois veremos.

Fallando no mesmo capitulo em que trata dos vasos murrhinos d'algumas materias que não crão pedras, ou gemmas propriamente taes, mas que de certo modo erão tão estimadas como as gemmas, faz primeiro menção do alambre, e põe na mes-

---

(104) *Fit et tincturae genere obsidianum, ad escaria vasa, et totum rubens vitrum, atque non transluceus, haematinon appellatum, Fit et album, et murrhinum, aut hyacinthos saphirosque imitatum, et omnibus aliis coloribus. Nec est alia nunc materia sequacior, aut etiam picturae accommodatior. Maximus tamen honos in candido translucentibus, quam proxima crystalli similitudine.* Plinio Hist. Nat. L. 36, cap. 67, T. 9, p. 782.

(105) *Antipathes nigra non translucet. Experimentum ejus si coquatur in lacte: facit enim hoc* myrrhae *simile immissa.* Plinio Hist. Nat. L. 37, cap. 54, T. 10, p. 124.

Aromatites . . . ubique lapidosa, et myrrhae coloris. Id. ibid. p. 125, *Myrrhites* myrrhae colorem *habet.* Idem ibid. cap. 63, p. 151.

ma classe as peças crystallinas e murrhinas *que por consequencia não erão gemmas, mas trastes de vidro. He essencial attender ás poucas palavras que se seguem* = crystallina et murrhina, frigidi potus utraque = *o que tira toda a duvida de que Plinio queria fallar neste passo d'huma composição vitrea, e que se liga muito bem com o que tinha dito dos caracteres do vidro* = est caloris impatiens ni praecedat frigidus liquor =; *e por isso he que os vasos* murrhinos *erão reservados para as bebidas frias.*

Se porque os murrhinos não erão gemmas se segue que erão de vidro, pode com igual razão tirar-se das mesmas premissas a consequencia de que erão de páo, de barro, de ferro, etc. etc.; mas vejamos o que diz Plinio. Depois de ter fallado dos murrhinos e de ter acabado de tratar do crystal no capitulo 10 do L. 37, passa no capitulo 11 a tratar do alambre, e principia o capitulo pela maneira seguinte =

« Os alambres tem o lugar proximo nas delicias, das » mulheres só por hora; e tudo isto tem o mesmo apre- » ço que as gemmas por algumas razões: tem-no de cer- » to maior os crystallinos e os murrhinos (vasos), huns » e outros para bebidas frias (106).

Neste passo não se encontra nada do que assevera o

(106) *Proximum locum in deliciis, feminarum tamen adhuc tantum, succina obtinent: eamdemque omnia haec, quam gemmae, auctoritatem: sane majorem aliquibus de causis crystallina et murrhina, frigidi potus utraque.* Plinio Hist. Nat. L. 37. cap. 11, T. 10, p. 26. No texto que cito traz =*rigidi potus*= e não =*frigidi potus*=; e posto que Hardouin diga que todos os Livros trazem =*rigidi*= (p. citada, col. 2, nota *(n)*); com tudo alli mesmo se aponta variante de =*frigidi*=, e não =*rigidi*=; e a edição de que se servio o Snr. Bossi (que elle não declara qual he) trazia tambem =*frigidi*=. Por estas razões, e porque melhor concorda com as authoridades citadas nas notas seguintes, puz =*frigidi*= e não =*rigidi*=; todavia ambas as palavras querem dizer a mesma coiza.

Snr. Bossi. Nem faz primeiro menção do alambre, antes pelo contrario só trata delle depois de tratar dos murrhinos e crystallinos, a quem se refere a clausula = tem o lugar proximo =; isto he proximo aos murrhinos e aos crystallinos; e igualmente a clausula = tudo isto = que comprehende murrhinos, crystallinos, e alambres: nem põe na mesma classe dos alambres as peças crystallinas e murrhinas, senão como objectos de luxo em geral, dando até mais valor aos murrhinos e crystallinos: e por consequencia nenhum argumento pode daqui tirar-se para que fossem de vidro os murrhinos.

E quanto á expressão

huns e outros para bebidas frias

em lugar de subtilisar huma interpretação nova para applica-la ao vidro, acharia o Snr. Bossi o verdadeiro sentido deste passo no mesmo Plinio = « quando se procura » nas nuvens o vaso para bebidas frias, e se cavão os ro» chedos proximos ao ceo para se beber por gelo= (107). » E qual era a materia destes vasos que se hião buscar aos cumes dos penhascos? Era o crystal que = « se achava » entre as penhas, e que nascia nos rochedos dos Al» pes » (108); que era formado do gelo mais forte; que era certo ser gelo, e que por isso, não podendo soffrer o calor, se applicava só para bebidas frias (109). Por tanto neste passo nem por sonho se falla de vidro.

---

(107) *Quam ad frigidos potus vas petitur in nubila; coeloque proximae rupes cavantur, ut bibatur glacie.* Plinio Hist. Nat. L. 36, cap. 1, T. 9, p. 597.

(108) *Inveniri . . . . inter cautes.* Plinio Hist. Nat. L. 37, cap. 9, T. 10, p. 22,
in cautibus Alpium nasci. Idem ibid., cap. 10, T. 10, p. 23.

(109) *Contraria huic causa crystallum facit, gelu vehementiore concreto.* Nesta Memoria p. 63.
glaciemque esse certum est. Nesta Memoria p. 63.
Coelesti humore, parvaque nive id fieri necesse est: ideo caloris impatiens, nisi frigido potui addicitur. Plinio Hist. Nat. L. 37, cap. 9, T. 10, p. 22.

A prova que o Snr. Bossi quer deduzir dos caracteres do vidro he *contra producentem.* O vidro soffre mui bem as bebidas mais quentes; e o crystal e a substancia murrhina não servião senão para bebidas frias, porque se deterioravão com as quentes, e por consequencia não erão vidro. Quanto mais que a clausula = *Est autem caloris impatiens, ni praecedat frigidus liquor* = não tem relação com as bebidas, mas sim com o lume, e quer dizer que os vasos de vidro não aturão o calor do fogo sem conterem algum liquido frio (110).

> *Que nos lugares, assaz numerosos, em que reune as duas indicações de* murrhina et crystallina, *se trata sempre dos crystaes de vidro, servindo-se constantemente da palavra* crystallum *quando se trata do crystal de rocha. Por consequencia só havia hum vidro* murrhino, *e não havia nenhuma substancia petrea, qualquer que ella fosse, chamada* murrhina *de que Plinio não teria deixado de fazer mençaõ.*

Aqui ha hum circulo vicioso: dá como certo aquillo mesmo que pretende provar, e deduz d'ahi os seus raciocinios. Já ficão destruidos todos os argumentos em que o Snr. Bossi se fundava para affirmar que os murrhinos erão de vidro, e por consequencia he inutil insistir neste objecto, e bastará só trazer á memoria que Plinio emprega sempre, como era natural, a palavra *cry-*

Spumarent falerno gemmae capaces, inque crystallis calerent unguenta glacialibus. Sidon. Apollin., L. 2.°, Ep. 13, Ed. Sirmondi. Parisiis 1652, p. 59.

(110) *Usus vero* (o do vidro) *ad potandum argenti metalla et auri pepulit. Est autem caloris impatiens, ni praecedat frigidus liquor: cum addita aqua vitreae pilae Sole adverso, in tantum excandescant, ut vestes urant.* Plinio Hist. Nat. L. 36, cap. 67, T. 9, p. 783.
Hardouin diz na nota (y) ibid. = *Calorem ferre vitreus calix non potest, sed igni applicitus frangitur, nisi aqua interveniat; cum tamen orbes vitrei aqua pleni Solis radiis sic excandescant &c.*

stallina como adjectivo quando quer indicar obras de crystal, ou coizas que tem apparencia de crystal, e a palavra *vitrea*, quando quer indicar obras de vidro, ou coizas que tem apparencia de vidro, e que por estas mesmas palavras as designa, quando quer fallar de humas e outras ao mesmo tempo (111).

Demais admittindo a accepção que o Snr. Bossi dá a *murrhina et crystallina*, reduzir-se-hia tudo a vidro, quando os Authores, e com elles Plinio, distinguem mui bem os murrhinos, o crystal, e o vidro, apontando de cada huma destas substancias obras de grande valia, entre as quaes as de vidro ficavão relativamente pouco inferiores ás outras, porque recordando-se Plinio d'uma taça de crystal comprada por huma mãi de familias, e não rica, por 150:000 sestercios (112), que equivalem, segundo o calculo de Hardouin a 2:400$000 rs., menciona tambem dois pequenos calices de vidro que se vendêrão por 6:000 sestercios 96$000 rs. da nossa moeda (113), ou 48$000 rs. cada hum, preço que hoje não alcançaria nenhum copo de vidro, por mais bem trabalhado que

(111) Alêm dos lugares já discutidos, pódem apontar-se muitos outros.

Crystallina pila adversis posita Solis radiis. Plinio Hist. Nat. L. 37, cap. 10, T. 10, p. 25, fallando do crystal.

Duos *calices crystallinos*; e accrescenta = *Mire ad similitudinem accessere vitrea, sed prodigii modo, ut suum pretium auxerint crystalli, non diminuerint.* Idem, ibid.

Sunt et vitreis similes.... Vitrei vero ut visu discerni non possint, tactus deprehendit, tepidior in vitreis. Plinio Hist. Nat. L. 37, cap. 44, T. 10, p. 110, fallando da leucochrysi.

Ceponides in Aeolidis Atarne, nunc pago, quondam oppido, nascuntur, multis coloribus translucentes, alias vitreae, alias crystallinae, alias jaspideae. Plinio Hist. Nat. L. 37, cap. 56, T. 10, p. 135, etc. etc.

(112) *Alius hic furor*, (o dos crystaes) *H — S. CL. M. trullam unam non ante multos annos mercatam a matre familias, nec divite.* Plinio Hist. Nat. L. 37, cap. 10, T. 10, p. 25.

(113) *Neronis principatu reperta vitri arte, quae modicos calices duos, quos appellabant pterotos, H — S sex millibus venderet.* Plinio Hist. Nat. L. 36, cap. 66, T. 9, p. 780.

fosse. O Snr. Bossi refere o ultimo passo de Plinio (114), e muitas obras famosas de vidro, como já se notou (115), por tanto fazendo-se objectos de vidro de grandissimo custo, não he necessario ir desencantar para artefactos preciosos de vidro huma materia particular fantastica chamada *murrhina*.

> *Que no seu Diccionario lithologico, ou na sua indicação das pedras por ordem alphabetica, fallou da pedra chamada myrrhites, que tinha a côr e o cheiro da myrrha, mas desta pedra não he que se fazião os vasos murrhinos.*

De não ter Plinio fallado da pedra murrhina no seu Diccionario lithologico, quer o Snr. Bossi concluir que não havia tal pedra. Mas vejamos o que he o Diccionario lithologico de Plinio.

Plinio principia assim o L. 37 da sua Historia Natural = « Para que nada falte á obra começada, restão as » gemmas (pedras preciosas) » (116); e depois de ter indicado varios objectos e substancias de que se fazia o mesmo apreço do que das gemmas, posto que o não fossem, entra no capitulo 14 a tratar ex professo das gemmas, continua até ao capitulo 53, e no capitulo 54 prosegue = » Expostas as gemmas, segundo os generos das » suas principaes côres, explicaremos as outras pela or- » dem alphabetica. = » (117). He manifesto que Plinio não fez hum Diccionario lithologico que abrangesse todas as pedras, como parece inferir-se do que diz o Snr. Bossi; mas depois de ter fallado dos murrhinos, do crystal, do

(114) Observations sur le = *Sacro Catino* = de Gênes p. 77. Nesta Memoria p. 82.

(115) Ibid. p. 52 e seguintes, 130 e 141.

(116) *Ut nihil instituto operi desit, gemmae supersunt.* Plinio Hist. Nat. L. 37, cap. 1, T. 10, p. 1.

(117) *Expositis per genera colorum principalium gemmis, reliquas litterarum ordine explicabimus.* Plinio Hist. Nat., L. 37, cap. 54, T. 10, p. 118.

alambre, etc., e de muitas pedras preciosas as mais notaveis, ordenou alphabeticamente as que lhe faltavão, para as ir descrevendo segundo essa ordem, e que por consequencia não havia tornar a fallar dos murrhinos de que já tinha tratado antecedentemente, assim como tambem não falla das gemmas já descriptas. Nem mesmo este Diccionario lithologico comprehende todas as gemmas de que Plinio ainda não tinha feito menção, porque, depois de o concluir no § 70 do L. 37, continúa nos §§ seguintes a relatar mais gemmas, segundo outras distincções.

De mais Plinio não diz que a myrrhites tivesse o cheiro da myrrha, mas só a côr, porque o cheiro era o do nardo (118).

> *Que entre os pés ou bases que devião pôr-se por baixo das taças que não os tinhão, podião comprehender-se, mesmo conforme a interpretação d'Hardouin, os* abaci *de que muitas vezes falla Plinio, e de que diz serem feitos da materia dos vasos* murrhinos: abacis etiam escariisque vasis inde expetitis; *cujo tamanho nunca excedião* = nusquam parvos excedunt abacos. *O que se punha por baixo das taças que não tinhão pé era, humas vezes pequenas laminas, outras vezes pequenos pra-*

(118) *Myrrhites myrrhae colorem habet, facie minima gemma: odorem attrita, etiam nardi.* Plinio Hist. Nat., L. 37, cap. 63, T. 10, p. 151. He tudo quanto diz da *Myrrhites.*

He o que repete Solino = *Myrrhites Parthis familiaris est. Hunc si visu aestimes, myrrhae color est, et non habet quod afficiat aspectum: si penitus explores, et attritu incites ad calorem, spirat nardi suavitatem.* Salmasii Exercitationes Plinianae in Solinum. Trajecti ad Rhenum 1689. T. 1, cap. 37, p. 48.

E he o mesmo que diz Priseiano

Myrrhitenque, bonum cum nardi reddit odorem.

Periegesis vers. 984. Ed. Wernsdorf, Altenburgi 1780 e seguintes, T. 5, P. 1, p. 407. Porêm he de notar que o texto de Dionysio que Priseiano traduzio, não falla em Myrrhites.

tos covos ou concavos, e seria isto mais huma prova de que os famosos vasos murrhinos *erão de vidro.*

A este argumento do Snr. Bossi só responderei que ainda concedendo-lhe tudo quanto elle diz, até mesmo que huma taça sem pés possa suster-se, para se fazer uso della, sobre huma pequena lamina de qualquer materia, não sei como possa daqui concluir-se que os vasos murrhinos erão de vidro. Parece-me que ninguem adivinharia que de taes premissas se seguisse semelhante conclusão.

Faz o Snr. Bossi grande força para provar que os vasos murrhinos não erão de substancia fossil, mas sim de vidro, no verso de Propercio

Murreaque in Parthis pocula cocta focis:

Salmasio lê este verso

Murreaque in Parthis pocla coacta suis,

e diz que as edições antigas trazem = *suis* = em lugar de = *focis* = (119) o que, se assim fosse, acabaria a questão; porêm outros, e ultimamente Kuinoel, regeitão o dictame de Salmasio, e observão que a lição constante de todas as edições he = *focis* = (120). Algumas que consultei trazem = *focis* = (121), e não julguei que es-

(119) *Sed veteres libri habent, suis.* Exercitationes Plinianae in Solinum. T. 1, p. 189, col. 1.

(120) Broukhusio citado pelo Conde Rezzonico, Disquisitiones Plinianae T. 2, p. 212, col. 1., nota (15); e por Volpi T. 2, p. 1034, col. 1, nas notas, que não o impugna.
Kuinoel = *sed focis constans omnium librorum lectio est.* T. 2, p. 576.
Mas Rezzonico cita Turnebo que traz = *suis* = l. c.

(121) A de Mureto. Lugduni apud Guilielmum Rovillium 1559—12, p. 121.
A de Scaliger. Antuerpiae apud Aegidium Radeum 1582—12, p. 257.
A de Passerat. Parisiis 1608; e nas notas p. 615, col. 2.
A ad usum Delphini. Parisiis 1685=4.°, T. 2, p. 720.
A de Volpi. Patavii 1755, T. 2, p. 1033.
A de Kuinoel. T. 1. p. 357.
E a de Lachmann. Lipsiae 1816—8.°, p. 364.

te objecto merecesse maior investigação; porque a lição de = *suis* = não me parece que offereça hum sentido claro e que seja preferivel a = *focis* =.

Poderia aventurar-se huma emenda a este passo de Propercio lendo

Murreaque in Parthis pocla coacta locis,

que combinaria exactamente com o que Plinio diz dos murrhinos e da sua patria; e = *coacta locis* = não está tão longe de = *cocta focis* = que podesse tornar inadmissivel a emenda; porêm não he necessario recorrer ao expediente das emendas, de que tanto se tem abusado, querendo de ordinario achar por este meio nos Classicos Gregos e Romanos, não o que elles disserão, mas o que convem para apoiar as opiniões dos que as fazem.

O terceiro triumpho de Pompeo, que trouxe a Roma os murrhinos; foi no anno de Roma 693 (122), e Propercio nasceo entre os annos de Roma 697 e 702, (123), e foi o primeiro que fallou em murrhinos; por consequencia não admira que sendo elle tão proximo á introducção dos murrhinos em Roma, não se conhecesse ainda no seu tempo a verdadeira materia dos murrhi-

---

(122) Varião os Authores na época do 3.° triumpho de Pompeo. Eutropio diz que foi no anno 690 de Roma, sendo Consules D. Junio Silano e L. Murena. Ed. de Verheyk. Lugduni Batavorum 1793, p. 272.

Dion Cassio diz que foi no anno de Roma 691, sendo Consules Cicero e Antonio. Hist. Rom. L. 37, cap. 21, Ed. de Reimar. Hamburgi 1750 e 1751, T. 1, p. 125.

Appiano diz que foi no anno 692 de Roma. *Bellum Mithridaticum*, Cap. 116, Ed. de Schweighaeuser. Lipsiae 1785, T. 1, p. 820.

Porêm Plinio no L. 7, cap. 27, T. 3, p. 124; e no L. 37, cap. 6, T. 10, p. 10, onde até transcreveo as aetas deste triumpho, diz que elle se celebrou, sendo Consules M. Pisão, e M. Messala, o que vem a dar no anno de Roma 693, e he esta a opinião de Hardouin T. 3, p. 124, col. 1., nota (h); e no T. 10, p. 10, col. 2, nota (a); e a de Jano e Krause nas notas a Velleio Paterculo. Lipsiae 1800, p. 229, col. 1.

(123) Kuinoel, na sua edição de Propercio T. 1. p. XXVII e seguintes, quer que elle nascesse no anno 702.

nos, e se julgasse que erão cosidos nos fornos Parthicos. De quantas outras substancias não tem sido desconhecida a natureza, não só por muitos annos, mas até por seculos? O crystal de rocha não foi considerado como formado de gelo, não só por Plinio, mas pela antiguidade Grega, e por Seneca, Estacio, S. Basilio, Diodoro Siculo, etc. (124)? Não confessa o Snr. Bossi que mesmo no tempo moderno, a pesar dos progressos da chymica e da lithologia, a pedra d'arroz da China foi julgada huma calcedonia, hum cacholong, etc., sendo tão somente huma composição em que entra em grande parte a mucilagem d'arroz (125)? E á vista destes exemplos, e d'outros muitos, que poderião apontar-se, hade seguir-se, contra a verdade sabida, o juizo dos que pensárão o contrario do que he realmente? E se o Snr. Bossi não quer conceder gratuitamente a Plinio o merecimento da exacção (126), porque hade Propercio ter o privilegio de não errar, e por que hade a sua authoridade prevalecer contra a de Plinio, e contra a de outros Authores que disserão que os murrhinos erão hum fossil, huma pedra? Deixemos portanto a Propercio com a sua opinião singular, já reprovada por muitos (127), e encostemo-nos á daquelles que vivêrão em épocas em que, tendo-se vulgarizado os murrhinos, se conhecia melhor a sua natureza.

O ultimo argumento do Snr. Bossi he o das Pandectas de Justiniano.

> Murrhina autem vasa in gemmis non esse Cassius scribit, *porque, não sendo pedras preciosas, tambem não erão* lapilli *que, segundo Servio, erão de*

(124) Citados por Hardouin nas notas a Plinio L. 37, cap. 9, T. 10, p. 19, col. 1., nota (y).
(125) Nesta Memoria, p. 49 e 51.
(126) Nesta Memoria p. 25.
(127) Vide Rezzonico, l. c. T. 2, p. 219, col. 1, nota 15.

huma natureza absolutamente differente e até opposta á das gemmae, *como as obsidianas, e as venientanas; porque se falla dos* murrhinos *depois de ter fallado das perolas, que não erão nenhuma destas duas materias; e por tanto, segundo toda a apparencia, erão de vidro, que na antiga pedraria nunca se acha designado com o nome pomposo de* gemmae, *ou de* lapilli; *e se os Jurisconsultos achárão necessario decidir que os vasos* murrhinos *não devião ser comprehendidos entre as pedras preciosas, tinhão sem duvida a apparencia de* gemmae *ou alguma semelhança com as verdadeiras pedras, o que em nenhuma substancia podia melhor verificar-se do que em alguma materia vitrea; importando igualmente observar que, visto ser impossivel suppôr que os vasa* gemmea *fossem d'esmeraldas, de chrysolitas, ou d'amethistas, provavelmente não podião ser senão d'onix, d'agatha, ou de cornalina; e com tudo os vasos* murrhinos *não se comprehendem tão pouco nesta classe, o que prova quasi até á evidencia que só podião ser de vidro.*

Torno a repetir que não posso conformar-me com a logica do Snr. Bossi. Não sejão os murrhinos pedras preciosas, nem *lapilli*, nem perolas, logo são de vidro? Como he que esta consequencia se tira de taes principios? Como he tambem que de se fallar dos murrhinos depois das perolas, que não erão nem *gemmae*, nem *lapilli*, se conclue que os murrhinos não erão *lapilli*?

Os *vasa gemmea* erão os vasos em que se engastavão pedras preciosas, o = *turba gemmarum potamus, et smaragdis teximus calices* = e o *gemmata potoria* de Plinio (128);

(128) Hist. Nat. L. 33, cap. 2, T. 9, p. 5; e L. 37, cap. 6, T. 10, p. 14.

o *inaequales beryllo Virro tenet phialas* de Juvenal (129); e o

Gemmatis alii per totum balsama lectum
Effudere cadis.

de Claudiano (130). Os vasos murrhinos erão de pedra, e de pedra de muito valor, que tinha o mesmo apreço que as gemmas, posto que não o fossem (131), apreço que os Jurisconsultos lhe reconhecêrão (132); e por isso julgárão necessario decidir que não erão pedras preciosas *gemmae*, para evitar as questões que podião suscitar-se nas verbas testamentarias que versassem sobre gemmas.

Mas visto que o Snr. Bossi lançou mão d'hum texto do Digesto para sustentar que os murrhinos erão de vidro, provar-lhe-hei que não erão de vidro com outro texto do mesmo Digesto e do Jct. Javoleno.

» Os vasos murrhinos e os de vidro, destinados para o *uso de comer e beber*, *considerão-se como moveis* » (133). Logo he claro que os murrhinos erão de materia differente do vidro, porque o Jct. faz menção dos vasos de vidro.

---

(129) *Ipse capaces*
Heliadum crustas et inaequales beryllo
Virro tenet phialas.
Sat. 5. vers. 37 e seguintes. Ed. Ruperti. Lipsiae 1819, T. 1, p. 80.

(130) Epithalamium dictum Palladio et Celerinae, vers. 121, Ed. Burmanni. Amstelaedami 1760, T. 1, p. 534, etc.

(131) *Eamdemque omnia haec* (os vasos murrhinos, os crystallinos, e o alambre), *quam gemmae, auctoritatem: sane majorem aliquibus de causis crystallina et murrhina.* Plinio Hist. Nat. L. 37, cap. 11, T. 10, p. 26.

(132) Pandectas L. 33, Tit. 10, l. 3, Paulo § 4.°, p. 475 = *De murrhinis et crystallinis dubitare potest, an debeant adnumerari supellectili propter eximium usum et pretium.*

(133) *Murrea autem vasa et vitrea, quae ad usum edendi et bibendi causa parata essent, in supellectili dicuntur esse.* L. 33, T. 10, l. 11, p. 476.

Para acabar d'esclarecer este assumpto farei ainda duas reflexões

Primeira: Que se a substancia dos murrhinos fosse hum vidro de côr, ou qualquer outro producto da arte, não teria Plinio notado a pallidez como hum defeito dos vasos murrhinos = *pallere, vitium est* = porque estava na mão do artista tirar-lhe esse defeito, carregando mais ou menos de côr, á sua vontade, o vidro ou a massa de que os compunha. Consequentemente o defeito provinha da qualidade da substancia de que se fabricavão os vasos.

Segunda: Que por mais tratos que o Snr. Bossi applique ao distico de Marcial

Nos bibimus vitro, tu myrra, Pontice, quare?
Prodat perspicuus ne duo vina calix (134),

não poderá desvanecer a idêa obvia e natural que elle nos dá de que o vidro e a materia murrhina erão differentes.

Parece-me que tenho demonstrado que dos argumentos produzidos pelo Snr. Bossi nenhum lhe aproveita para convencer que os murrhinos erão de vidro; e que, pelo que fica exposto, póde ajuizar-se com segurança do peso das authoridades por elle citadas, e do que valem passos de Authores Classicos que, orfãos do que os precede, e desacompanhados do que se lhes segue, se lançõo no papel como membros esparzidos d'hum corpo despedaçado.

Resta mostrar de que substancia erão os vasos murrhinos; porêm antes de passar a este objecto, farei ver ainda mais algumas equivocações do Snr. Bossi.

Diz elle que os vasos murrhinos tinhão pequenas protuberancias á flor da superficie; que a alabastrite, sendo lavrada no torno, não poderia offerecer á superficie

(134) L. 4, Epigr. 86. Ed. Smids. Amstelaedami 1701, p. 184.

as pequenas protuberancias que Plinio descreveo; que os murrhinos de Plinio só tinhão pequenas protuberancias, ou manchas em relevo, em forma de bolhinhas; que as manchas em relêvo, as leves protuberancias, as *verrucae* de Plinio só podião razoavelmente pôr-se n'hum vaso de vidro facticio...., espalhando sobre toda a superficie gotas de vidro ou d'esmalte levemente protuberantes, e que o vaso de Mr. Incisa apresenta precisamente este genero de trabalho, e em toda a sua superficie se vem as *verrucae non eminentes, sed ut in corpore etiam plerumque sessiles*; e que já deo a explicação, e o modelo das manchas em relêvo (135).

Creio que, lendo estes passos do Snr. Bossi, ninguem deixará de persuadir-se de que, segundo a authoridade de Plinio, as manchas em relêvo, e as pequenas protuberancias erão huma das qualidades distinctivas dos vasos murrhinos; porêm a verdade he que Plinio nunca fallou em manchas em relêvo, nem tão pouco fallou em pequenas protuberancias em relêvo, unicamente descreve os defeitos dos murrhinos pelo modo seguinte = « A transparencia e a palidez são defeitos, as- » sim como o são as jaças e as verrugas, não elevadas, » mas entranhadas, como acontece tambem algumas ve- » zes no corpo humano » (136). Isto he que as verrugas não fazião cabeça sobre a superficie do vaso, mas ficavão rasas com ella, como apresentando huma crystallização interrompida, ou a introducção d'huma materia estranha. Por tanto o Snr. Bossi transformou hum defeito, que se encontrava em alguns murrhinos, n'huma qualidade distinctiva de todos os murrhinos, e revestio

(135) Nesta Memoria p. 4, 9, 13, 21, 23.

(136) *Translucere quidquam aut pallere vitium est. Item sales, verrucaeque non eminentes, sed ut in corpore etiam plerumque sessiles.* Plinio Hist. Nat. L. 37, cap. 10, T. 10, p. 19; e nesta Memoria p. 63, e p. 77.

esse defeito de circunstancias contrarias ás que Plinio lhe assignou.

Diz o Snr. Bossi que pelo testemunho de alguns Classicos, e sobre tudo de Propercio, os vasos murrhinos erão cosidos no forno no Paiz dos Parthos (137).

Procurei com bastante diligencia os passos dos Classicos Gregos e Romanos que fallão em vasos murrhinos, e em nenhum delles, alêm de Propercio no lugar que já fica analysado, achei semelhante idêa; e como o Snr. Bossi não aponta quaes são os outros Classicos em que a encontrou, ha de permittir-me que duvide da sua asserção.

Diz que Volpi, prevenido por Varchi traductor de Seneca, no seu commentario a Propercio, se deixou arrastar pela opinião de Bayfio que os vasos murrhinos erão de porcelana (138).

Porêm Volpi não diz tal: diz expressamente o contrario, exprimindo-se assim = « Se a opinião de Varchi (139) » e de Pitisco (a de que os vasos murrhinos erão de por- » celana) não fosse falsa, de nenhum modo poderião » aquelles Quirites, tão espertos avaliadores destas coi- » zas, ignorar qual fosse a materia destes copos. Basta-

(137) Nesta Memoria p. 6.

(138) Nesta Memoria p. 30.

(139) *Nihilominus Benedictus Varchius, vir* πολυμαθὴς, *locum Senecae ita vertere non dubitavit:* Veggovi tazze de Porcellana comme se nelle superchie spese si consumassi poco, se é non bessino l'uno e l'altro in tazze preziosissime quel vino che poco dipoi debbono ributtare. *Sed et Samuel Pitiscus ad Suetonii August. cap.* 71 *adversus Bayfii sententiam, de vasculis p.* 124. Bulengeri, de conviviis VI. 13, *et Panciroli, de veter. amiss. cap.* 7 *vero proprius existimat, nostra esse* porcellanea, *quocumque modo fierent; quamvis ea parandi rationem ignoraverint Romani veteres. Quod si Varchii, et Pitisci opinio a veritate non aberraret, nullo modo ignorare potuissent Quirites illi, callidi harum rerum aestimatores, cujusmodi horum poculorum materia esset. Satis erat vas murrhinum frangere: statim cognovissent, coctile esse, ac fictile, lucida illa et vitri simillima crusta illitum et coopertum.* Volpi. Propercio T. 2, p. 1034, col. 2.

» va quebrar hum vaso murrhino, e conhecerião logo
» que era cosido, e feito de barro invernizado, e co-
» berto com aquella crusta lucida e mui semelhante ao
» vidro. = »

Ainda mais: Volpi não só não he da opinião de que os vasos murrhinos fossem de porcelana, guiado por Bayfio, como já vimos, mas nem sequer attribue a Bayfio esta opinião, antes o allega para mostrar que não erão de tal materia (140); nem effectivamente ha em Bayfio huma só palavra relativa a porcelana no seu artigo dos vasos murrhinos.

Bayfio, com as suas notas á Lei II = *De captivis et postliminio reversis* = publicou hum pequeno tratado dos vasos dos antigos, e nelle fallando dos murrhinos, transcreve Plinio, e ajunta unicamente = « que as manchas
» são as que tem aquelle peixe que se chama morea, e
» que assim lho dissera Jano Lascaris (141); e que as-
» senta que daqui lhe vem o nome de murrhinos = (142) »

(140) *Bayfius ait, aetate nostra ea vasa nulla esse, vel nobis ignota, nec esse quam* Porcellanam *vocant*, l. c., p. 1034, col. 1.

(141) *In eadem §. Murrhina autem vasa. Oriens murrhina mittit; inveniuntur enim ibi in pluribus locis, nec insignibus Parthici regni, praecipua tamen in Carmania:* humorem putant sub terra calore densari. *Amplitudine nusquam parvos excedunt abacos, crassitudine rara, quanta dictum est vasi potorio. Splendor his sine viribus, nitorque verius quam splendor. Sed in pretio varietas colorum, subinde circumagentibus se maculis in purpuram, candoremque et tertium ex utroque igniescentem, veluti per transitum coloris purpura, aut rubescente lacteo. Quas maculas videre est in illo pisce, qui murena dicitur, ut nos vir illustrissimus simul et doctissimus docuit Janus Lascaris.* Annotationes in legem II — *De captivis et postliminio reversis*... Ejusdem Annotationes in tractatum. *De auro et argento legato, quibus Vestimentorum et Vasculorum genera explicantur.* Parisiis, ex officina Rob. Stephani 1536, em 4.°, p. 143.

Creio que esta he a primeira edição, porque a Dedicatoria das = *Annotationes* = feita a Francisco Rei de França, he datada = *Lutetiae Parisiorum octavo cal. Septembr.* 1536 =; e a Dedicatoria do tratado *de Vasculis*, feita a = *Antonio a Burgo, Galliarum Cancellario* = tem a data = *cal. Augusti* 1536. =

(142) Esta clausula vem no resumo de Carlos Estevão (V. a no-

Sendo pois o sentimento de Bayfio, quanto aos vasos murrhinos, tão alheio do que vulgarmente se lhe suppõe, vejamos donde se originou o engano.

Carlos Estevão imprimio em 1542 hum resumo do tratado dos vasos de Bayfio, e diz no prologo que o compendiou com authoridade do mesmo Bayfio que lhe permittio que = « o seu livrinho se accommodasse á capa- » cidade dos meninos, e se fizesse mais claro » (143); e para isso poz Carlos Estevão de sua casa o que lhe pareceo, distinguindo com o nome de Bayfio, ou simplesmente com hum — B — os artigos que erão proprios delle, como poderá convencer-se quem se der ao trabalho de confrontar o resumo com a obra de Bayfio.

Neste resumo he que Carlos Estevão addiciona á doutrina de Bayfio que (144) = « A nossa idade não co- » nhece os murrhinos, e só me lembra de ter visto em

---

ta seguinte) que depois de = *illo pisce* = traz = *qui murrhena dicitur: unde murrhina vasa dicta crediderun. Crediderum* deve ler-se, ou *crediderunt*, ou *crediderim;* e traz o signal de ser de Bayfio, porque depois de — *crediderum* — põe — B —

(143) *Ut libellus suus puerorum ingeniis aperiatur, et lucidior fiat.* De vasculis libellus adolescentulorum causa ex Bayfio decerptus: addita vulgari Latinarum vocum interpretatione. Trecis, apud Nicolaum Paris 1542 — 12°, no prologo.

(144) *Murrhina vasa aetas nostra non novit: tantùm hoc memini, me vidisse Venetiis quaedam vascula, quae ex Oriente adferri solere audiebamus; aiebantque nescio quot annos in penitioribus terrae locis asservari solere, priusquàm exerantur, donec pelluceant: atque ob id, venenum nunquam admittere: vulgus* porcellanam *vocat: ob id fortassis, quod ex eo pulvere, quem Plinius puteolanum vocat, quique in aqua indurescit ac lapidescit, efficta erant, ut dicantur quasi puteolana ab Italis. Sed nihil hujus rei compertum est nobis, praeter divinationem. Murrhinum autem quid sit, nescio an rectè conjicere poterimus, eum esse lapidem pretiosum, quem vulgus vascularìorum vocat aquam marinam: accedit enim ad descriptionem Plinii, quam de murrhino conscripsit. Caeterum: illud tantùm addam, vasa murrhina apud Antiquos summo in pretio fuisse: hinc ait Tranquillus, Augustum ex Alexandria capta nihil sibi praeter unum murrhinum calicem ex instrumento regio retinuisse. De his autem videto Plinium.* Resumo citado na nota precedente p. 20.

» Venesa certos vasos que ouvimos costumavão trazer-
» se do Oriente, e que dizião que costumavão guardar-
» se, não sei por quantos annos, em lugares no inte-
» rior da terra, até que se tornem transparentes antes
» que se tirem da terra, e que por isso nunca admit-
» tem veneno: o vulgo chama-lhes porcelana, talvez por-
» que erão feitos daquelle pó que Plinio chama puteo-
» lano, o qual se endurece e petrifica na agoa, de mo-
» do que venhão os Italianos a dar-lhes hum nome que
» se assemelha a puteolana. Mas tudo isto he adivinha-
» ção, porque nada sabemos á cerca deste objecto. Não
» sei se pode com razão conjecturar-se que o murrhino
» he a pedra preciosa que o commum dos que trabalhão
» em vasos chama agoa marinha, porque se aproxima á
» descripção que Plinio escreveo dos murrhinos. Alem
» disto só acrescentarei que os antigos fizerão grande
» apreço dos vasos murrhinos; e por isso diz Suetonio
» que Augusto, na tomada de Alexandria, só tirou para
» si, de toda a baixella real, hum calix murrhino. Ve-
» ja-se a respeito delles Plinio. = »

Eisaqui como se apregoão opiniões de quem nunca as teve; e como se propagão, sem tento, noções inexactas. Se depois do resumo de Carlos Estevão, abraçou Bayfio a sentença delle, e a publicou em alguma obra sua, ou em alguma nova edição do seu tratado *de Vasculis*, não o sei. O que posso afiançar he que nas edições que consultei deste tratado, e que todas são anteriores ao resumo (145), não se acha senão o que transcrevi, e que a citação de Volpi a p. 124; não se ajusta a nenhuma dessas edições (146).

Diz o Snr. Bossi que = Se o nome de murrhinos

(145) A de Parisiis, ex officina Rob. Stephani, 1536, já citada. A de Basileae, apud Frobenium, 1537, 4.°, p. 269. A de Basileae, apud Frobenium, 1541, 4.°, p. 269.

(146) V. a nota 139.

dado aos vasos, de que não se achasse outra origem plausivel nas lingoas que conhecemos, viesse do nome da myrrha, cujo som he quasi o mesmo em Hebreo, e na maior parte das lingoas do Oriente que no Grego e no Latim, inclinar-se-hia á opinião de Mr. Hager que pensa que o cheiro que estes vasos exhalavão era o da myrrha, do mesmo modo que outros vasos conservão, por muito tempo, o cheiro do almiscar e da rosa (147).

Mas a myrrha nunca se chamou assim em Grego, nem coiza que com isso se pareça. O seu nome em Grego he σμύρνα *smurna*, e tambem nos primeiros tempos da lingua latina se chamou em Latim *smyrna* (148).

Quanto a terem os vasos murrhinos o cheiro da myrrha, e d'ahi lhe vir o nome, adiante trataremos deste objecto.

Diz qne com a myrrha temperavão os antigos os vinhos mais exquisitos, como se vio na nota 17, e nesta nota refere-se a hum passo d'Aeliano citado por Mr. Hager, que não impugna.

Sem combater, nem approvar a opinião de que os antigos temperavão o vinho com myrrha, o que me empenharia n'huma digressão em que não quero entrar, notarei tão somente que Aeliano não falla em vinho temperado com myrrha. As suas palavras são as seguintes = « E não he isto huma prova do luxo dos Gregos? Dei» tavão oleo cheiroso no vinho que bebião, e gostavão » sobre maneira desta mistura; e chamavão aquelle vi» nho Myrrhinites » = (149). Myrrhinites significa de murta, preparado com murta, ou com murtinhos; e por

---

(147) Nesta Memoria, p. 4.

(148) V. a nota (A), no fim desta Memoria.

(149) Τί δὲ, οὐκ ἐκεινα τοῖς Ελλησι τρυφῆς ἀπόδειξις; Μύρῳ γὰρ οἶνον μιγνύντες οὕτως ἔπινον, καὶ ὑπερηγάζοντο την τοιαύτην κρᾶσιν· καὶ ἐκαλεῖτο ὁ οἶνος Μυρρινίτης. Aeliano. Varia Historia. L. 12, cap. 31, Ed. de Gronovio, Lugd. Bat. 1731, T. 2, p. 770, e na nota (9).

isso os Commentadores de Aeliano na edição de que me servi assentão, e a meu ver com razão, que este lugar está viciado, e que deve ler-se μυρίνης, ou μυρρίνης, adubado com oleos cheirosos, porque segundo a expressão d'Aeliano, o vinho devia tomar o seu nome dos oleos cheirosos que se lhe misturavão em geral, e não da murta em particular, dos murtinhos, ou mesmo d'algum oleo em cuja composição entrasse de qualquer modo a murta. Effectivamente Julio Polux, e Hesychio trazem μυρίνης, e μυρρίνης com esta significação (150). Isto porêm não quer dizer que os antigos não se servirão da murta para adubar o vinho, o que muitas vezes usátão, mas unicamente que neste lugar de Aeliano não se trata de semelhante preparação.

Cita o verso de Propercio

Et crocino nares murrheus ungat onyx (151):

e abandonando a verdadeira intelligencia de que = « o » nome de *murrheus* podia applicar-se ao vaso pela sua » bella côr amarella, que era a da myrrha = » decide o Snr. Bossi que = « se tratava d'hum copo para beber de » onix ou de sardonix, que cheirava a nardo ou a qual» quer outro perfume em cuja composição entrava o

(150) ἦν δέ τις καὶ μυρίνης οἶνος, μύρῳ κεκραμένος = « E havia tambem » hum vinho *murino*, misturado com oleo cheiroso. = » Julii Pollucis Onomasticum. L. 6, cap. 2, segment. 17. Ed. de Hemesterhuis. Amstelaedami 1706, T. 1, p. 573. O traductor Latino verte μυρίνης, por *unguentarium*, e eu puz *murino* pela authoridade seguinte de Hesychio. Μυρρίνην. ἔνιοι μὲν, οἶνον Μυρρίνην καλοῦσιν· οἱ δὲ, πότον ἐσκευασμένον, οἱ δὲ, πόσιν φασὶν, ἢ ἐπεχεῖτο μύρον = « Alguns nomeão o vinho *Murrino*, e huns dizem que » he huma bebida preparada, e outros que he huma bebida em que » se mistura oleo cheiroso. = » Hesychio. Ed. d'Alberto. Lugduni Batavorum 1746—1766, T. 2, col. 637. Hesychio, pondo a palavra Μυρρίνην no meio da phrase com M grande, dá a entender que era o nome proprio d'huma bebida, assim como hoje dizemos = Ponche etc.; e Aeliano escreve do mesmo modo esta palavra. V. o lugar citado na nota 149 desta Memoria.

(151) L. 3.° Elegia 10, verso 22, Ed. de Kuinoel, T. 1, p. 243.

» *crocus*, ou o açafrão, e a myrrha =», e que =« por » isso he que a onix tem o nome de *murrheus*, myr- » rhado, como Passeracio mui bem entendeo interpre- » tando *vas ex onyche gemma . . . . myrrha plenum*, que » mais correctamente se teria dito — *myrrham redolens* —, » do mesmo modo que o *murrheus crinis* d'Horacio, e o » *myrrhea coma* de Tibullo, que Passerat citou por esta » occasião, posto que Volpi tenha estropeado o passo » de Tibullo lendo *myrtea* em lugar de *myrrhea* »= (152).

Parece-me que a opinião de Passerat e do Snr. Bossi não pode sustentar-se. A traducção litteral do verso de Propercio he =« E o onix côr de myrrha enche os » narizes do cheiro do açafrão. =»

Os antigos davão o nome de onix a todas as pedras formadas de camadas de differentes côres, como já observou Mr. Hauy (153); e por isso este vaso de Propercio era provavelmente da onix alabastrite de Plinio de que se fazião vasos para os unguentos, porque se dizia que os conservavão optimamente incorruptos, e que tinhão a côr do mel (154); e esta côr, mais ou menos desvanecida, com diversas gradações desd'o pardo lavado d'amarello, he a que tem algumas especies da cal sulfatada d'Hauy, que corresponde á alabastrite de Plinio (155), e he igualmente a côr da myrrha.

---

(152) Nesta Memoria, p. 43.

(153) Traité de Minéralogie, T. 2, p. 463.

Plinio no cap. 12 do L. 36, T. 9, p. 655, continuando a tratar dos marmores, falla do marmore onix, que diz que outros chamão alabastrites (substancia calcarea); e no cap. 24 do L. 37, T. 10, p. 76, enumera entre as gemmas muitas variedades de onix (agatha) etc.

(154) *Hunc aliqui lapidem (onychem) alabastriten vocant, quem cavant ad vasa unguentaria, quoniam optime servare incorrupta dicitur . . . Probantur quam maxime mellei coloris.* Plinio Hist. Nat. L. 36, cap. 12, T. 9, p. 655.

(155) Traité de Minéralogie, T. 2, p. 279 e seguintes; e T. 4, p. 349.

Muitos dos melhores Commentadores antigos e modernos d'Horacio reconhecêrão no onix de = *Nardi parvus onix* da Ode 12 do L. 4, verso 17, a alabastrite (156), e alguns Commentadores de Propercio tambem são de igual sentimento, explicando o passo que analysamos, e outros do mesmo Author (157); e que o *murrheus* se referia á côr do vaso já o advertirão, não só os Commentadores de Propercio, mas tambem os d'Horacio (158), transcrevendo este lugar de Propercio; e por isso o *murrheus crinis* d'Horacio quer dizer, não cabello untado com oleo de myrrha, mas = cabello louro = ou castanho mais ou menos claro, interpretação que, em todos os tempos, occorreo a grande numero de Commentadores de Horacio (159).

(156) Mancinello. Ed. Venetiis 1498, f. 137 v.
Torrentius. Ed. Antuerpiae 1608, p. 320, col. 2.
Jano. Ed. Lipsiae 1809, T. 2, p. 481, col. 2.
Wetzel. Ed. Lignitii 1799, T. 2, p. 162, col. 1.
Mitscherlich. Ed. Lipsiae 1800, T. 2, p. 435, col. 1.
Doering. Ed. Lipsiae 1824, T. 1, p. 385, col. 2.
Ernesti Clavis Horatiana. Berolini 1802 e 1803, p. 833, col. 1.

(157) *Rectissime lapidem onychem distinguit ab onyche gemma. Plinius L.* 36, *cap.* 8, e transcreve o lugar acima de Plinio. Broukhus., citado por Volpi Ed. de Propercio, T. 2, p. 691, col. 2.
Ubi onyx pro vase unguentario ponitur, intelligendum est plerumque marmoris genus . . . alabastri appellatione frequentatum. v. Plinio &c. Kuinoel. Ed. de Propercio. L. 2, Eleg. 13, verso 30, T. 1, p. 116.

(158) Commentadores de Propercio
Vocant vero myrrheum *a colore flavo, qui in hoc lapide laudatissimus perhibetur. Plinius ibid. myrrha autem probatissima talem habet colorem* etc. Broukhus., citado por Volpi, T. 2, p. 691, col. 2.
Myrrheus *a colore flavo, qui in hoc lapide laudatissimus; myrrha enim probatissima talem habet colorem.* Kuinoel Ed. de Propercio, T. 1, p. 243, col. 1.
Commentadores d'Horacio
Murrheum *Propertii epitheton coloris flavi.* Gesner na Ed. d'Horacio. Lipsiae 1752, p. 240, col. 2, explicando a Ode 12 do L. 4. A esta opinião parecem aquiescer Zeunio, Wendler, e Bothe que repetírão a edição de Gesner Lipsiae 1815 e 1822, porque nenhuma reflexão fazem sobre ella.

(159) Acron = *Myrrheum profusum myrrha: aut inter flavum et*

E quanto á *myrrhea coma*, a cujo respeito diz o Snr. Bossi que Volpi estropeara o passo de Tibullo, lendo *myrtea* em lugar de *myrrhea*; posto que algumas edições tragão *myrrhea coma*, que Torrencio citou, entendendo por esta expressão — cabello louro — (160), todavia não só Volpi leo *myrtea coma* (161), mas Wunderlich, Huschk e Dissen (162) provão, com o testemunho dos Mss.,

---

nigrum: vel myrrhei coloris. = Ed. de Veneza 1498 fl. 107 v, á Ode 14 do L. 3., verso 22.

Porphyrio = *Colorem myrrheum in crinibus hodie quoque dicunt: qui medius est inter flavum et nigrum.* = Na mesma edição e folha acima citadas.

Torrencio = Myrrheum *autem* crinem *vocat vel a colore* Myrrhae, *uti et Tibullus:*

Stillabat Tyrio Myrrhea rore coma

vel myrrha delibutum, ut Virg. lib. 12.

Foedare in pulvere crines

Vibratis calido ferro myrrhaque madentes.

Et Propertius Lib. I.

Orontaea crines perfundere myrrha.

Ed. Antuerpiae 1608, p. 231, col. 1.

Bond = *Crinem subflavum myrrhei coloris, vel myrrhino unguento delibutum.* Ed. d'Achaintre. Paris 1806, p. 131, col. 2.

Baxter e Gesner. Ed. Lipsiae 1752, p. 169, col. 2.

Zeunio e Wendler nas edições que repetirão do Horacio de Gesner.

Jano = *Laborant Intpp in crine* murreo s. myrrheo. *Vid. V. L. Fere explicant crinem myrrha, noto unguento, delibutum*, ut Ovid, Met. III, 555, madidus myrrha crinis. *Non est, quod putetur Neaera juberi nunc demum ungere crinem; fecisset enim id longioris morae: sed, cum semper, certe saepius ungere se* tales solerent, *coma* myrrham olens *possit intelligi. At alii referunt ad colorem fulvum, fuscum, qui est inter flavum et nigrum, nos castaneum dicimus, qualis myrrhae fuit: unde* myrrheum crinem *dicere solemne fuisse tradit Porphyrius* (v.V.L.). *Forte probabilior haec et doctior explicatio, priori ista .... Quod autem poeta non diserte jubet festinanter* venire *puellam, sed crinem colligere, et sic modo, quod antecedens appellant, memorat, id vivido παθει, in quo versatur, praeclare convenit.* Ed. Lipsiae 1809, T. 2, p. 165, col. 1. E isto poderia servir de resposta ao argumento de Mitscherlich, que defende o contrario, se me propozesse discutir particularmente este ponto.

(160) No logar citado na nota antecedente.

(161) Ed. de Tibullo. Patavii 1749. L. 3, Elegia 4, verso 28, p. 235.

(162) Wunderlich. Ed. de Tibullo. Lipsiae 1817, T. 1, p. 204, e na nota col. 1.; e T. 2, p. 289.

das antigas, e das melhores edições, que se deve ler *myrtea*. Accresce ao que fica ponderado que = « hum co- » po d'onix cheirando a myrrha enche os narizes do » cheiro d'açafrão » = não offerece sentido nenhum rasoavel, quando pelo contrario = « hum copo d'onix côr » de myrrha enche os narizes de cheiro d'açafrão = » he conforme ao uso mui constante da antiguidade, que nas mesas mais delicadas se servia do vinho adubado com o açafrão, ou com oleo d'açafrão (163), que he precisamente o que nos apresenta o passo de Propercio:

Sit mensae ratio, noxque inter pocula currat,
Et crocino nares murrheus ungat onyx.

Passemos a determinar a materia dos vasos murrhinos, sobre a qual já alguem reflectio. = « Conhece-se » o que não erão os vasos murrhinos; porêm he ainda » escurissimo para nós de que substancia erão forma- » dos (164).

A Myrrha chama-se em Arabe مُرّ *Môrron*; em Hebraico מֹר, מר, מוֹר, מָר *Morr*, ou *Murr*; e em Chaldaico מוּרָא, מִירָא, מוּרְיָא *Morrhah*, *Morriah*, *Myrrhah*, *Morr* ou *Murr* (165); e a semelhança da côr da Myr-

---

Huschk. Ed. de Tibullo. Lipsiae 1819, T. 2, p. 470, e na nota col. 2, Dissen. Supplementum editionis Albi Tibulli carminum Heynio. — Wunderlichianae. Lipsiae 1819, p. 47, traz tambem a lição do Cod. de Paris = *myrthea*.

(163) V. Plinio L. 21, cap. 26; Dioscorides cap. 25, L. 1.°; Plutarcho in Symposiis VI, 2, VII; e outros citados nas notas ao Nigrino de Luciano. Ed. de Reitz. Amstelodami 1743, T. 1, p. 72, col. 2., e p. 73, col. 1.

(164) *Da quanto si è detto sin qui, si conosce quel che non erano i vasi murrini, ma qual fosse la materia onde erano formati rimane tuttavia a noi oscurissimo.* Ephemerides Romanas do anno de 1748, Art. 11, p. 230, citadas pelo Conde Rezzonico. Disquisitiones Plinianae. T. 2. p. 212, nota 15, onde refere as opiniões de muitos AA. sobre a materia dos vasos murrhinos, e conclue com o lugar das Ephemerides acima transcripto.

(165) Golio. Diccion. Arab.

rha com a substancia de que se fazião os vasos murrhinos fez dar á mesma substancia hum nome derivado daquella a que se assemelhava. A côr da melhor Myrrha era loura, leonada, *fulvam*, como lhe chamou Ovidio (166), e antes delle Dioscorides que, dos antigos, he o que melhor a descreveo: e posto que os traductores e commentadores deste Author derão a côr esverdinhada á Myrrha Trogloditica, que era a da primeira sorte (167), he porque não se acordárão de que o ὑπόχλωρος de Dioscorides significa não só tirando a verde, mas tambem amarellento, amarello, gemmado (168). Consequentemente o fundo da côr dos vasos murrhinos era amarello, leonado, e hum amarello vivo, porque a côr pallida era nelles hum defeito (169), e sobre esta côr tinhão diversas manchas, como já notou Plinio (170), e alem delle Marcial (171).

Os Gregos, que conhecião a Myrrha debaixo do nome de σμύρνα, conservárão com tudo á materia dos va-

---

Hebrew, Latin, and English Dictionary... by Joseph Samuel C. F. Frey. Londres 1815. Latin and Hebrew Vocabulary p. 37.
Guarin. Lexicon Hebraicum etc. Lutetiae Parisiorum 1746. T. 1, col. 1054.
Buxtorfio. Lexicon Chaldaicum, Talmudicum et Rabbinicum. Basileae 1640 fl.
Zanolini. Lexicon Chaldaico-Rabbinicum. Patavii 1747.

(166) *Quassaque cum fulvâ substravit cinnama myrrhâ.* Ovid. Met. L. 15, v. 399, Fab. 37. Ed. Burmanni. Amstelodami 1727, T. 2, p. 1046.

(167) Saraceno na traducção latina de Dioscorides. Ed. Wecheli 1598. p. 42, col. 2., traduz =*subviridis*= e põe á margem =*forte pallescens.*= Laguna e Ribera na versão e commentarios Castelhanos, Madrid 1733, T. 1, p. 92, col. 1. vertem =*algun tanto verde.*=

(168) *Subviridis*, *pallens.* Gl. V. (Glossaria Veterum) *luteus.* Hederici Lexicon Graecum cura Larcheri et Taylor. Londini 1816.

(169) Pallere *vitium est.* Nesta Memoria p. 63.

(170) Ibid.

(171) *Plorat Eros, quoties maculosae pocula myrrhae*
Inspicit, aut pueros, nobiliusve citrum.
L. 10 Epigr. 80. Ed. de Smids. Amstelaedami 1701, p. 436.

sos murrhinos o seu nome oriental; porque o Author do Periplo attribuido a Arriano, e Pausanias, que são os unicos de que tenho noticia que nella fallassem, o primeiro chama-lhe μυρρίνη, ou μερρίνη; e o segundo μορρία, que bem se aproxima á etymologia semitica (172): e os Romanos trazendo do Oriente os vasos murrhinos, segundo Plinio (173), derão tambem á substancia de que erão feitos o nome que lá tinha, designando-a por *murrha* e *myrrha* donde se formou *murreus*, *murrheus* e *murrhinus*, etc. denominação pela qual foi geralmente conhecida esta especie de vasos. Lucano, Estacio, Marcial, Propercio, e o Digesto abonão o que acabo de expender (174).

Que os vasos murrhinos erão de pedra demonstra-se, não só pelos passos de Plinio e de outros Authores analysados nesta Memoria, mas ainda por mais alguns.

Quando impugnei a opinião do Snr. Bossi não me

Surrentina bibes, nec murrhyna picta, nec aurum
Sume, etc.

L. 13. Epigr. 110, p. 543 da mesma edição.

(172) Periplo do mar Erythreo, apud Geographiae Veteris Scriptores Graeci Minores. Oxoniae 1698. T. 1, p. 4, e p. 28. Pausanias. L. 8. Arcadica. Ed. Kuhnii Lipsiae 1696, p. 635.

(173) Nesta Memoria p. 62 e 63.

(174) *Non auro, murrhaque bibunt:*

Lucani Pharsalia L. 4, verso 380. Ed. de Weber. Lipsiae 1821, T. 2, p. 26.

Hic pocula magno
Prima duci, myrrhasque graves, crystallaque portat
Candidiore manu:

Statii Silv. L. 3, Carmen IV, v. 57, Ed. Variorum. Lugd. Bat. 1671, p. 166.

Nos bibimus vitro, tu myrrha, Pontice, quare?

Martialis. L. 4. Epigr. 86, Ed. Smids, p. 184.

. . . . *Quoties maculosae pocula myrrhae.*

Idem. L. 10, Epigr. 80, p. 436.

Et crocino nares murrheus ungat onyx.

Propertii L. 3. Eleg. 10, v. 22. Ed. Kuinoel, T. 1, p. 243.

Murrheaque in Parthis pocula cocta focis:

Idem. L. 4, Eleg. 5, v. 26, T. 1, p. 357, da mesma edição.

Murrea autem vasa et vitrea. Digesto. L. 33, l. 11, p. 476 etc.

aproveitei da authoridade de Plinio que transcrevi = « *Eadem victoria primum in urbem murrhina invexit: primusque Pompeius* lapides *et pocula ex eodem triumpho Jovi Capitolino dicavit* = » (175); porque sendo a lição de *lapides* contestada, não quiz, para defender a minha causa, valer-me d'hum argumento que parecesse duvidoso, porêm agora discutirei esta questão. Hardouin lê *lapides*, seguindo hum Mss. da Bibliotheca Real de Paris, outro da Bibliotheca Colbertina, o de Dalecampio, e outros (176); e Rezzonico lê = *sex pocula ex eodem triumpho* = etc., conformando-se com os Mss. Ambrosiano 2.°, Aleriense, de Beroaldo, de Landino, e outros, e com a primeira e mais antigas edições; mas confessa que o codice Ambrosiano 1.° traz *lapides*, e conjectura que a conta Romana VI, substituida pelas lettras *sex*, se convertera depois por engano em *lapides* (177). Custa a conceber como VI podesse converter-se por erro, não só em *lapides*, mas em *lapides et* que he a lição refutada pelo Conde Rezzonico. Porêm de mais a mais Hardouin reflecte mui asisadamente que a lição *sex pocula* está notavelmente alterada, porque de seis copos não podião fazer-se os *abacos*, e os vasos para a mesa de que ao diante falla Plinio (178). Para annullar a força desta reflexão

(175) Nesta Memoria p. 62.

(176) *A codicum fide et conspirante consensu non discedimus, Reg. 2. Colb. 3. vetere Dalecampii exemplari, aliisque.* Plinii Hist. Nat. T. 10, p. 14, col. 2, nota (x).

(177) VI pocula. *Sequor Ambrosianum II codicem, Aleriensis, Beroaldi, Landini, aliorumque membranas, editionem principem, et vetustiores itidem impressiones... Harduini lectionem in I Ambrosiano Codice inveni. Putarem notas VI, in Johanis Spirensis exemplari nitentes: ab aliis postea characteribus* sex *redditas, uti in Romanis, Parmensibus, subsecutisque editionibus: sensim in* lapides *fuisse deformatas.* Rezzonico. Disquis. Plinianae, T. 2, p. 209, col. 2., nota 4.

(178) *Typi hactenus vulgati id exibent solum:* Pompeius sex pocula: *insigni admodum interpolatione: nam e sex poculis, abacos et vasa escaria, id quod statim affirmatur a Plinio, conflata umquam, aut conflari umquam posse, quis credat?* l. c. na nota (176).

suppõe Rezzonico que Hardouin entende que os vasos offerecidos por Pompeo a Jupiter Capitolino fossem distrahidos contra sua vontade, e contra o costume, para o uso dos particulares (179); mas nem isso he o que diz Hardouin, nem o que se colhe do texto de Plinio. Plinio o que diz he que Pompeo trouxe para Roma no seu terceiro triumpho os murrhinos, e que offereceo a Jupiter Capitolino pedras murrhinas, e copos murrhinos, isto he, offereceo-lhe em bruto a materia de que se fazião os murrhinos, e offereceo-lha tambem já trabalhada em copos, como poderiamos dizer de qualquer outro objecto precioso = trouxe os alabastros, os crystaes, as agathas, etc., em bruto e já obrados =; e só assim he que pode apresentar hum sentido claro e rasoavel o que se segue = « que logo que apparecêrão em Roma os ob- » jectos murrhinos, começou a espalhar-se o seu uso, » appetecendo-se da pedra murrhina laminas, e vasos para » a mesa etc. » =; porque aliás o *inde* de *inde expetitis*, que diz respeito a *lapides*, não tem a que se referír (180). Por tanto, sendo a verdadeira lição — *lapides* — nenhuma prova se pode dar mais irrefragavel de que os murrhinos erão de pedra do que este testemunho de Plinio que tão sciente estava do que era a materia bruta dos murrhinos, que até determina as suas dimensões = *nusquam parvos excedunt abacos etc.* = (181).

---

(179) *Ad illa, quae congerit Harduinus, objicerem Plinii narrationem in eo sistere, ut legentibus aperiret post Pompejanum triumphum murrhina in hominum usum transiisse, nempe postquam sex pocula Jovi dicaverat Pompejus: rei novitate, et figurae eximiâ pulchritudine moti Romanorum Principes abacos, et escaria vasa sibi voluerint comparare. Neque enim credendum est, ut ea, quae Deorum Maximo Pompejus dicaverat, contra illius voluntatem, atque consuetudinem in civium usum distraherentur. Adde quod statim Historicus subdit murrhina privatorum usibus inserviisse.* l. c. na nota (177).

(180) Nesta Memoria p. 62.

(181) Nesta Memoria p. 63.

Seneca diz no L. 7.° de Beneficiis, cap. 9 « Vejo os « copos murrhinos, como se fosse pouco notavel o luxo, » se não manifestassem entre si, (os convidados, na » mesa,) por meio de avultadas taças de gemmas, que » havião de vomitar = » (182); por tanto considera a materia dos murrhinos como gemmas, e por consequencia como pedras. Considera-a como gemmas, não porque fossem verdadeiras gemmas, mas porque tinhão o mesmo apreço que ellas, segundo Plinio (183); tendo sido por muito tempo contemplados entre os objectos mais preciosos, como consta, alem dos passos apontados, por outros de Seneca, Lucano, Juvenal, Marcial, Suetonio, Julio Capitolino, Aelio Lampridio, Eutropio, e do Digesto (184).

---

(182) *Video murrhina pocula: parum scilicet luxuria magno fuerit, nisi quod vomant, capacibus gemmis inter se pronuntiaverint.* Ed. Ruhkopf, T. 4, p. 324.

(183) Nesta Memoria p. 95.

(184) *Utrum sit aureum poculum, an crystallinum, an murrhinum.* Seneca Epist. 119. Ed. citada, T. 3, p. 392.

Non auro, murrhaque bibunt:

Lucano Pharsalia L. 4, vers. 330. Ed. Weber. Lipsiae 1821, T. 2, p. 26.

Mense quidem brumae, quo jam mercator Iason
Clausus et armatis obstat casa candida nautis,
Grandia tolluntur crystallina, maxima rursus
Murrhina, deinde adamas notissimus et Beronices
In digito factus pretiosior.

Juvenal Sat. 6, verso 153. Ed. Ruperti T. 1, p. 102.

Perque forum juvenes longo premit assere Medos
Emturus pueros, argentum, murrhina, villas.

Idem Sat. 7, verso 132, T. 1, p. 149.

Aurea solus habes, myrrhina solus habes:

Marcial. L. 3, Epigr. 26. Ed. de Smids, p. 116.

. . . . . *vende*
Argentum, mensas, myrrhina, rura, domum.

Idem L. 11. Epigr. 71, p. 45. Epigr. obscoena. Ed. citada.

Quum et Alexandria capta nihil sibi praeter unum murrhinum calicem ex instrumento regio retinuerit. Suetonio. Augusti vita cap. 71. Ed. de Wolf. Lipsiae 1802, T. 1, p. 196.

Appiano, na sua Historia da Guerra Mithridatica, diz que = no thesouro que Mithridates tinha em Talauris se acharão dois mil copos feitos de pedra onix, guarnecidos d'ouro etc. = (185). Desta guerra he que foi o terceiro triumpho de Pompeo em que alardeou as riquezas de Mithridates, entre as quaes apparecêrão pela primeira vez em Roma os murrhinos (186); e como, por huma parte Appiano não faz menção especial dos murrhinos, e por outra parte a palavra onix era hum nome generico que se applicava a diversas especies de pedras (187), nem he presumivel que estes dois mil copos fossem todos da mesma qualidade de pedra, parece que nesses copos chamados d'onix se comprehendião os murrhinos que, por consequencia, erão de pedra, e que varias vezes vem mencionados pelos Authores juntamente com os de onix (188). Assim o entendeo tambem o Conde Rezzonico, e tanto, que referindo-se a Appiano,

---

Quum autem ad hoc bellum omne aerarium exhausisset suum, neque in animum induceret ut extra ordinem provincialibus aliquid imperaret, in foro divi Trajani auctionem ornamentorum imperialium fecit, vendiditque aurea pocula et crystallina et myrrhina, vasa etiam regia, etc. Julio Capitolino. Vita Antonini Philosophi cap. 17. Historiae Augustae Scriptores. Ed. Variorum Lugduni Batavorum 1671, L. 1, p. 354. Eutropio, Breviarium Historiae Romanae L. 8, § 13. Ed. Verheyk. Lugduni Batavorum 1793, p. 393.

Onus ventris auro excepit: myrrhinis et onychinis minxit. Aelio Lampridio. Vita Heliogabali cap. 32. Historiae Augustae Scriptores. T. 1, p. 772 da edição citada.

De murrhinis et crystallinis dubitari potest, an debeant adnumerari supellectili, propter eximium usum et pretium. Digesto L. 33, Tit 10, L. 3, Paulo § 4, p. 475, col. 2.

(185) Ἐν δὲ Ταλαύροις, ἣν τίνα πόλιν ὁ Μιθριδάτης εἰχε ταμιεῖον τῆς κατασκευῆς, δισχίλια μὲν ἐκπώματα λίθου τῆς ὀνυχίτιδος λεγομένης εὑρέθη χρυσοκόλλητα. Ed. de Schweighaeuser. Lipsiae 1785, T. 1, cap. 115, p. 818. A traducção latina traz = *ex onyche gemma* —; porêm o texto grego diz = de pedra onix = λίθου της ὀνυχίτιδος =

(186) Plinio Hist. Nat. L. 37, cap. 6 e 7, T. 10, p. 10 a 14; Appiano l. c., cap. 116, p. 820, etc.

(187) V. a nota (153) desta Memoria.

(188) Aelio Lampridio l. c. na nota (184).

diz que Pompeo achára no thesouro do Rei do Ponto mais de dois mil vasos murrhinos (189); porêm o que se encontra em Appiano he o que fica transcripto.

Pausanias fallando d'huma agoa que cahe gotta a gotta do rochedo de Nonacri, que os Gregos chamão agoa da Styge, e que dalli corre para o rio Crathis, diz que he tão mortifera que mata os homens e toda a especie de animaes.... e que = o vidro, o crystal, a » *morria* (materia dos vasos murrhinos) e quantos outros » vasos os homens fazem de pedra, de barro, de cor- » no, e de osso, todos se quebrão mettidos na agoa da » Styge. » = (190)

He ainda mais concludente o passo de Periplo do mar Erythreo attribuido a Arriano. Este Author relacionando os objectos de mercancia que se importavão de Ozena para Barygaza, e passavão de lá a Roma, nomea pedras onichinas e murrhinas (191): e he bem extraordinario que o Snr. Bossi, citando o Periplo do mar Erythreo para outro fim, calasse o que tanto lhe incumbia impugnar para sustentar a sua these (192).

O Author do Periplo do mar Erythreo attribuido a Arriano, apud Geographiae Veteris Scriptores Graeci Minores. T. 1, p. 28.

(189) *Tum magis quòd duo millia murrhinorum a Pompejo fuisse inventa ex Appiani Alexandrini testimonio intelligamus.* Disquisitiones Plinianae T. 2, p. 210, col. 1., na nota que vem da p. antecedente.

(190) ὕαλος μέν γε καὶ κρύσταλλος καὶ μορρία καὶ ὅσα ἐστὶν ἀνθρώποις ἄλλα λίθου ποιούμενα, καὶ τῶν σκευῶν τὰ κεράμεα, τὰ μὲν ὑπὸ τῆς Στυγὸς τοῦ ὕδατος ῥήγνυται, κεράτινα δὲ καὶ ὀστέϊνα, Pausanias Arcadica L. 8. Ed. Kuhnii. Lipsiae 1696, p. 635 e 636.

Esta edição traz ἄλλος; em lugar de ὕαλος, o que he engano manifesto; porque, nem ἄλλος em nominativo, no principio da frase, tem a que se referir; nem o μέν γε καὶ tem a que se ligue lendo ἄλλος; mas ὕαλος. Porêm o que he singular he que Kuhnio, citando na nota p. 636 a lição ὕαλος; pela authoridade dos Dialogos de Estevão Negro, e traduzindo em latim — *vasa et pocula vitrea* —, conservasse no texto ἄλλος contrario á versão.

(191) ὀνυχίνη λιθία καὶ μυρρίνη Apud Geopraphiae Veteris Scriptores Graeci Minores T. 1, p. 28.

(192) Observations sur le *Sacro Catino* p. 127.

Busquemos agora entre as pedras conhecidas huma que não seja das descriptas por Plinio debaixo de nomes especiaes
Que tenha a côr amarella leonada:
Que tenha manchas maiores, ou menores:
Que tendo a dureza necessaria para ser trabalhada ao torno, possa ao mesmo tempo soffrer a impressão dos dentes sem estalar e quebrar-se, mas ficar só com amolgaduras, ou móssas:
Que tenha lustro e não brilho nem transparencia:
Que não exceda as dimensões que Plinio assigna á substancia murrhina:
E que ostente os accidentes de luz do iris, e principalmente nas bordas.

A condição de ceder á impressão dos dentes, sem quebrar, exclue as substancias da familia das Silicides que podião ter alguma analogia com a pedra murrhina; e por isso recorrendo os mineraes que podem reunir todas as circunstancias acima indicadas, julgo que só podem dar-se na Fluorina, primeira especie dos Phtorures de Beudant (193); Phtorure de calcium, primeira especie dos Phtorures de Blondeau (194); cal fluatada d'Hauy (195).

Huma das côres da Fluorina he a amarella sobre que assentão manchas mais ou menos variadas em grandeza e em côr.

Acha-se em muitos sitios, e até da Asia, donde vinha para Roma, em pequenas massas, e novellos, e em crystaes disseminados em differentes rochas (196); e por is-

(193) Traité de Minéralogie. Paris 1830—1832, T. 2., p. 517 a 519.

(194) Manuel de Minéralogie, 3.me édition, par MM. D.** et Julia de Fontenelle. Paris 1831, p. 184.

(195) Traité de Minéralogie, T. 2, p. 247, e seguintes.

(196) *Quelques fois elle est en nids, en rognons, en crystaux disseminés, particulièrement dans les roches crystalines. (Chamounix, Saint-*

so nunca a substancia murrhina excedia certa grandeza: e não obstante ser actualmente commum a cal fluatada, não tenho visto objectos d'arte feitos della muito mais volumosos do que os antigos vasos murrhinos, porque os pedaços capazes de empregar em obras de primor são raros.

Em algumas das especies de cal fluatada concrecionada ou amorphica he que se encontrão os acesos e brilhantes reflexos de luz, e = « as côres vivas e agradaveis » que parecem rivalizar com as gemmas = » (197); e por isso he que os Romanos fizerão, por muito tempo, tanto caso dos murrhinos como das gemmas (198). Em urnas de diversas côres que tenho visto destas variedades, a pezar de não serem vasadas, apparece o acatasolado produzido pelos accidentes de luz, mesmo na superficie das urnas, em razão de serem cortadas as escamas que formão, para assim dizer, o tecido da pedra.

A variedade amorphica, de que ainda hoje se fabricão os mesmos objectos que no tempo dos Romanos — laminas e vasos — *abaci et vasa escaria* — (199) (só com a differença que os vasos modernos não servem para o uso, mas sim para ornato) = contem porções crystalliza-

---

Gothard, Baveno, etc. dans les Alpes; Odon-Tschelou en Daourie, etc.) Beudant, Traité de Minéralogie, T. 2, p. 519.

As montanhas da Daüria são a continuação da cadeia central das montanhas da Asia, que se estende para a Siberia, e cerca o lago Baikal. Malte Brun Géopraphie 2.me édition. Paris 1812 e seguintes, T. 3, p. 339 e 340.

(197) *En Angleterre et ailleurs, on travaille les morceaux de chaux fluatée d'un volume un peu considérable, et l'on en fait des plaques, et des vases de differentes formes. Ces ouvrages, dont les couleurs vives et agréables semblent rivaliser avec celles des gemmes, sont encore diversifiés par des assortimens de portions cristalisées et diaphanes, enchantonnées dans des espèces de cloisons demitransparentes ou opaques, quelque fois d'une autre matière, en sorte que le tout imite une pièce de marqueterie ou un tissu alvéolaire.* Hauy Traité de Minéralogie. T. 2, p. 266.

(198) Nesta Memoria p. 95.

(199) V. a nota 177, e nesta Memoria p. 62.

» das e diafanas encravadas n' huma especie de cellulas » semitransparentes, ou opacas, algumas vezes d'outra » materia, de modo que o todo imita huma obra d'em- » butido, e hum tecido alveolar = » (200); e aqui temos os defeitos que nos murrhinos desagradavão aos Romanos, o = *translucere et pallere* = as = *verrucae*, *non eminentes*, *sed ut in corpore etiam plerumque sessiles* = de Plinio (201).

Ha no Museo da Academia Real das Sciencias de Lisboa huma urna e duas pequenas agulhas ou obeliscos de cal fluatada amarella. Fiz representar exactamente, na sua grandeza natural, a urna, e huma das agulhas, para confirmar o que fica expendido; porque a sua simples inspecção convencerá, melhor do que todos os raciocinios, da identidade da côr e das manchas com as descripções que dos vasos murrhinos nos deixárão os antigos. Huma estampa não pode dar a conhecer os accidentes variados de côr, em consequencia dos reflexos da luz, que apresentavão os referidos vasos, e a urna mesmo os mostra imperfeitamente porque não he vasada por dentro; porêm se o fosse, a contextura da pedra, desunida em todos os sentidos pelos cortes do ferro no torno para a formar, descobriria o phenomeno explicado da opala, e por consequencia os cambiantes e acatasolado do iris, e com mais força nas bordas do vaso em que essa desunião he ainda maior.

A agulha (Est. 1.) tem as côres mais claras, e as manchas mais pequenas; e na urna (Est. 2.) vem-se as — *maculae pingues* — porque huma das faces he quasi toda sombreada com huma só mancha, que vai escurecendo até fechar em côr de sangue de boi.

Unicamente não pode verificar-se na cal fluatada a

(200) V. a nota 197.
(201) Nesta Memoria p. 63.

circunstancia de algum cheiro agradavel (202); porêm esta circunstancia não se dá em nenhuma das materias de que se tem supposto que erão formados os vasos murrhinos; e só pode explicar-se por algum cheiro forte que nelles se tivesse deitado, e de que conservassem por longo tempo vestigios, como acontece aos nossos velhos contadores que, ainda depois de seculos, recendem ao almiscar que tiverão dentro. Esta opinião parece confirmar-se:

Pela palavra = *aliqua* = de que Plinio se serve que denota, não hum cheiro forte, mas alguns efluvios:

Pela consideração de que Plinio parece attribuir o cheiro, não á pedra murrhina, mas aos vasos já formados, e sendo assim, esta qualidade não era inherente á materia murrhina; mas sim adventicia aos vasos:

E pelo silencio dos Escritores Gregos e Romanos que tratárão de Lithologia relativamente a pedras que tivessem cheiro; porque só assignão cheiro:

Como qualidade que se manifesta naturalmente nas pedras — a cinco especies que nós temos por fabulosas, e cuja existencia em duas não affiança o mesmo Plinio, podendo involver-se as outras nas *despiedadas mentiras* que elle nota terem-se espalhado ácerca de muitas pedras (203):

Como accidente que se desenvolve na combustão — a diversas pedras:

E como effeito da mistura com outras substancias em que se ponha d'infusão, depois de triturada, — a huma só pedra (204).

---

(202) Nesta Memoria p. 63. *Aliqua et in odore commendatio est.*

(203) *Et sunt multo plures* (lapides), *magisque mostrificae, quibus barbari dedere nomina, confessi lapides esse. Nobis satis erit in his coarguisse dira mendacia.* Hist. Nat. L. 37, cap. 73, T. 10, p. 168.

(204) Como qualidade que se manifesta naturalmente: *Aromatites et ipsa in Arabia* traditur gigni, *sed et in Aegypto circa*

Parecerá talvez incomprehensivel que tendo chegado até nossos dias restos das antigas manufacturas dos Gregos e Romanos muito mais frageis do que os vasos murrhinos, como por exemplo o vidro etc., desappare-

---

Pyras, ubique lapidosa et myrrhae coloris, et odoris. Plinio Hist. Nat. L. 37, cap. 54, T. 10, p. 125.

Atizoen in India et in Perside ac Ida monte nasci tradit, ... *odoris jucundi, necessariam Magis regem constituentibus.* Idem, ibid., p. 126.

Myrrhites myrrhae colorem habet, facie minima gemma: odorem attrita, etiam nardi. Idem, ibid., cap. 63, p. 151, a quem seguírão Prisciano Ed. de Wernsdorf T. 5, P. 1., p. 407; e Solino cap. 37, p. 48. V. a nota 118.

Myrsinites melleum colorem habet, myrti odorem. Plinio Hist. Nat. L. 37, cap. 63, T. 10, p. 151.

Narcissites venis et odore distincta. Idem, ibid., cap. 73, p. 164.

Dionysio, na descripção do Mundo, lembra-se da Narcissites = αἳ (πετρας) φύουσιν ἀφεγγέα ιαρκισσίτην = gerão a narcissite, cuja côr he escura =; porêm não faz menção da circunstancia do cheiro. Periegesis, verso 1031. Ed. Bernhardy. Lipsiae 1828, p. 56.

E Prisciano na sua traducção só diz tambem:

Haec generat narcissiten oriente sub ipso,
Qui lapis est fuscus:

Periegesis, verso 947 e 948. Poetae Latini Minores. Ed de Wernsdorf, T. 5, P. 1., p. 402.

Como accidente que se desenvolve na combustão:

Autachtes (especie d'Agatha), *cum uritur, myrrham redolens.* Plinio Hist. Nat. L. 37, cap. 54, T. 10, p. 120, e posteriormente Marbodeo.

Est et qui myrrhae succensus spirat odorem (Achates).

Na edição de Plinio de Franzio cap. 2, verso 18, T. 10, p. 737.

Ophires cujo cheiro, lançada no fogo, afugenta os reptis.

Ἐν πυρὶ δ' εἰ κε βαλοις μιν, ὀδωδὴν ἐρπετα τοιο
Φευξεται, οὐδ' ετι πω μενεει σχεδὸν, οὐδ' εἰ χειμη.

Orpheo, de lapidibus. Ed. de Tyrwhitt. Londini 1781, versos 466 e 467, p. 62.

Lipareo que queimada dá hum cheiro suave que abranda os dragões, e deleita as serpentes. Orpheo l. c., versos 697 a 705, p. 88.

Como effeito da mistura com outras substancias em que se ponha d'infusão depois de triturada.

Zanthenem in Media nasci Democritus tradit, electri colore, et siquis terat in vino palmeo, et croco, cerae modo lentescere, odore magnae suavitatis. Plinio Hist. Nat. L. 37, cap. 70, T. 10, p. 161.

cessem absolutamente os fragmentos destes vasos; e que os Authores dos tempos da decadencia de Roma e da idade media, guardassem o mais profundo silencio a este respeito; porêm este phenomeno archeologico pode explicar-se, a meu ver, pelos motivos seguintes:

1.° Porque tornando-se vulgares forão perdendo o preço, do que já os Authores Romanos dão indicio e até testemunho.

2.° Porque as invasões dos Povos do Norte, e a ruina do Imperio Romano trouxerão comsigo a interrupção do commercio com os Paizes donde vinha a pedra murrhina.

3.° Porque sendo huma das grandes bellezas dos murrhinos o effeito da refracção da luz, qualidade que se perde quebrando-se os vasos, como já se observou (205), os fragmentos que tenhão apparecido, não apresentando circunstancia que os torne notaveis, tem sido naturalmente despresados; e esta he mais huma razão para favorecer o sentimento de que os vasos murrhinos erão de cal fluatada.

4.° Porque, deixando a Fluorina de ser hum objecto de grande custo, os pedaços de vasos murrhinos que se encontrassem serião desattendidos pela prevenção de belleza e preciosidade que havia a favor daquelles vasos.

5.° E pela decomposição a que estão sujeitas as materias calcareas, conservadas por muito tempo debaixo da terra.

He tambem por extremo reparavel que os antigos Escriptores Gregos que, ou tratárão ex professo de Lithologia, como Theophrasto (206); ou que fallárão occasionalmente das pedras, como Dioscorides (207), e

(205) Nesta Memoria p. 78.

(206) Theophrastus's History of Stones. With an English version etc. By John Hill. London 1746.

(207) No cap. 141 e seguintes do L. 5.° da Materia Medica.

os Authores posteriores que, desd'o 4.° até ao 11.° seculo, se occupárão expressamente deste objecto, como o Author do Tratado attribuido a Orpheo, Psello, e Marbodeo (208), não fação menção de pedra murrhina; e que semelhante palavra não exista nos lexicographos Gregos como Julio Pollux, Suidas, Hesychio, e Apollonio Sophista, no Etymologicon Magnum, e no Etymologicum Gudianum, nem nos modernos Diccionarios de Henrique Estevão, Scapula, Damm, e Hederico; sendo isto mais singular a respeito de Hesychio, cuja obra foi alterada e augmentada por muitas mãos (209), e que traz não só palavras dos differentes dialectos da Grecia, e dos povos dominados pelos Gregos, ou em que se fallava a lingoa Grega, mas tambem vocabulos Egypcios, Persianos, Lydios, Scythicos, Celticos, e outros d'outras Nações que nada tem de commum com a lingoa Grega (210). Mas, quanto aos Escriptores Gregos antigos, estou persuadido de que os Gregos comprehendião a pedra murrhina na classe geral das onix, como já observei a respeito do passo d'Appiano (211); e quanto aos do 4.° seculo e d'ahi por diante, parece-me que militão para elles os dois primeiros motivos apontados no § antecedente.

---

(208) Orpheo. De lapidibus. Ed. de Tyrwhitt, Londini 1781. Psellus. De lapidum virtutibus graece et latine, cum notis Maussaci. Lugduni Batavorum 1745.
Marbodeo. Carmen de Gemmis. Ed. de Plinio de Franzio, T. 10, p. 735 e seguintes.

(209) Hesychio. Ed. Alberti. Prefação, cap. 1.°, § 4.° e seguintes, p. III. e seguintes.

(210) *Habet Hesychius non solum Laconica quaedam, Argiva, Arcadica, Boeotica, Cretensia, Salaminia, Macedonica, Thessalica, Pamphyliaca, Sicula, Syracusana, Tarentina, aliaque plurima: sed etiam Aegyptiaca, Persica, Lydia, Scythica, Celtica, aliaque aliarum gentium vocabula, quae nihil omnino cum Graeca lingua commune habebant.* Henrique Estevão na prefação do seu Diccionario, p. 230, citado por Alberti na sua edição d'Hesychio T, 1, Testimonia, assignatura 02.

(211) V. nesta Memoria p. 123.

Devo a primeira idea de ser a Fluorina a substancia de que se fabricavão os vasos murrhinos a Mr. Abel Rémusat na sua Historia da Cidade de Khotam, tirada dos Annaes da China, e traduzida do Chinez, que não vi, mas de que tive noticia pela analyse que della fez Mr. Klaproth nas suas Memorias relativas á Asia em que diz = « Demonstra elle (Mr. Abel — Rémusat) com rara » sagacidade que (a pedra de Yu) não podia ser a ma- » teria dos preciosos vasos murrhinos, que devião ser » de spatho-fluor (fluato de cal). Adoptamos de boa von- » tade esta opinião, que nos parece reunir em seu fa- » vor o maior numero de probabilidades desejaveis, » etc. = » (212) Lendo depois em Mr. Beudant que = « parece evidente que era (a Fluorina) a substancia de » que se fazião os vasos murrhinos, tão celebres na an- » tiguidade = » (213) o que vem repetido, quasi pelas mesmas palavras, na Geographia de Malte-Brun (214), mais me confirmei nesta idea, que procurei desenvolver quanto em mim coube, combinando com o que sabemos da Fluorina, todas as circunstancias da descripção que os antigos nos derão dos vasos e materia murrhina, para ver se podia ficar decidida esta questão lithologica e archeologica. Se consegui o meu fim, os Sabios o julgaráõ.

---

(212) *Il démontre, avec une rare sagacité*, qu'elle (la pierre de Yu) *ne pouvoit être la matière des précieux* vases murrhins, *et que ceuxci devoient être du* spath fluor *(fluate de chaux). Nous adoptons volontiers cette opinion qui nous paraît réunir en sa faveur le plus grand nombre de probabilités désirables.* Klaproth. Mémoires relatifs à l'Asie. Paris 1826, T. 2, p. 299.

(213) *Il paraît évident que c'était* (la Fluorine) *la substance avec la quelle on faisait les vases* murrhins, *si célèbres dans l'antiquité.* Traité de Minéralogie T. 2, p. 519.

(214) Fallando da Fluorina = *Dans le Derbyshire en Angleterre, où elle est assez commune, on en fabrique des vases, des boîtes, des chandeliers et d'autres objets: on croit même qu'elle étoit chez les anciens employée à fabriquer les* célèbres vases murrhins. Malte-Brun, Géographie. Ed. de Huot. Paris 1831 et suivants. T. 2, p. 301.

NOTA — A —

Sobre o nome da Myrrha em Grego, e nos mais antigos Escriptores Latinos.

A palavra Grega que, desd'a mais remota antiguidade, significou sempre myrrha he σμύρνα. Tal he o nome que dão á myrrha Hippocrates, Aristoteles, Theophrasto, Dioscorides, Atheneo, Julio Pollux, Suidas, etc. (*a*); e só Atheneo diz que os Eolios chamavão á σμύρνα-μύῤῥα (*b*), o que he confirmado por Galeno (*c*).

Smyrna chamárão tambem em latim á myrrha Plauto, Lucrecio, e o Jurisconsulto Marciano (*d*).

(*a*) Hippocrates. De superfoetatione, Ed. Foesii. Francofurti 1595, p. 46 in fine, p. 47. 4 vezes.
Idem. De natura muliebri p. 128.
Idem. De morbis mulierum p. 193, 5 vezes, etc. etc.
Aristoteles. Meteorologicorum L. 4, cap. 10. Ed. de Du Val. Paris 1629, T. 1, p. 597 in fine.
Theophrasto, Historia plantarum. L. 4, cap. 6, p. 79, L. 9, cap. 1, p. 169 e 170; cap. 4, p. 173, 2 vezes, p. 174, 3 vezes, etc. etc. Ed. Heinsius. Lugduni Batavorum 1693.
Dioscorides. Materia Medica. L. 1, cap. 77 e 78. Ed. Saraceni. Francofurti 1598, p. 41, 42 e 43, etc.
Atheneo. Deipnosophistarum. L. 15. Ed. de Schweigauser. Argentorati 1801 e seguintes, T. 5, p. 515.
Jullio Pollux. Onomasticum. Segm. 27, L. 1, cap. 1. Ed. Hemsterhuis. Amstelaedami 1706, p. 18.
Suidas. Lexicon. Ed. Kusteri. Cantabrigiae 1705. T. 3, p. 243.

(*b*) Atheneo, l. c., p. 512.

(*c*) Galeno. Obsoletarum Hippocratis vocum explanationes, diz = (Μύῤῥαν) Αἰολεῦσι σμύρναν; *apud Aeoles* σμύρναν, *id est myrrham*, verte o traductor; porêm na nota (*o*) diz o Commentador = *Ubique apud Hippocratem* σμύρνα *audit*. Erotiani, Galeni et Herodoti Glossaria in Hippocratem. Ed. Franzii. Lipsiae 1780, p. 528 e 529.

(*d*) Plauto. Asinaria, Acto 5.°, Sc. 2, verso 79. As edições que consultei; que forão as de
Taubmanno 1621, p. 160.

O que os Gregos chamavão μύρρα, ou μυρρίς, era huma herva semelhante á cicuta que Ribera, no seu commentario a Dioscorides, diz ser o *cerfeuil musqué* dos Francezes (*e*).

E Μυρρίνη era hum dos nomes da murta (*f*), e dos murtinhos (*g*).

NOTA — B —

Sobre a Memoria do Snr. Thiersch ácerca dos vasos murrhinos.

Depois de concluir esta Memoria, tal qual está escripta, veio-me á mão o primeiro volume das Memorias

---

Gronovio. Lipsiae 1760, T. 1, p. 95.
Duas Pontes, que tem o nome de Brunck, 1788, T. 1, p. 197, e a de Bothe. Berolini 1809 e seguintes, T. 1, p. 171 todas lem — *murrham olet* —; porêm Taubmanno p. 164, col. 2, diz que algumas edições antigas trazem — *smyrnam olet* —; e Gesnero, *Thesaurus Linguae Latinae* cita tambem assim este passo de Plauto.
Lucrecio

Contemptus sudos smyrnae, mellisque sapores;

L. 2, verso 503. Ed. de Wakefield. Glasguae 1813, T. 1, p. 285.
Marciano. Digesto, L. 39, T. 5, l. 16, § 7, p. 570, col. 2.

(*e*) Dioscorides. Materia Medica, L. 4, cap. 116, p. 287 da citada edição. Ribera na traducção Castelhana de Dioscorides, já mencionada, T. 2, p. 112.

(*f*) Atheneo. Deipnosoph. L. 15, T. 5, p. 464 da edição citada. Julio Pollux. Onomasticum. Segm. 27, L. 1, cap. 1, T. 1, p. 19, sendo notavel que o traductor latino verteo — μυρρίνην στεφανωτρίδα — por *myrrhinam coronam*, sem advertir que a coroa não podia ser de myrrha, mas sim de murta.
Idem. Segm. 29, L. 1, cap. 1, T. 1, p. 21.
Idem. Segm. 234, L. 1, cap. 12, T. 1, p. 140.
Idem. Segm. 86, L. 8, cap. 9, T. 2, p. 906: tudo da citada edição.
Suidas. Lexicon. T. 2, p. 588 da edição citada.
Hesychio. Lexicon. T. 2, col. 635 da citada edição.

(*g*) Aristoteles. Problematum Sect. 20, T. 2, p. 775 in fine, e p. 776 in fine, da edição citada.
Atheneo. Deipnosoph. L. 2, T. 1, p. 169, e L. 3, T. 1, p. 295 da edição citada, etc.

da Academia Real das Sciencias de Munich, que traz huma Memoria do Snr. Thiersch ácerca dos vasos murrhinos (*a*).

Lisongea-me sobre maneira ter encontrado nesta Memoria muitas das minhas opiniões, e até mesmo a conclusão de que os vasos murrhinos erão de spatho fluor (cal fluatada, ou fluorina). Quem anda pelo mesmo caminho he facil encontrar-se com frequencia, ainda que tome ás vezes veredas differentes; porêm lendo as duas Memorias, será facil conhecer que não me servi do trabalho do Snr. Thiersch, e que cada hum de nós teve mais particularmente em vista hum objecto differente. O Snr. Thiersch insiste em provar que os vasos murrhinos não podião ser de porcelana, e eu em que não podião ser de vidro.

Pela Memoria do Snr. Thiersch soube que o Dr. Rollof Medico de Magdebourg, e o seu commentador e addicionador Philippe Buttmann, fizerão reviver em 1810 a antiga opinião, muitas vezes refutada, de que os vasos murrhinos erão de porcelana (*b*), opinião que modernamente emittio antes delles o Dr. Vincent (*c*), mas que não mencionei porque não me propuz combater cada hum dos numerosos pareceres que tem havido sobre a natureza da substancia murrhina; e a mesma Memoria me ensinou que hum Sabio Inglez, que no Jornal classico de 1810 subscreveo hum artigo com as lettras A. M., foi tambem de voto que esta substancia era a cal fluatada (*d*), e que Mr. Abel Rémusat attribue o mesmo

(*a*) Abhandlungen der Philosophisch — Philologischen Classe der Königlich Bayerischen Akademie der Wissenschaften. T. 1. München 1835, Memoria do Snr. Thiersch = *Ueber die Vasa murrina der Alten* = p. 443.

(*b*) Memoria do Snr. Thiersch, p. 452 e seguintes.

(*c*) The Commerce and Navigation of the Ancients in the Indian Ocean. London 1807, T. 2, p. 724 e seguintes.

(*d*) Se se compara esta descripção com os vasos de spatho fluor

sentimento a de Born (*e*). Tudo isto eu ignorava.

Porêm como me desvio do Snr. Thiersch em alguns pontos, tratarei só daquelles que são mais essenciaes para a intelligencia do passo de Plinio que transcrevi e quanto aos outros em que discordamos, quem examinar as duas Memorias determinará da parte de quem está a razão. E tanto confio nos conhecimentos e na boa fé do meu sabio Consocio da Academia de Munich, nomeado por seus estudos em diversos ramos de Philologia, e principalmente pela sua obra Pedagogica sobre as Escolas Scientificas, que não duvido sujeitar ao seu juizo as minhas reflexões (*f*).

Diz o Snr. Thiersch que o texto de Plinio = *crassitudine raro, quanta dictum est vasi potorio* = está errado, que Hardouin entendeo bem o sentido deste passo interpretando = que raras vezes a grossura da pedra murrhina era tal que della podesse tirar-se hum vaso do tamanho do vaso indicado no § antecedente, capaz de levar quasi tres sextarios =, mas que este não he o sentido das palavras, nem a construcção do = *quanta dictum est vasi.* = Que o Mss. Reg. 2 traz = *quanta dictum est potentia* =. E o importante Mss. de Bamberg, que he o mais antigo dos que trazem o ultimo Livro de Plinio, lê = *crassitudine rara quanta dicta sunt potoria* =: que isto mais se aproxima á verdade; que deve ler-se = *crassitudine raro* (*scilicet excedunt*) *quae ante dicta sunt potoria*; e que a construcção he = *excedunt raro cras-*

---

de Derbyshire, ficar-se-ha convencido da materia de que erão feitas as taças murrhinas = *If you compare this description with the vases made of fluor spathe from Derbyshire, you will soon be convinced of what the murrhine cups were composed* = citado pelo Snr. Thiersch na sua Memoria p. 495.

(*e*) Ibid.

(*f*) *Über gelehrte Schulen*, cuja ultima parte se publicou em Stuttgard e Tubingen no anno de 1837.

situdine potoria quae ante dicta sunt =; referindo-se ás taças murrhinas mencionadas no § antecedente (*g*).

Parece-me que nem a correcção he necessaria, nem está, até certo ponto, em harmonia com o passo de Plinio. Muito embora se adopte o *dicta* do Mss. de Bamberg, lição que já foi proposta por Saxio (*h*), e que fica mais clara para aquelles que não se accommodão bem ao estilo de Plinio, summamente conciso, cortado, e elliptico; mas admittida ella, e lendo-se o passo de Plinio = *Crassitudine raro* (*i*) *quanta dicta est vasi potorio* = não sei que mais emendas se necessitem para ficar desempeçada a construcção; e tendo-se indicado unicamente a grossura, ou a capacidade do calix do varão consular, não vejo como possa admittir-se o = *quanta dicta sunt potoria* = do Mss. de Bamberg, e a correcção do Snr. Thiersch, com referencia a taças a que Plinio não assignou nenhuma dimensão.

(*g*) « *Crassitudine raro quanta dictum est vasi potorio.* » *Harduin hat den Sinn richtig aufgefasst: raro, inquit, murrini lapidis crassitudo tanta est, ut excavari possit in eam altitudinem, quae vasi potorio superiore sect. attributa est, capaci plane ad sextarios tres calice; doch wie liegt dieser Sinn in den Worten? und welches ist die Construction von quanta dictum est vasi? Die Verderbung des Ausdruckes ist offenbar. Von den Handschriften hat, wie auf eine Anfrage mein Freund Hr. L. v. Jan mir bemerkt der Reg. 2 quanta dictum est potentia, und der wichtige Bamberger, der älteste der wenigen, welche das letzte Buch des Plinius enthalten und vollständiger, als die übrigen, liest: crassitudine rara quanta dicta sunt potoria. Hier liegt dar Wahre nahe: man lese: crassitudine raro (nämlich excedunt) quae ante dicta sunt potoria. Die Construction ist: excedunt raro crassitudine potoria, quae ante dicta sunt, mit Bezug auf die murrinischen Becher, die im vorhergehenden Abschnitte erwähnt sind.* Memoria do Snr. Thiersch p. 474, § 2.

(*h*) *Saxius legere mavult dicta.* Rezzonico. Disquisitiones Plinianae T. 2, p. 212, col. 2, nota (2).

(*i*) *Rezzonico lê* — rara — *(como traz o Mss. de Bamberg), seguindo a* 1.ª *edição, e muitas outras antigas, e o Mss. Ambrosiano I, lição que outros tambem adoptarão; e cita expressões analogas de Plinio* — Crassitudine pedali, pollicari, digitali etc. *e* crassitudine tantâ augetur; *por tanto vê-se que he indifferente* rarô, *ou* rarâ, l. c. ibid. nota (1).

Quando o Snr. Thiersch trata do uso da Murra adopta a lição de *capides et pocula*, que diz ser tambem a do Mss. de Bamberg; acha em *capides* hum motivo para Pompeo os offerecer a Jupiter Capitolino, porque erão vasos usados nos sacrificios; enumera entre as especies de vasos murrhinos os *scyphi*, e assevera que Plinio faz menção d'hum scypho murrhino de tão rara belleza (*l*), que Tito Petronio, estando para morrer, o quebrára por inveja de que elle passasse para as mãos de Nero, e que este fez contar os pedaços na sua presença; distingue os *scyphi* e os *calices*; faz Petronio possuidor do *scyphus* e da *trulla* de que falla Plinio; hesita no modo por que ha de entender-se o *inde*, mas decide que allude á grande abundancia de murrhinos importados para Roma por Pompeo que, segundo Appiano, trouxe dois mil vasos só de pedras preciosas, que nenhuma outra baixella menciona com especialidade; que huma parte daquelles *capides et pocula* foi consagrada a Jupiter Capitolino; que todos os mais entrárão no thesouro publico do Povo Romano, forão vendidos em hasta publica a beneficio do mesmo thesouro, e por isso *quae protinus ad hominum usum transiere*; e que daquelle provimento se procurárão com ardor não só taças, mas tambem outras alfaias (*m*); e

(*l*) *Einen murrinus scyphus erwähnt Plinius a. a. O. von so wunderbarer Schönheit, dass T. Petronius ihn aus Neid gegen Nero sterbend zerbrach, und Nero sich die zerbrochenen Stücke vorzahlen liess. Auch calices kommen unter den murrinischen Trinkgefüssen vor: . . . Dazu werden in diesem Abschnitte auch die Preise der anderen Murrinen, als des Scyphus und der Trulla des T. Petronius in Talenten angegeben zum Zeichen, etc.* Memoria do Snr. Thiersch p. 483 e 484.

(*m*) *Wie aber soll inde gefusst werden? Harduin meint e templo, was ebenfalls unstatthaft, Christ S. 45 e lapide murrae; doch ist es wohl auf die grosse Masse der durch Pompejus nach Rom gekommenen Murrinen zu beziehen. Zweitausend allein waren der Becher aus edlem Gestein nach Appian. Anderes Geschirr wird nicht besonders erwähnt. Ein Theil von jenen, capides et pocula, wurde dem Jupiter geweiht. Alles übrige kam in das aerarium publicum populi Romani und wurde zu dessen Vortheil versteigert: daher quae protinus ad hominum usum transiere.*

diz que T. Petronio possuio grande quantidade destes trastes (vasos murrhinos) que depois da sua morte forão tirados a seus filhos por Nero (*n*).

Persuado-me de que em tudo isto ha alguma equivocação, e alguma confusão.

Parece-me que a lição de *capides* (emenda que já occorreo a Saxio (*o*)) não pode sustentar-se pelas razões expendidas nesta Memoria p. 120 e seguintes; e de mais não sendo *capides* vasos só proprios para os sacrificios, mas destinados tambem para usos profanos, como o Snr. Thiersch reconhece (*p*), não pode achar-se nesta palavra o motivo sufficiente para Pompeo os offerecer a Jupiter Capitolino, e muito mais seguindo-se a palavra *pocula* que designa em geral toda a especie de copos, e que por isso mesmo não seria empregada por si só, com a devida exacção, depois de *capides*, o que exclue (no meu entender) semelhante lição, e confirma a de Hardouin. O *inde* embaraçou o Snr. Thiersch, como era natural; mas o modo por que solta esta difficuldade parece me que não representa fielmente o texto de Plinio, e ainda concedendo-se que os vasos murrhinos, vendidos a beneficio do Erario de Roma explicão o = *ad hominum usum transiere* =, a clausula que se segue = *abacis etiam escariisque vasis inde expetitis* = que está ligada com as antecedentes, e que por consequencia era indispensavel aclarar bem explicitamente, fica sem interpretação segura,

---

Nicht nur Becher wurden aus jenem Vorrathe eifrig gesucht, sondern auch anderes Geräthe. Memoria do Snr. Thiersch p. 486.

(*n*) *Erklärlich wird nun, wie T. Petronius der Consular von diesen Geräthen eine solche Menge besass, dass als nach seinen Tode Nero sie seinen Kindern entreissen*, etc. Idem. ibid.

(*o*) *Restituendum igitur conjecit* (Saxius) capides et pocula: *fassus tamen nullum sibi hac in re librorum esse praesidium.* Rezzonico. Disquisit. Plinianae. T. 2, p. 210, col. 1., na nota que vem de p. 209.

(*p*) *Wetier unten erzählt Plinius, dass eine solche murrina capis Nero um 30 Talente (ungefähr 66:000 fl.) sich erwarb trecentis talentis capidem unam parando.* Idem p. 483.

como veremos. Quanto mais que nenhum Author nos indica que quantidade de murrhinos trouxe Pompeo da Asia para o seu terceiro triumpho. Presume-se, e com bastante fundamento (*q*), que nos 2:000 vasos de onix que, segundo Appiano, se achárão no thesouro que Mithridates tinha em Talauris, se comprehendem os murrhinos que naquella occasião vierão para Roma; porêm nunca ninguem disse em que proporção estavão os murrhinos com os outros vasos preciosos, nem mesmo se todos estes vasos forão transportados para Roma; pelo que não julgo satisfactoria a explicação do Snr. Thiersch que = daquelle provimento se procurárão, não só taças, mas outras alfaias = antes me parece que involve huma especie de contradicção. Se o que se vendeo a beneficio do Erario Romano foi (referindo-se a Appiano) a parte dos *capides et pocula* que não foi consagrada a Jupiter Capitolino, como podião procurar-se daquelle provimento em que, por hypothese, só havia taças, outra cousa que não fossem essas mesmas taças? Alem de que Plinio não falla neste passo em provimento, nem em venda: diz simplesmente que logo que appareceo em Roma a substancia murrhina que descreve, os homens não só entrárão a usar os vasos murrhinos para beber, mas appetecêrão tambem (*etiam*) della (*inde*) outras alfaias, *abacis*, *escariisque vasis*. Por tanto o sentido genuino deste passo parece-me que só pode ser o que resulta da lição = *lapides et pocula* =.

O Snr. Thiersch faz de Petronio e do varão Consular, que teve o calix da grandeza extraordinaria que Plinio aponta, huma só pessoa; attribue á taça que Petronio mandou quebrar, para não passar para a mesa de Nero, o facto de fazer Nero contar na sua presença e guardar os pedaços quebrados; e diz que aos filhos de

(*q*) Vide nesta Memoria a p. 123.

Petronio he que Nero tirou os murrhinos que expoz no seu theatro, etc.; mas parece-me que Plinio caracteriza distinctamente a diversidade destas pessoas e acontecimentos. Eisaqui a ordem em que Plinio os apresenta.

1.° Facto.

Hum varão Consular teve hum calix de extraordinaria grandeza, cujas bordas roeu extasiado na sua belleza, etc.

2.° Facto.

Nero tirou aos filhos deste varão Consular os murrhinos que elles tinhão e expô-los n'hum theatro. Veja-se a duvida que tenho a este respeito (*r*); e note-se ao mesmo tempo que Plinio não diz que Nero tivesse mandado matar este varão Consular.

3.° Facto.

Destes murrhinos que Nero expoz no theatro he que se quebrou hum cujos fragmentos mandou contar na sua presença e guardar, circunstancia positivamente determinada pelo = *qui* (Nero) *vidit tunc adnumerari* =, mencionado logo immediatamente á exposição dos murrhinos no theatro; e este murrhino quebrado não era o calix do varão Consular, nem a *trulla* de Petronio de que depois trata Plinio, mas sim outra especie de vaso, hum *scyphus*.

4.° Facto.

T. Petronio quando estava para morrer por ordem de Nero, quebrou huma *trulla* que lhe tinha custado 300 talentos (texto d'Hardouin) para que não passasse para a mesa do Imperador; e esta *trulla* não era o *calix* do varão Consular, pela differença dos nomes, e do preço; porque a *trulla* tinha custado 300, e o *calix* 70 talentos (texto d'Hardouin).

O epitheto de *Consularis* não pode identificar T. Pe-

(*r*) Nesta Memoria p. 71.

tronio com o *vir Consularis* que teve o *calix*. Já adverti que Plinio não nos diz que este varão Consular tivesse sido mandado matar por Nero, e ainda quando isto assim se tivesse verificado, quantos outros varões Consulares não fez elle perecer? A qualificação de *Consularis* foi por tanto necessaria a Plinio para designar qual T. Petronio foi victima da crueldade de Nero, porque aliás, havendo necessariamente em Roma muitos T. Petronios, era impraticavel conhecer aquelle a quem respeitava o facto.

Pelo que fica ponderado parece-me que nem a ordem com que estes acontecimentos estão enunciados por Plinio, nem o modo por que elle se exprime, permittem que se duvide de que sejão diversos.

Não podia escapar á penetração do Snr. Thiersch que o *circumagentibus se maculis in purpuram*, etc. explicava as côres provenientes da luz reflectida, segundo a diversa posição do vaso, e do espectador, porêm prevenido pela idea anticipada de que esta variedade de côres era o effeito de ser a pintura natural dos murrhinos de furta-côres (*s*), dá como fundo da côr da substancia murrhina o vermelho e o branco (*t*), em lugar do ama-

---

(*s*) A massa dos murrhinos fazia furta-côres = *der Masse: dass er aber sogar spiegelte und schillerte in einer Art*, etc. Memoria do Snr. Thiersch p. 474, § 3.

As manchas erão de furta-côres — *versicolores* —. Idem p. 476, 2 vezes; p. 477 — *Farbenspiel* —; p. 479, § 6 = *Farbenspiel* —.

(*t*) Vermelho e branco = *in Roth und Weiss.* = Ibid. p. 492. Brilhavão as côres encarnada e branca, e huma mistura de ambas = *da die Murrinen des Plinius in Roth und Weiss und in der Mischung von beiden schimmerten.* Ibid. p. 492.

Branco e vermelho erão as côres fundamentaes dos murrhinos = *Weiss und roth waren die Grundfarben der murrina.* Ibid. p. 501.

As côres fundamentaes da murra erão branca e vermelha, e nós vimos que estavão misturadas em humas, e distinctas n'outras, e fazia furta-côres = *Die Grundfarben der Murra waren Weiss und Roth und wir sahen, dass in einigen sie getrennet in andern gemischt waren und ein Farbenspiel bildeten.* Ibid. p. 507.

rello. O furta-côr procede da combinação de differentes côres que se misturão, se confundem, sahem humas sobre outras, e se separão conforme o modo por que recebem a luz; mas para se produzir o furta-côr he necessario que as côres que entrão na combinação se prestem a ella, o que não me parece que possa verificar-se no vermelho e branco. O furta-côr designa-se em Latim pela palavra *versicolor* de que usou Plinio (*u*), e de que se servio tambem o Snr. Thiersch (*x*); mas não foi esta a que o Author Romano empregou na descripção dos murrhinos porque não era essa a qualidade que elle queria designar, visto que a causa da variedade de côres que apresentavão os murrhinos, mudando de posição os vasos, não era o ser de furta-côres a materia de que erão formados, mas sim serem os raios da luz reflectidos diversamente pelas pequenas camadas d'ar contidas nos intervallos que deixão entre si as fendas e rachas que interrompem a continuidade da materia dos vasos murrhinos, circunstancia que não depende de côr nenhuma particular, porque se deriva d'hum principio geral d'optica applicavel a todas, e por isso se observa na opala que he branca, etc.; porque = « toda a materia fluida ou so- » lida d'hum certo gráo de delgadeza, e incluida entre » dois meios d'huma densidade differente da sua, refle- » ctirá, variando a sua grossura, huma serie de côres » diversas, e sendo constante, huma côr uniforme con- » nexa com a força reflexa que resulta desta grossu- » ra (*y*). = » Por tanto não era necessario que o fun-

(*u*) *Tingit ars, veluti cùm calculi fiunt, quos quidem abaculos appellant, aliquos etiam pluribus modis versicolores*, fallando do vidro. Hist. Nat. L. 36, cap. 67, T. 9, p. 784 etc.

(*x*) Veja-se a nota (*s*).

(*y*) *Toute matière fluide ou solide, ayant un certain degré de ténuité, et renfermée entre deux milieux d'une densité differente de la sienne, réfléchira, si son épaisseur varie, une suite de couleurs diversifiées, et si elle est constante, une couleur uniforme assortie au pouvoir réfléchis-*

do da côr dos vasos murrhinos fosse vermelho e branco para produzir o phenomeno da = *purpura candescente, aut lacte rubescente* = de Plinio (*z*), côres que não tinha a myrrha, que era amarella, loura, *fulva* (*aa*), de cuja côr se derivou o nome da pedra murrhina; porque tinha a côr da myrrha (*bb*). E a mesma côr da myrrha tinhão outras pedras de que fazem menção os antigos (*cc*).

Entende o Snr. Thiersch que as = *maculae pingues* =, que agradavão a alguns, se oppõem a = *maculis se circumagentibus* =, e são por isso lugares com côres que não se reflectem, ou sem cambiante, e por consequencia de côres mais fixas, e mais opacas; e que estas manchas mostrão huma côr de fogo escuro (*dd*).

Parece-me que = *maculae pingues* = são simplesmente manchas maiores.

Pinguis significa no sentido proprio, como todos sabem, gordo, e desta significação se derivarão diversas accepções translatas da mesma palavra, segundo os diversos effeitos que podia produzir a gordura, e que constituirão as relações que se observárão entre o sentido proprio, e o metaphorico. Consequentemente:

Porque as pessoas gordas são de commum obesas,

---

sant qui résulte de cette épaisseur. Haüy Traité de Minéralogie, T. 2, p, 458. Veja-se desde p. 456.

(*z*) Nesta Memoria p. 74.

(*aa*) Veja-se a p. 118 desta Memoria, e a p. 115.

(*bb*) Veja-se a p. 118 desta Memoria.

(*cc*) A Aromatites, e a Myrrhites. Veja-se a nota 204, e a p. 100 desta Memoria.

(*dd*) *Offenbar werden die maculae pingues, an welchen Einige Wohlgefallen hatten, den maculis se circumagentibus entgegengesetzt, und sind also bunte Stellen ohne Reflex oder Wechsel, also von fester und stumpfer Farbe.* Memoria do Snr. Thiersch, p. 479, § 6.
ferner die maculas pingues, was auf dunkelglühende Färbung hinweiset, ibid. p. 493.
Daneben aber lässet die Erwähnung der pingues maculae auf eine Gattung mit dunkler Färbung schliessen: ibid.

e de movimentos tardios, servio *pinguis* para designar hum engenho embotado, rombo, sem *acumen* (*ee*).

Porque os animaes gordos são mais abundantes de succos nutrientes, se disse que os campos mais ferteis erão — *pingues* —, de que ha tantos exemplos que não he necessario cita-los.

Porque o que he gordo tem mais grossura, e he menos delicado, deo-se o nome de *pingues* aos tecidos de lã mais fortes e grosseiros (*ff*).

Porque tudo o que he gordo he mais volumoso, se chamou ao cabello muito abundante *pinguissima coma* (*gg*).

E porque (dando mais latitude á accepção antecedente) o que he gordo he maior, se empregou *pinguis* para significar o augmento de grandeza, o que avulta, o que he maior, applicando este termo á chamma (*hh*), ás palavras (*ii*), e no modo adverbial *pinguiter*, *pinguius*,

(*ee*) . . . . . *hac prece te oro*,
Pingue *pecus domino facias*, *et cetera*, *praeter*
Ingenium. Horacio Satir. L. 2, Satir. 6, v. 13, Ed. de Doering, T. 2, p. 207; e na nota diz o Commentador = *ludit in voce* pingue, *primum proprie de corpore*, *deinde per translationem* de ingenio *posita*; *ingenium* pingue *est tardum*, *hebes et ineptum*, *quia corpus quoque* pingue *tardum et rebus agendis ineptum est*. =

Pingue *sed ingenium mansit nocituraque*, *ut ante*,
Rursus erant domino stolidae praecordia mentis.

Ovid. Metam. L. 11, Fab. IV, e 148. Ed. Burmanni, T. 2, p. 757 etc.

(*ff*) Pingues *aliquando lacernas*.

Juvenal Satir. 9. v. 28. Ed. Ruperti, T. 1, p. 180.

Hanc tibi Sequanicae pinguem *textricis alumnam*,
Quae Lacedæmonium barbara nomen habet,
Sordida sed gelido non aspernenda Decembri,
Dona peregrinam mittimus endromida.

Marcial. Epigr. L. 4, Epigr. 19, v. 1 e seguintes. Ed. Smids p. 154. *Hieme quaternis cum* pingui *toga tunicis* . . . . *muniebatur*. Suetonio. Octavius, cap. 82. Ed. de Baumgarten-Crusius. T. 1, p. 343.

(*gg*) *Insignes* pinguissima *coma et excellentissimo cultu pueri*. Suetonio. Nero, cap. 20, Ed. de Baumgarten-Crusius. T. 2, p. 111, e Veja-se T. 3, p. 595.

(*hh*) *Da mihi tura*, *puer*, pingues *facientia flammas*. Ovidio Trist. L. 5. Elegia 5.ª, v. 11. Ed. Burmanni, T. 3, p. 669.

(*ii*) *Quare qui a Latinis exigit illam gratiam sermonis Attici*, *det*

em maior porção, com mais grandeza, *uberius, largius* (*ll*); e neste sentido usou Plinio de *pingues*.

Por tanto parece-me que *maculae pingues* não quer dizer, em contraposição a *maculis circumagentibus*, lugares com côres que não se reflectem, e de côres mais fixas e mais opacas, o que, até certo ponto, contradiz a idea de gostarem alguns mais das *maculae pingues*; porque consistindo a belleza dos murrhinos na variedade das côres; não he natural que se estimassem mais os que menos tinhão essa variedade, e que não apresentavão os visos brilhantes e acatasolados, que aformoseavão os outros. E tambem esta opinião encontra a theoria expendida ácerca da causa do cambiante da pedra murrhina que para se realizar não está sugeito á maior ou menor intensidade das côres.

Para concordar o verso de Propercio

Murreaque in Parthis pocula cocta focis,

com a descripção de Plinio reproduz o Snr. Thiersch a distincção, já feita por outros, entre murrhinos verdadeiros, e murrhinos falsos, sendo verdadeiros os que descreve Plinio, e falsos os de Propercio; e applica aos murrhinos falsos o *fit et album et murrhinum* de Plinio (*mm*).

O empenho em sustentar a opinião de Propercio produzio esta distincção que (em quanto a mim) não existe, e que Plinio não menciona. Expuz na minha Memoria o que julguei opportuno, tanto a respeito do lugar de Propercio, como do de Plinio (*nn*); e o Snr.

---

mihi in eloquendo eandem jucunditatem, et parem copiam. Quod si negatum est, sententias aptabimus, nec rerum nimiam tenuitatem, ut non dicam pinguioribus, *fortioribus certe verbis miscebimus, ne virtus utraque pereat ipsa confusione.* Quintiliano. Instit. Orat. L. 12, cap. 10, § 35, Ed. Gesneri, Gottingae 1738, p. 626.

(*ll*) Vejão-se os Diccionarios de Gesnero e de Forcellini.

(*mm*) Memoria do Snr. Thiersch p. 496 e seguintes.

(*nn*) Nesta Memoria p. 101, e p. 94.

Thiersch me suggere mais hum fundamento para não admittir a distincção de murrhinos falsos e verdadeiros. Diz elle = « Podia ter lugar huma pergunta: Como he » que Propercio, devendo já conhecer os verdadeiros » murrhinos, falla dos falsificados em hum passo em que » se tratava de indicar as cousas melhores que dos Pai- » zes Estrangeiros vinhão para Roma? E não se deduz » antes do contheudo do mesmo passo que elle mencio- » na as qualidades mais excellentes, e que apparecendo » alli os murrhinos como *cocta*, estes erão os verdadei- » ros, e que o vidro murrhino era unicamente huma co- » pia fraca delles (*oo*)? = » E eu farei mais outra pergunta:

Como he que Propercio, que foi o primeiro que fallou em vasos murrhinos, e que era tão proximo á sua introducção em Roma, fallou dos falsos e não dos verdadeiros? Já no tempo de Propercio era tão conhecida a substancia murrhina que se sabia adulterar; e já erão tão communs os vasos murrhinos falsos? A resposta do Snr. Thiersch he que = « não ha necessidade de tomar » precisamente aquella como a especie mais preciosa dos » murrhinos. São presentes que a alcoviteira promette a » huma rapariga sem experiencia a quem quer alliciar, » estofas de purpura, vestidos da Ilha de Coz, urnas » de Thebas, e taças murrhinas dos fornos Parthicos; e » se os verdadeiros murrhinos tinhão aquelles enormes » preços que nós sabemos por Plinio, com difficuldade

(*oo*) *Noch liesse sich die Frage erheben: wie Propertius dazu gekommen, da ihm die ächten Murrinen doch bekannt seyn mussten, der unächten in einer Stelle zu gedenken, in welcher das Beste, was die Fremde nach Rom liefert, soll bezeichnet werden? Ist nicht vielmehr aus diesem Inhalt seiner Stelle zu ersehen, dass er das Vorzüglichste der Gattung erwähnt und dass also, da hier die Murrinen als cocta erscheinen, diese gerade die besten also die ächten waren, von welchen das murrinische Glas nur eine schwache Nachbildung gab?* Memoria do Snr. Thiersch, p. 501.

» podião esperar-se como presentes d'hum amante na-
» quella occasião, ao mesmo tempo que, por maneira
» nenhuma, podião ser delles excluidos os *murrina cocta*,
» em razão da sua belleza e valor, antes figuravão bem
» a par d'hum vestido novo de Tyro, ou de Coz (*pp*). = »

O assumpto da Elegia de Propercio, em que vem o verso que tanto tem dado que fazer, he invectivar contra huma velha feiticeira e alcoviteira, que tinha morrido, e de quem o Poeta tinha tambem razões de queixa; e o passo por inteiro he o seguinte:

Consuluitque striges nostro de sanguine, et in me
Hippomanes foetae semina legit equae,
Exornabat opus verbis, ceu blanda pererret,
Saxosamque terat sedula lympha viam:
Si te Eoa, Draxanium, juvat aurea ripa,
Et quae sub Tyria concha superbit aqua:
Eurypylisque placet Coae textura Minervae;
Sectaque ab Attalicis putria signa toris:
Seu quae palmiferae mittunt venalia Thebae,
Murreaque in Parthis pocula cocta focis:
Sperne fidem, provolve deos, mendacia vincant,
Frange et damnosae jura pudicitiae (*qq*).

Trata-se aqui de prometter a huma mulher, para a se-

(*pp*) *Indess ist keine Nothwendigkeit, dort gerade die edelste Gattung der Murrinen anzunehmen. Es sind Gaben, welche die Kupplerin dem unerfahrenen Mägdlein verspricht, das sie verlocken will, Purpurstoffe, Coische Gewande, Urnen aus Theben und murrinische Becher aus parthischen Oefen, und waren die ächten Murrinen von jenen enormen Preisen, welche wir aus Plinius kennen, so konnten sie kaum bei solcher Gelegenheit als Liebesgabe erwartet werden, und die murrina cocta zumal auch bei ihnen Schönheit und Werth keineswegs ausgeschlossen sind, stehen ganz füglich neben einem neuen Kleide aus Tyrus oder Cos.* Ibid. p. 502.

(*qq*) Propercio, L. 4, Eleg. 5, v. 17 a 28, Ed. de Kuinoel, T. 1, p. 356.

duzir, tudo quanto ha de mais precioso: ouro, purpura, vestidos exquisitos e custosos, as figuras dos leitos Attalicos, vasos de vidro fabricados em Thebas, que são os *toreumata Nili* de Marcial (*rr*); e parece-me por consequencia que não podião escolher-se para acompanhar tantos objectos do luxo mais ostentoso os vasos murrhinos falsos. O Snr. Thiersch julgará se a sua resposta satisfaz completamente á sua pergunta, á minha, e ás reflexões que tenho feito sobre este passo de Propercio.

Termina o Snr. Thiersch a sua Memoria inculcando como murrhinos os fragmentos de dois vasos de que apresenta a figura (Estampa N. 3); porêm pertencendo á classe dos murrhinos falsos, p. 503 a 509.

Como eu não admitto semelhante classe de murrhinos, farei huma unica observação a este respeito.

Nem Plinio, nem nenhum Author da antiguidade indicárão nos vasos murrhinos ornato algum que cubrisse, ou de qualquer modo occupasse mais ou menos, a sua superficie; antes pelo contrario estes ornatos encobririão a belleza dos vasos que consistia na variedade das côres, como se colhe de todos os passos dos Authores Classicos produzidos nesta Memoria; e por isso os sabios decidiráõ onde haverá mais similhança com a materia dos vasos murrhinos, se na substancia dos artefactos das estampas 1 e 2, ou na da estampa 3, que mostra, como se vê da mesma estampa, e o Snr. Thiersch o declara, dois fragmentos d'huma massa de fundo azul sobre que assenta, em relevo, outra massa branca em que se abrirão figuras? E se devendo os artefactos com que se pretende arremedar os productos verdadeiros, chegar-se quanto for possivel á natureza, huma massa de fundo azul tem alguma parecença com a pedra mur-

(*rr*) *Tolle puer calices tepidique toreumata Nili*, L. 11, Epigr. 12, v. 1, Ed. de Smids, p. 452: os vasos de vidro que do Egypto vinhão para Roma.

rhina, cujo fundo (mesmo segundo a hypothese do Snr. Thiersch) era vermelho e branco.

A mim parece-me que estes fragmentos pertencêrão a vasos de barro ou de vidro sobre cuja superficie se estendeo huma camada de massa branca, que pode comparar-se, até certo ponto, á de que se fazem os camafeos, e que nella se cortárão as figuras.

EXPLICAÇÃO DAS ESTAMPAS.

Estampa 1.ª

A face *B* he opposta á face *A*.
A face *C*, e a que lhe he opposta, são identicas, e ficão lateraes ás faces *A* e *B*.
aa são jaças.
bb representão o tecido alveolar.
ccc são as *verrucae, non eminentes, sed ut in corpore etiam plerumque, sessiles.*

Estampa 2.ª

A representa a urna vista por hum lado.
B representa o outro lado da urna com as *maculae pingues.*
As manchas brancas e amarellas, que estão defronte das lettras *a* e *b*, representão o effeito da luz cahindo sobre a superficie lisa da urna.

Estampa 3.ª

A e *B* são dois fragmentos de vasos.
b mostra a fractura dos dois fragmentos, em que se vem claramente as duas massas azul e branca sobrepostas huma a outra.

a
a
b
b
c
c
c
c
A
B
C

A

B

V. C. do S. fec 1838.

A

.C. da S. fez 1838.

JS. sculp.

GETTY CENTER LIBRARY
3 3125 00041 6517